

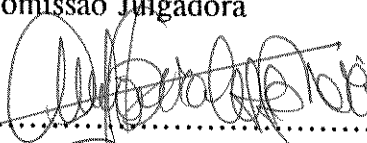
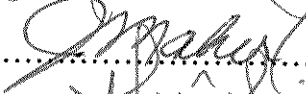
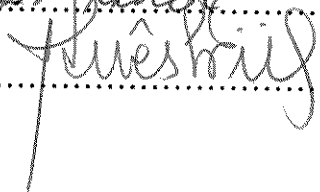
O VESTIBULAR E A ESCOLHA PROFISSIONAL

Este exemplar corresponde à re-
dação da Dissertação defendida por
Maria Inez Masaro Alves a apro-
vada pela Comissão Julgadora
Data 26/05/88

516.528

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação na Área de Concentração de Psicologia Educacional à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Maria Inês Fini. *ℵ*

Comissão Julgadora


.....

.....

.....

Agradecimentos

À minha mãe, Ernestina, que me ensinou a acreditar nos sonhos, perseverar e lutar para que eles se concretizassem.

A meu pai, Luciano, a quem devo seguir o exemplo de humildade e trabalho.

A meu marido Lutero, pela compreensão de meus limites e pelo companheirismo em todos os momentos da caminhada.

A meus filhos, Edigar, Eloiza, Estela e Evandro pela energia positiva que me passaram e por mostrarem com seus atos a força regeneradora da juventude.

A Adair, Aladir, Antonio Ilício, Otto, Gilberto, Maria Aparecida e Dorival pelo incentivo da afeição fraterna.

À minha orientadora, Maria Inês Fini, que imprimiu a seu papel não apenas a tarefa de orientar, mas acima de tudo instigou-me na procura da verdade, deu-me a confiança necessária à liberdade de sonhar, trilhar meu caminho e realizar meu projeto.

À Anita Liberalesso Neri pela presença constante e sugestões abalizadas.

À James Patrick Maher pelas interferências técnicas indispensáveis durante o processo de levantamento e tratamento dos dados da pesquisa.

Ao CNPq, Conselho Nacional de Pesquisa pelo apoio institucional e financeiro, decisivo no desenvolvimento deste trabalho.

A FAEP, Fundo de Apoio ao Ensino à Pesquisa, pelo auxílio financeiro necessário no momento do tratamento dos dados coletados.

À COMVEST, Comissão de Vestibular da UNICAMP, pelo acesso aos dados arquivados permitindo o enriquecimento de minha análise.

À direção, professores e funcionários das escolas pesquisadas cuja atenção permitiu que minha trajetória fosse mais agradável.

Aos jovens, sujeitos da pesquisa, pelo carinho com que me receberam, pela seriedade com que responderam aos questionários sem os quais não seria possível a pesquisa.

À memória de Eduardo

Antemanhã

*O mundo está começando
agora, na tua mão.
Cuidado! de tua palma,
aberta sob as estrelas,
o mundo está começando
a se erguer: como se fosse
um pássaro que se acorda,
que acabou de se acordar,
e vai sair para um vôo
- porque tem fome de céu.
(Tomara que seja azul)*

*É um pássaro velho,
o mundo, mas ainda sabe dormir
como um menino. Ainda pode
esquecer o seu chão triste
- para sempre - entre as funduras
de algum mar que se acabou.
Pássaro velho, o teu mundo,
entretanto ainda consegue
- tal como agora, repara! -
inventar subitamente
um vôo e um rumo - e se alçar
cantando uma canção nova
canção feita de manhãs.*

*É sobretudo ainda sabe
chegar - mas como quem chega
a um lugar que nunca viu
(mas onde sempre morou)
e que o vai achando lindo,
como se nunca jamais
tivesse te visto, e vai
chegando e vai repousando
um sorriso em teu olhar,
e então te ama, o velho mundo.*

*E, porque ama - quem diria!,
murcho e seco parecia! -
se esquecer tão docemente
de que já é velho e era gasto,
e de repente se perde
do tempo que ele trazia
e, louco, vai começando
como um frágil passarinho
acabando de nascer.*

*Pois então, muito cuidado,
que o mundo está começando.
Da palma de tua mão,
já esta erguendo, lá vai
o pássaro - de tão lindo,
nem parece velho - voando
já está voando, e vai voando
- e é cristalina a manhã.*

Thiago de Mello

RESUMO

Este estudo, de caráter descritivo, é específico da área de Orientação Educacional com o objetivo de detectar as justificativas, para a escolha profissional do jovem, na opção para o exame vestibular.

Procede a análise do concurso vestibular enquanto momento da escolha e suas implicações futuras, partindo da revisão crítica das teorias disponíveis sobre escolha profissional, discutindo teoricamente o trabalho como exercício da profissão escolhida, caracterizando o jovem sujeito da escolha.

A análise é feita com os dados de uma extensa pesquisa empírica com alunos dos terceiros anos dos cursos colegiais das escolas públicas e particulares e dos cursos pré-vestibulares da cidade de Campinas com um total de 4033 (quatro mil e trinta e três) sujeitos.

As conclusões tiradas mostram que vários são os fatores apontados como determinantes da escolha, distinguindo-se como relevantes o gosto pessoal, a identificação do indivíduo com a profissão escolhida; a qualidade da faculdade que oferece cursos com maior credibilidade no mercado; a proximidade da faculdade em relação à residência do estudante e as perspectivas favoráveis da profissão dentro do mercado de trabalho.

ABSTRACT

This descriptive study, specific to the area of education orientation, has the objective of detecting the justifications made by young people for career choice options on college entrance examinations.

Analyzing the college entrance examination as a moment of choice with future implications, we start with a critical revision of available theories about professional choice, then theoretically discuss work as the exercise of the profession chosen, and characterize the young chooser.

Based upon data from an extensive empirical research study of third year public and private high school students and students of college entrance examination preparation course in the city of Campinas, the responses of a total of 4.033 students were analyzed.

The conclusions demonstrate that there are various factors that determine choice. Among those identified as relevant are: personal tastes, the identification of the individual with the profession chosen; the quality of the institution that offers the course in terms of market credibility; the proximity of the institution to the students residence; and the favorable employment perspectives of the profession within the job market.

ÍNDICE

CAP.I - INTRODUÇÃO	4
I.1 - O Trabalho - Objeto da Escolha	11
I.2 - Teorias da Escolha	17
I.2.1 - A Teoria Traço-e-Fator	18
I.2.2 - As Teorias Psicodinâmicas	18
I.2.3 - As Teorias Desenvolvimentistas	19
I.2.4 - Teorias Decisionais	20
I.2.5 - Teorias Socio-Econômicas	21
I.3 - O Jovem - Sujeito da Escolha	25
CAP.II - A ESCOLHA	57
II.1 - Revisão Bibliográfica	59
II.2 - Estudo Piloto	63
CAP.III - METODOLOGIA	69
III.1 - População	70
III.2 - Instrumento de Pesquisa	71
III.3 - Descrição do Instrumento	71
III.4 - Aplicação do Instrumento	72
CAP.IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	73
IV.1 - 1a. Parte Caracterização de todos os sujeitos pesquisados.	74
IV.2 - 2a. Parte Apresentação dos dados dos sujeitos que não fizeram inscrição no vestibular 92	84
IV.3 - 3a. Parte Apresentação dos dados dos sujeitos que fizeram inscrição no vestibular 92	91
CAP.V - CONCLUSÃO	124
CAP.VI - PROPOSTAS	127

BIBLIOGRAFIA	128
ANEXO I	138

APRESENTAÇÃO

É indiscutível a dificuldade que o jovem tem, neste final de século, para conciliar realização pessoal com sobrevivência, dentro de um mercado de trabalho em crise e em constante mudança. É indiscutível também, a existência de um grande número de profissionais inadaptados à profissão por escolhas mal feitas, por formação deficiente ou por falta de opções. Estas dificuldades trazem ao jovem ansiedades e angústias, tirando-lhe toda a energia criadora e reformadora das quais são o depositário maior.

Em um país como o Brasil onde o problema fundamental em Educação é a falta de vagas para as crianças de primeiro grau, é inadmissível que se desperdice até seis mil dólares aluno/ano na formação universitária de jovens que incertos quanto a carreira escolhida, mudam de cursos com frequência ou que após uma formação universitária desinteressada, passam a desempenhar funções completamente alheias à profissão para o qual foram habilitados.

A este respeito é feita a seguinte pergunta:-

Será que o jovem escolhe ou é escolhido?

Martins, 1980, dizia que:-

*"o homem não escolhe a família onde nasce, não escolhe a cultura da qual participa, nem escolhe as várias situações nas quais foi posto, jogado. Dentro desses limites criados pela circunstancialidade, porém o homem tem a possibilidade, tem a capacidade, a aptidão para escolher. Ser humano é estar em contínua situação de escolha, de correr riscos nessa escolha, de assumir compromissos e de sofrer as consequências das escolhas feitas. Sem riscos não há opções significativas para o Ser e sem elas não há liberdades."*¹

¹Martins, J. Bicudo, M.A.V. "Estudo Sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação" S.P. Moraes. 1980. pág.42.

Ao falar de escolhas, Kierkegaard afirmava que a vida real não deseja encerrar-se dentro de um sistema, pois não consiste em ajustar-se, mas em escolher; que são as incertezas e as ameaças que constituem a essência da liberdade e que a verdade reside apenas na subjetividade e não separa nem isola em elementos unitários o homem e seu mundo.

Ainda sobre escolhas humanas recorreremos a Sartre de quem é conhecida a afirmação de que o homem não é nada mais do que aquilo que se projeta a ser.

Mas será que o jovem dentro de sua condição humana, consegue construir sua vida seguindo o projeto que tem em mente? Será que o jovem tem conseguido seguir o caminho que deseja concretizando seus ideais e sonhos?

Com tal indagação, esta pesquisa procura detectar as influências sofridas pelo jovem no momento específico da escolha de carreira, na busca de subsídios para o trabalho do Orientador Educacional mais especificamente do Orientador Vocacional, área pouco favorecida em pesquisas de campo e em referências teóricas.

O resultado deste trabalho foi estruturado em cinco capítulos.

O capítulo I apresenta o contexto onde o jovem vai fazer sua escolha, o momento histórico vivido com as mobilidades e expectativas do mercado onde vai atuar como profissional habilitado. O trabalho, objeto da escolha é abordado em um enfoque não de castigo que o homem tem que cumprir, mas como uma condição para sua realização pessoal no encontro da felicidade. A inclusão das Teorias da Escolha procuram mostrar as perspectivas de alguns teóricos com relação à escolha profissional do jovem. Finalmente este capítulo procura dar a conhecer O Jovem, sujeito da escolha, no desenvolvimento de sua identidade, com suas habilidades, interesses e necessidades.

O capítulo II levanta as pesquisas realizadas sobre o tema, mostrando a insuficiência das mesmas com relação ao esclarecimento de aspectos mais abrangentes da escolha profissional do jovem.

O capítulo III apresenta a metodologia adotada para responder às questões norteadoras, descrevendo o instrumento de pesquisa, localizando a população-alvo, detalhando os procedimentos e explicitando o tratamento dos dados.

O capítulo IV apresenta e analisa os resultados.

O capítulo V traz a conclusão sobre os dados analisados e algumas propostas para ações efetivas do Orientador Vocacional.

CAPÍTULO - I

I - INTRODUÇÃO

O exercício de uma profissão, quase sempre, está ligado às necessidades do meio social. Não se constroem monjolos em planícies, muito menos moinhos em quedas d'água². O jovem que vai escolher uma profissão deve estar preocupado com a realidade que o envolve.

O jovem que neste momento procura uma Universidade para habilitar-se a uma profissão, estará entrando no mercado de trabalho no limiar do século XXI cabendo-lhe portanto questionar:-

Que futuro nos aguarda?

Esta pergunta é feita por Adam Schaff³, ao tratar do que ele chama de "futuurologia" socio-política onde fala da Segunda Revolução Técnico-Industrial. A primeira, situada no final do sec. XVIII e início do XIX, teve o principal mérito de substituir a força física do homem pela energia das máquinas. Agora, final do sec. XX a revolução que estamos assistindo, diz respeito a ampliação das capacidades intelectuais do homem.

A principal significância deste acontecimento é que cada vez mais o trabalho humano está sendo substituído por autômatos na grande expansão da microeletrônica. Neste sentido os japoneses pretendem eliminar completamente o trabalho manual. Analistas que produziram o

²Alves, Rubem. "Estórias de quem gosta de ensinar". S.P. Cortez. 1986.

³Schaff, Adam. "A Sociedade Informática". S.P. Brasiliense - UNESP. 1990.

relatório para o "Science Council of Canada Report" prevêem que 25% dos trabalhadores perderão seu emprego, substituídos pela automação, até o final do século. Esta perspectiva para o primeiro mundo, leva à conclusão de que os países ricos não mais estarão interessados na mão de obra barata dos países periféricos. Consequentemente estes terão um enorme exército de desempregados beirando mesmo a uma convulsão social, fato este que alguns teóricos afirmam já estar acontecendo.

A revolução da microbiologia, ao interferir na engenharia genética, é também fator essencial para Schaff. Através dela, no sec. XXI, o homem não só estará mais capacitado para dominar a natureza orgânica em geral, mas também seu próprio "eu". Isto traz grandes esperanças não só na cura de doenças congênitas ou adquiridas como também na produção de novas variedades de plantas que saciarão a fome dos povos que sofrem por escassez.

Outro marco na revolução do sec XXI. é a procura de novas fontes de energia. Além da utilização da energia tradicional, haverá avanços na utilização da energia solar, energia geotérmica, energia das marés e principalmente da energia nuclear. A fusão do átomo proporcionará recursos energéticos ilimitados para todos os fins, fazendo com que o homem chegue mesmo a desejar dominar o espaço cósmico.

A tríade revolucionária, formada pela microeletrônica, microbiologia e pela energia nuclear, que compõe o alicerce do futuro da humanidade, trará uma série de implicações sociais. A este respeito, Schaff diz que não basta as grandes potências darem um tratamento superficial a estes problemas globais, encobrendo-os ou dando-lhes soluções paliativas. O olhar não deve ser de assombro mas, de enfrentamento. As experiências cíclicas mundias têm mostrado que as soluções mais "econômicas" - minimizar os custos e maximizar os resultados - são sem dúvida, as soluções pacíficas e principalmente preventivas.

Steiner⁴, não nega que a ciência e a tecnologia trouxeram consigo graves problemas de dano ambiental, de desequilíbrio econômico e de distorção moral e que em termos de ecologia e de ideais de sensibilidade, o custo das revoluções científico-tecnológicas dos quatro últimos

⁴Steiner, G. "O Castelo do Barba Azul" S.P. Companhia das Letras 1990.

séculos tem sido muito alto e que embora exista uma certeza de que a investigação intelectual precisa mover-se para a frente, a verdadeira questão é saber se certas linhas de investigação devem ser continuadas e se a sociedade e o intelecto humano, em seu presente nível são ou não capazes de sobreviver às próximas verdades. Existem dilemas que estão além de quaisquer outros já surgidos na história e pode ser que ao abrir a próxima porta do conhecimento nos deparemos com realidades ontologicamente opostas à nossa sanidade e a nossas limitadas reservas morais. Steiner pergunta ainda se a pesquisa genética deve continuar, caso leve à verdades sobre as diferenciações das espécies cujas consequências morais, políticas e psicológicas não temos capacidade de enfrentar; ou se estamos livres para prosseguir nos estudos neuroquímicos e psicofisiológicos que dizem respeito às formas sobrepostas e parcialmente arcaicas do córtex, se tais estudos trouxerem o conhecimento de que ódios étnicos, a necessidade de guerra ou aqueles impulsos à autodestruição sugeridos por Freud são fatores herdados. Steiner supõe também que as verdades buscadas pelo homem podem preparar-lhe emboscadas que poderão romper a afinidade entre o pensamento especulativo e a sobrevivência. Entretanto, para ele, entre os homens, o limiar de apreensão foi formidavelmente abaixado e assim o homem civilizado continua em marcha para frente, social e intelectualmente, e em nenhum outro período da história houve um avanço científico e tecnológico com o crescimento exponencial na velocidade, multiplicidade e efeitos como os que estamos assistindo.

A tecnologia que partiu da máquina a vapor até chegar à microeletrônica, tinha como principal objetivo, acelerar a produção, diminuir o tempo e produzir a mais valia relativa. Este processo chegou a tal ponto que o homem está sendo substituído pela técnica e gradativamente o trabalho manual está chegando ao ponto zero nas nações do primeiro mundo, provocando o desemprego estrutural. A preocupação com este fato já aparece em 1964 quando foi elaborado por uma comissão especial, composta por 37 pessoas do mais alto nível, entre as quais alguns prêmios Nobel, um documento "The Triple Revolution" dirigido ao presidente dos Estados Unidos, onde é proposto, já prevendo a queda de demanda de mão de obra, que a sociedade através de instituições jurídicas e governamentais tome a si o compromisso de garantir os rendimentos necessários aos indivíduos e a suas famílias. Se olharmos por este prisma, sem dúvida podemos prever um aumento acentuado de alocação da mão de obra para empregos com funções burocráticas.

O outro problema que se apresenta, já que a mão de obra está sendo substituída, é a preocupação com a forma do homem gerir todo seu tempo livre. Faz-se necessário um redimensionamento do trabalho não só nas potências do primeiro mundo, já preocupadas com o que seus cidadãos irão fazer em suas horas cada vez mais ociosas, como também nas nações mais pobres, super povoadas, cuja mão de obra barata estará desempregada sem as condições de dignidade e sobrevivência. A este respeito Rattner diz que seria ilusório continuar a alimentar o sonho de uma potência econômico-política a nível mundial, com metade da população analfabeta, vivendo em cortiços ou favelas, por não ter acesso a empregos produtivos e razoavelmente remunerados, também marginalizada da vida política e cultural da nação. Rattner completa dizendo que a nova etapa da industrialização brasileira coloca desafios e tarefas diferentes, em termos quantitativos e qualitativos. Postulando como objetivo básico a integração da maioria da população ao sistema produtivo e à cultura nacionais, as pautas de produção devem sofrer uma reformulação em termos de prioridades, com repercussões na consequente alocação de recursos orçamentários, a política de investimentos e de financiamento e o tratamento a ser conseguido ao capital de risco estrangeiro. Paralelamente a política tecnológica deverá sofrer mudanças significativas em suas metas, estrutura institucional e formas de operacionalização. Rattner coloca ainda como prioritários em nosso país os setores de agro -indústria e produção de alimentos; construção habitacional e infra estrutura básica; vestuário e calçados; medicamentos; papel e celulose; equipamentos e bens de capital isso visando as necessidades básicas da população priorizando o atendimento do mercado interno, deslocando para este os investimentos alocados nas pesquisas de ponta visando o mercado externo⁵.

Pela análise de Rattner, verifica-se que as perspectivas profissionais são diferentes em contextos econômicos diferentes cabendo ter isto em conta quando se busca uma formação profissional inserida em um mercado de trabalho específico.

Voltando a Schaff, vê-se que a ciência assumindo o papel de força produtiva deixará aos cientistas, aos engenheiros, técnicos e administradores a incumbência do funcionamento e do progresso da indústria e dos serviços.

⁵Rattner, Henrique. "Política Industrial-Projeto Social" S.P. Brasiliense. 1988.

O trabalho agrícola continuará diferenciado do trabalho urbano. E embora a aplicação da microeletrônica no maquinário agrícola, tornando possível a realização de operações diversificadas e o emprego da engenharia genética possibilitando incrementar as colheitas e selecionar plantas mais resistentes às condições climáticas, a mão de obra campesina não demonstra que sofrerá mudanças tão significativas, podendo-se esperar, a curto prazo, um mercado um tanto estável, principalmente no que se refere ao trato com os animais.

Outra fonte de preocupação que esta presente em toda sociedade é sem dúvida alguma, a ecologia. A ação humana deteriorou de tal forma o meio ambiente que surgem por toda parte instituições e organismos interessados em preservar o que não foi danificado e em recuperar aquilo que está sendo destruído. Por isso, também neste campo, podemos antever perspectivas favoráveis de mercado de trabalho nos mais diversos níveis, seja na área de humanas, exatas ou biológicas.

Serão portanto os cientistas, engenheiros, técnicos e administradores os grandes responsáveis pelo futuro da raça humana. Serão eles que terão o domínio da microeletrônica, da microbiologia, da energia nuclear. É uma responsabilidade inquestionável, uma vez que todo este poder poderá causar danos irreparáveis se estiverem sob ingerência de profissionais inconsequentes, mal formados, mal adaptados e insatisfeitos com aquilo que produzem.

Somos responsáveis apenas por aquilo que escolhemos realizar livremente. O homem só é livre, realizado e responsável em seu trabalho, quando este é a concretização de seu SER.

Para Eckhart, citado por Fromm⁶ o "ser" é a realidade, o espírito que nos move, o caráter que impele nossa conduta; Ser é vida, atividade nascimento, renovação, jorro, fluidez, criatividade. Ser significa estar atuante, no sentido clássico da manifestação criativa dos poderes humanos de cada um, e não simplesmente, no sentido moderno de estar ocupado.

Fromm (1976)⁷, diz que o sentido moderno de atividade não faz distinção entre atividade

⁶Fromm, Eric. "Ter ou Ser?". R.J. Guanabara. 1987. pag. 77.

⁷Idem ibidem

e ocupação, mas há uma diferença fundamental entre os termos, que correspondem às expressões "alienado" e "não alienado" com respeito às atividades. Na **atividade alienada**, o homem não se sente como sujeito atuante de sua atividade, é como algo "pairando", distinto dele, acima dele e contra ele. Na atividade alienada o homem de fato não age; é atuado por forças internas ou externas. Torna-se distinto do resultado de sua atividade. Porém, na **atividade não alienada**, o homem sente-se como sujeito de sua atividade. Atividade não alienada é um processo de dar a luz alguma coisa, de produzir alguma coisa e permanecer relacionado com ela. Isso também, implica que a atividade seja uma expressão de seus poderes, que o "eu", sua atividade e o resultado de sua atividade sejam uma só coisa. Para Fromm a atividade não alienada é a atividade produtiva. A saúde mental, é, em última análise, manifestação do viver de modo correto; a doença mental é sintoma de falha em viver de acordo com as exigências da natureza humana. Spinoza dizia que nós, seres humanos, temos uma inerente e profunda ânsia de ser, de exprimir nossas faculdades, de sermos ativos, de nos relacionarmos com outros, de fugir à prisão do egoísmo. Uma sociedade que tem como princípios a aquisitividade, o lucro e a propriedade, orienta o caráter social no sentido do TER para garantir sua sobrevivência. E uma vez que o padrão dominante seja estabelecido, ninguém deseja ser marginalizado. Para evitar esse risco, todos se adaptam à maioria. O sucesso depende, em geral, de como as pessoas se vendem bem no mercado, como impõem sua personalidade, e da qualidade da "embalagem" depende de serem "joviais" "sadias", "agressivas", "honestas", "ambiciosas", além disso, contam também a tradição do nome de família, os clubes a que se filiam, e o relacionamento com as pessoas "certas". Uma pessoa não se interessa por sua vida e felicidade, mas em se tornar vendável. O objetivo do caráter mercantil é a completa adaptação de modo a tornar desejável em todas as condições do mercado de personalidades. As personalidades de caráter mercantil nem mesmo têm egos (como tinham as pessoas no sec. XIX) a que se agarrar, que lhes pertençam, que não se mudem. Porque estão sempre mudando seu egos, de acordo com o princípio, de que as pessoas são como o mercado deseja que elas sejam. Todavia onde não há um ego autêntico não pode haver identidade.

A 2a. revolução industrial que está provocando o desemprego absoluto e estrutural, todavia, indiretamente está trazendo ao homem um grande benefício, que é o resgate de sua própria identidade. Com o desemprego ele não pode mais se esconder atrás de uma profissão. Com o

redimensionamento do trabalho, o homem enquanto ser oceânico⁸ precisa preocupar-se em encontrar seu verdadeiro "EU" e reformular significativamente sua vida.

Esta tendência ficou clara com a literatura de resignação tão amplamente difundida pelos meios de comunicação que está levando as pessoas a se envolverem em movimentos esotéricos, agnósticos e a procurar o verdadeiro elo de ligação com o sentido da vida. Já não basta ficar alegre matando o tempo que foi tão duramente poupado. Não podemos negar que cada vez mais pessoas sentem o mal do século, sentem-se deprimidas, têm consciência da depressão não obstante todos os empenhos para reprimí-la. Sentem a infelicidade de seu isolamento e o vazio de sua "aglomeração", sentem sua impotência, a falta de significado de suas vidas. O poder aquisitivo da maioria da população está cada vez menor e a felicidade do consumidor do Ter, já não é mais possível. O homem volta-se agora para o Ser na contínua procura da felicidade.

O que é felicidade?

"O tema da felicidade, que no campo da ciência aparece imediatamente como suspeito e arcaico, coloca-se com total naturalidade nas esteiras da sabedoria, do bom senso e da arte. Não há preocupação metodológica em definir, em sistematizar, em mensurar, em testar o que seria felicidade. A preocupação é outra, sobretudo de ordem prática: felicidade se encontra e se faz em comunidade, em convivência, em participação. No fundo não há tema mais importante na sociedade humana, embora tenha sido enxotado da universidade que não sabe o que fazer com ele. Ou talvez o reduza a meras conotações materiais, não só por ideologia, mas

⁸Freud, Sigmund. "O Mal Estar da Civilização." Lisboa. Imago Editora Ltda, 1969. Freud, 1927, atribui a Roman Rolland o conceito de "sentimento oceânico" revelado a ele em uma carta datada de 5 de Dezembro de 1927 e, diz que o compreende como o sentimento e um vínculo indissolúvel de ser uno com o mundo externo como um todo.

também por facilidade maior de manipulação metodológica. "Felicidade é um processo que se encontra na cultura e na história, para além da simples superação dos problemas materiais que nunca são secundários" ⁹

A busca da felicidade pelo homem moderno, nesta sociedade caracterizada por Schaff e Rattner está como fator cultural, vinculada ao trabalho humano em seu sentido psicológico, em sua significação social e em suas formas e possibilidades de realizá-lo.

I.1 - O Trabalho - Objeto da Escolha

"Criou, Deus, pois, o Homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse : "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a e dominai... (Gen. 1, 27-28)

O trabalho é chave fundamental que abriu ao homem o caminho para sua hominização. Foi através do trabalho que o homem tornou-se cada vez mais senhor da terra, submetendo-a a seus anseios e consolidando com isto seu domínio sobre o mundo.

Dominar tem o mesmo radical de Dominus-Domini, Senhor, neste verbo está a identificação do Homem com o Criador. O homem e só ele tem esta vocação divina de dominar, de criar, de exercer poder sobre os demais elementos, de concretizar seus objetivos, prever a consequência de seus atos e de transformar o mundo que o cerca.

Engels diz que:

⁹Lederer, in Demo, Pedro. "Avaliação Qualitativa." S.P. Cortez. 1987 pag. 26.

*"Centenas de milhares de anos, na história da Terra (nada mais que um segundo na vida humana), seguramente se passaram antes que um bando de macacos que trepavam às árvores, surgisse uma sociedade de seres humanos. Mas finalmente, esta se organizou. E que voltamos a encontrar como diferença característica entre aquele bando de macacos e o gênero humano? O TRABALHO"*¹⁰

Para Marx,

*"Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeças e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil a vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais."*¹¹

Sob o enfoque de Braverman apoderar-se dos materiais da natureza tais como são não é

¹⁰Engels, Friedrich. "A Dialética da Natureza." S.P. Paz e Terra. 1979. Pag. 219.

¹¹ Marx, Karl. "O Capital". Livro I Vol. I S.P. Difel. 1983. pag. 202.

trabalho.

*"Trabalho é uma atividade que altera o estado natural desses materiais para melhorar sua utilidade"*¹²

Braverman, também afirma que não se pode dotar alguém com sua própria capacidade para o trabalho, seja a que preço for, assim como não se pode comer, dormir ou ter relações sexuais em lugar de outra pessoa.

O trabalho, nas diversas sociedades e ao longo dos tempos foi aceito com perspectivas diferentes. Para os gregos, o trabalho braçal embruteceu o espírito e por isso os nobres jamais deveriam realizá-lo. Entre os hebreus, o trabalho era uma labuta penosa para o homem condenado ao pecado. Na Idade Média, Lutero recupera o valor do trabalho fazendo dele a base da vida, a fonte de igualdade e o caminho para a salvação. Posteriormente, Calvino prega que é vontade de Deus que todos trabalhem, mas afirma também que é contrário a vontade de Deus que o homem cobice até mesmo o fruto de seu trabalho¹³.

Trabalhando, produzindo, obedecendo às regras da nova religião, o homem começa a juntar riqueza, legitima-se o acúmulo de capital. O capital, fruto do trabalho, torna-se fundamento, coeficiente e finalidade da produção. Muda-se o enfoque, de agente criador e transformador, sujeito do trabalho, o homem passa a ser apenas um instrumento de produção.

A inversão do sentido do trabalho humano desemboca na 1ª. Revolução Industrial e como resultado a violação e a degradação do homem em seu trabalho, naquilo que para ele era mais sagrado pois era seu vínculo principal com o Criador. Esse grau de decadência a que chegou o homem no exercício de seu trabalho é magnificamente descrito por Zola em *Germinal* e por Vitor Hugo em *Os Miseráveis*.

¹²Bravermann, Harry. "Trabalho e Capital Monopolista." R.J. Zahar. 1977. pag. 49.

¹³ Mills, Wright. "A Classe Média". R.J. Forense. 1983.

A dimensão subjetiva do trabalho já não mais existe, tudo que diz respeito ao homem como sujeito de suas ações, consciente e livre, fica num plano secundário. Capital e trabalho tornam-se forças antagônicas sem levar em conta que aquele é produto deste. O capital, como conjunto de meios de produção, nasceu do trabalho humano e é portador de suas marcas. O trabalho é sempre uma causa eficiente primária e o capital a causa instrumental. Todo patrimônio da humanidade, de qualquer natureza que seja, é produto do trabalho humano. O uso que se dá ao trabalho apenas com finalidade econômica, coloca em primazia o aspecto material e posterga a planos inferiores o aspecto pessoal e espiritual imprescindível ao homem enquanto sujeito criador, tirando-lhe o prazer da obra criadora e sua responsabilidade sobre ela. O trabalho passa a ser mercadoria, "força" anônima necessária para a produção. E o trabalho já não é mais para o homem, agora o homem é para o trabalho¹⁴.

O conflito do capital, legitimado pelo liberalismo, e do trabalho, idealizado pelo socialismo, são forças que se contrapõe e que continuam se contrapondo provando que a inteligência humana, gerada pelo trabalho, elabora mecanismos de defesa, se supera e resiste quando vê ameaçado seu valor maior que é o sentido de sua própria vida. A solidariedade desenvolvida pelo proletariado, as Internacionais, as organizações de sindicatos, de movimentos operários, são a resistência do trabalho pressionando o capital para que abra espaço e dê liberdade para o homem, como pessoa, emergir. E se, embora, já não encontramos formas tão degradantes como as relatadas por Hugo e Zola, o homem continua perdido na divisão cada vez mais específica de seu trabalho sem a mínima condição de comprometer-se com ele e portanto isento de qualquer responsabilidade sobre sua produção.

O trabalho aparece como uma grande realidade, que exerce influência fundamental sobre a formação no sentido humano, do mundo confiado ao homem pelo criador e sobre sua humanização. Esta realidade, no curso normal das coisas, preenche a vida humana e tem uma forte incidência sobre seu valor e seu sentido¹⁵.

Freud diz que o homem sublima seus instintos através do trabalho psíquico e intelectual.

¹⁴ João Paulo II, Papa, "Laborem Exercens. O Trabalho Humano". Carta Encíclica. S.P. Paulinas. 1981.

¹⁵ Idem Ibidem

Para ele nenhuma outra técnica de conduta prende tão firmemente o indivíduo à realidade quanto o trabalho, quer na forma de alegria do artista ao criar, quer na ação do cientista ao solucionar problemas ou descobrir a verdade. É o trabalho que insere o indivíduo na realidade concedendo-lhe um lugar seguro na comunidade humana. Freud diz ainda que a atividade profissional se for livremente escolhida constitui-se fonte de satisfação. O trabalho entretanto, como caminho da felicidade não é prezado pelos homens. A grande maioria das pessoas só trabalha sobre pressão da necessidade e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis. Quando o trabalho corresponde a certo engajamento e a certa cooperação da personalidade, ele torna-se bem diverso de uma atividade coagida, exercida com fins práticos mas, constituindo-se importante fator de equilíbrio e de desenvolvimento para o indivíduo. Para o Homo Faber, segundo Freud, o trabalho sem dúvida é equilibrante e este fator é verificado quando o homem passa pelo desemprego ou chega a aposentadoria¹⁶.

O sonho do homem, por vezes, está relacionado ao exercício de uma profissão, é o sonho de ser médico, ser aviador, ser engenheiro, ser um juiz.... Por isso, sem dúvida alguma, o trabalho bem escolhido é a concretização de um projeto de vida, é fator de prazer, de alegria, de bem estar, de ligação do homem com a realidade, com a vida e de re-ligação com o universo.

Entretanto não podemos afirmar que o homem tem a sabedoria suficiente para escolher a melhor forma de sua re-ligação com o universo, escolhendo um trabalho, uma profissão que lhe dê prazer e que o faça sentir-se por inteiro, recompensado, realizado e feliz. O homem contemporâneo não tem encontrado o caminho para distanciar-se do trabalho como dever, como obrigação, como punição. A tarefa árdua e importante deste encontro tem sido deixada ao jovem. Este, todavia, no momento crucial de construção de sua identidade não se julga capaz de escolhas e opções. É o momento em que seus conceitos, valores e ideais estão em constante experimentação, confrontando-se por vezes com os conceitos, valores e ideais da sociedade no qual está inserido e pela qual não pode renunciar, uma vez que esta é a própria razão de sua subsistência física, moral e intelectual.

Como encontrar o trabalho verdadeiro? Não a máscara, a "persona", a fantasia na qual

¹⁶Friedmann, G. "O Trabalho em Migalhas". S.P. Perspectiva. pag. 190.

se esconde para sobreviver mas, sim a forma autêntica, singular, que faz o indivíduo agir no mundo de forma pessoal, intransferível, possibilitando-o deixar suas marcas e dando-lhe a sensação de sentir-se confortavelmente em casa?

Muitas vezes, sem dúvida, é a própria sorte, ou o acidente que introduz o indivíduo no exercício de sua profissão. Isto se dá, em parte, pelas determinações sociais de cada época e de cada sociedade. Antigamente pelo nascimento o indivíduo herdava também o direito de exercer a profissão do pai. Não podemos esquecer que ao lado desta herança, o exercício profissional estava ligado ao costume, à familiaridade que a criança ia adquirindo ao longo de sua vida com a profissão que o pai exercia e a partir destes conhecimentos tornava-se mais fácil exercê-la quando adulto.

A proposta de considerar no exercício da profissão as inclinações e impulsos naturais já aparece em Arévalo no "*Speculum Vitae Humanae*" em 1498. Em 1576 no "*Trattato dell'Ingegno dell'Huomo*", Antonio Persio diz que homens diferentes inventam coisas diversas e são inclinados a artes e profissões diversas. Em 1575 Juan Huarte de San Juan em sua obra "*Examen de ingenios para las Ciencias*" diz "quem dera que houvesse nas escolas de nosso tempo quem fizesse sondagem e exame de engenhos". "*The London Tradesman*" de Campbell datado de 1474 é uma pesquisa cujo objetivo maior é fornecer aos pais um conhecimento geral dos ofícios em uso em Londres e poder melhor orientá-los para um emprego adequado. Jost Amman, Hans Sachs e Hartmann Schopper no livro "*Descrição exata de Todas as Profissões Sobre a Terra*" datado de 1568 traz a ilustração e descrição de 114 profissões com as atividades exercidas e a explicação do material com que trabalha o profissional. Com características semelhantes Tommaso Garzoni em "*La Piazza Universale di Tutte le Professioni del Mondo, ed Nobili ed Ignobili*" de 1585, mostra 545 profissões¹⁷.

O advento do capitalismo, a revolução industrial, a expansão demográfica, criaram a necessidade de uma melhor distribuição dos indivíduos nas diferentes funções sociais. Mascarando esta necessidade o liberalismo insere sua ideologia. Para o liberalismo a função social da autoridade (governo) é a de permitir a cada indivíduo o desenvolvimento de seus

¹⁷ Chabassus apud Silva, L.B.C. "A Escolha de Profissão: Uma Abordagem Psicossocial." Tese de Mestrado. USP. 1990.

talentos em competição com os demais, ao máximo de sua capacidade, e que o único responsável pelo sucesso ou fracasso social de cada um é o próprio indivíduo e não a organização social¹⁸.

A idéia liberal de divisão do trabalho no final do século XIX foi concretizada quando apareceram os primeiros laboratórios de Psicologia, trazendo a novidade das medidas mentais. Desta forma Binet, Catell e Galton forneceram os instrumentos técnicos e científicos para o desenvolvimento da Orientação Vocacional.

Muitas teorias surgiram a partir de então, procurando auxiliar o indivíduo a encontrar uma profissão que lhe desse o significado psicológico e social do trabalho. Sob enfoques teóricos diversos cada uma delas privilegia aspectos diferentes envolvidos na questão da escolha.

Em Munique, em 1902, foi criado o 1o. escritório de Seleção e Orientação Profissional e em 1908, Frank Parsons funda o primeiro laboratório em Boston.

I.2 - Teorias da Escolha

Não é objetivo deste trabalho olhar com profundidade as diferentes teorias que surgiram sobre a escolha e orientação profissional. A este respeito podem ser consultadas obras específicas como de Crites¹⁹, Osipow²⁰, Zitowsky²¹, etc...

Entretanto para dar uma visão global destas teorias, optou-se, por motivos didáticos pela divisão das teorias psicológicas feitas por Crites, 1969, acrescentando-lhes as teorias socio-econômicas, classificação esta adotada por Pimenta, 1981 e por Ferretti, 1988.

¹⁸ Cunha, L.A. "Educação e Desenvolvimento Social no Brasil." S.P. Francisco Alves. 1983.

¹⁹ Crites, J.O. "Psicologia Vocacional". Buenos Aires. Editorial Paidós, 1974.

²⁰ Osipow, S.H. "Theories of career development". New York. Appleton Century Crofts. 1968.

²¹ Zitowski, D.G. "Vocational Behavior readings in theory and research". New York, Hinehart and Winston. 1968.

I.2.1 - A Teoria Traço-e-Fator

Esta teoria foi proposta por Parsons e está baseada na Psicologia Diferencial. Acreditava, ele, que a adequação entre as aptidões do indivíduo e as características das ocupações traz a satisfação pessoal e consequentemente o bem estar social. Esta teoria supõe portanto que os indivíduos sejam diferentes em suas habilidades, aptidões, interesses e características pessoais, e que também as diferentes profissões exigem diferentes habilidades e características. O papel do orientador seria o de colocar "the right man in the right place".

Parsons foi considerado por muitos como o pai da orientação profissional pois formalizou os procedimentos para uma escolha profissional, desencadeando um movimento que tornou-se cada vez mais ampliado.

Nesta Teoria, a escolha profissional resulta da comparação dos dados ocupacionais e dos dados pessoais e ocorre num momento preciso da vida do indivíduo. Para a época, este aspecto definitivo e localizado da escolha seria lógico uma vez que consideravam a realidade das ocupações e a realidade do indivíduo como sendo realidades estáticas e não dinâmicas como foi concluído através de pesquisas posteriores.

I.2.2 - As Teorias Psicodinâmicas

Tais teorias têm o alicerce na psicanálise e baseiam-se no desenvolvimento psicosssexual do indivíduo. Os primeiros anos são fundamentais na escolha profissional futura. Os conflitos surgidos por esta época influirão na formação da personalidade e consequentemente na escolha de profissão. Na visão de Bordin, Nackman e Segall, 1963, esta teoria tenta elaborar o perfil psicológico do indivíduo procurando uma profissão que possa sublimar e canalizar seus impulsos. Roe, 1964, diz que a relação pais e filhos determinarão a profissão do indivíduo. Se a criança foi criada com carinho, num ambiente afetoso ela estará propensa a escolher profissões que envolvam pessoas, se pelo contrário, foi criada em ambiente de rejeição estará mais inclinada a escolher profissões que não envolvam coisas. Holland, dentro destas mesmas teorias criou uma

tipologia com seis diferentes tipos de orientação pessoal. Tais tipos são baseados em características hereditárias interagidas com o meio. A tendência é sempre procurar ambientes que deem satisfação e fugir dos que são desconfortáveis. Os tipos propostos por Holland são: motórico, intelectual, social, convencional, persuasivo e estético. Ele afirma, entretanto que nenhuma pessoa é tipo puro. Quando o indivíduo consegue encontrar o ambiente que mais lhe agrada, a escolha será duradoura.

1.2.3 - As Teorias Desenvolvimentistas

Estas teorias surgiram nos anos 50 nos Estados Unidos e falam de um processo de escolha e não de um simples ato ou momento. Para Ginzberg, 1951, é um processo que se prolonga por toda vida. Este processo se dá por estágios: fantasista (3 a 11 anos); Provisório ou Tentativo (dos interesses, das capacidades, dos valores, de transição dos 12 aos 16 anos); Realista (exploratório, cristalização e especificação dos 17 aos 21 anos). É na fase realista que se dá a finalização do processo quando o indivíduo explora as possibilidades ocupacionais que se lhes apresentam, cristaliza suas preferências circunscrevendo o setor de atividade onde melhor poderá realizar-se e finalmente especializa-se ao que se engajou.

Tiedeman e O'Hara, 1963, dizem que o processo de desenvolvimento vocacional propicia o aparecimento de uma identidade vocacional através da diferenciação (estabelecimento de distinções, separação da parte de um todo) e da integração (reorganização dos elementos que foram diferenciados). Este desenvolvimento se dá à medida que o indivíduo começa a observar o mercado de trabalho para o qual está sendo preparado, a integração final acontece quando houver um equilíbrio entre o indivíduo e o meio. É importante nesta teoria que o orientador ajude o indivíduo a progredir nas sucessivas decisões que são tomadas e que as decisões posteriores sejam racionais e tenham conexão com as que apareceram antes. Todas as etapas supõem sempre uma mudança no estado psicológico do indivíduo pois o problema nunca será encarado da mesma forma que na etapa anterior, pois implica uma concepção do ego que evolui tornando-se capaz de antecipar, adquirir experiência e de proferir juízos.

A teoria de Super, 1963, e colaboradores é baseada na psicologia diferencial, na psicologia

desenvolvimental e na teoria da auto-imagem. Segundo ele, o desenvolvimento vocacional é um processo que vai da infância à velhice tendo seu desenrolar sempre ordenado e previsível, é dinâmico no sentido de que resulta da interação entre os conhecimentos do indivíduo e as solicitações da cultura. Durante este processo o indivíduo vai se desincumbindo de um grande número de tarefas e ao realizá-las vai revelando sua maturidade vocacional. Super leva em conta fatores pessoais como o nível socio-econômico e os fatores mesológicos como a relação entre a oferta e a procura de emprego, as atitudes da sociedade e os recursos que pode oferecer. Todos estes fatores, para ele, influem na escolha profissional assim como no sucesso relativo a ela. Super acredita ainda que a identificação com um dos pais ou com outros adultos pode ajudar o jovem a elaborar seus projetos e o indivíduo encontrará satisfação em seu trabalho na medida em que este permitir que ele seja a pessoa que é, realizando seus valores, satisfazendo seus desejos, utilizando seus talentos. A tese fundamental de Super é que as pessoas procuram papéis profissionais tentando traduzir as imagens que têm de si mesmas e a escolha profissional é uma forma de atualizar essa imagem, embora em alguns indivíduos esta escolha constitua mais uma tentativa de atualizar a imagem ideal que a imagem real que têm de si mesmos. Dentro da teoria de Super, o objetivo do orientador deverá ser o de ajudar o adolescente a tomar consciência do que deve fazer para desincumbir-se de suas tarefas desenvolvimentistas.

Pelletier, Noiseaux & Bujold, 1974, vêem o desenvolvimento vocacional como uma série de tarefas a serem desempenhadas pelo indivíduo a fim de torná-lo vocacionalmente mais maduro. O enfoque portanto é exclusivamente operatório. Sendo assim elaboram uma metodologia voltada para o desenvolvimento de habilidades e de atitudes mobilizando os recursos cognitivos e afetivos necessários ao desempenho das tarefas evolutivas.

1.2.4 - Teorias Decisionais

Para Hilton, 1962, existem fatores básicos que interferem na decisão profissional: autoconceito, atributo de papéis ocupacionais, necessidades do sujeito, conhecimento do sujeito a respeito da estrutura social, conhecimento do sujeito sobre fatores econômicos que afetam o mundo do trabalho, estado atual do sujeito. Entretanto, nesta teoria o que mais conta na decisão é a redução da dissonância cognitiva. A tendência do indivíduo é sempre estar em estado de

equilíbrio. Quando o estímulo ambiental aumenta a incoerência ou a dissonância acima do nível tolerável, o indivíduo fica em desconforto. No caso da decisão profissional, o indivíduo examina suas premissas, suas crenças e expectativas sobre si e sobre o ambiente e analisa o que pode ser mudado para acomodar o estímulo. Se as premissas não são possíveis de mudança, busca outras alternativas ocupacionais. Quando a análise das possibilidades mostrar que a dissonância está abaixo do limiar ele toma a decisão.

Gellatt, 1962, distingue dois tipos de decisões. As decisões experimentais através das quais, como num ciclo, as informações são procuradas, estas, depois de acumuladas, levam a decisões possíveis até que o indivíduo depois de várias experimentações chegue a uma decisão terminal. Entretanto, também a decisão terminal pode dar origem a um novo ciclo e modificar o resultado da mesma. A avaliação das decisões possíveis é feita através de um sistema preditivo onde as alternativas são vistas em suas consequências possíveis. Aquí entram tanto as probabilidades objetivas como as subjetivas ou psicológicas. O sistema valorativo vai dar ao indivíduo o grau de desejabilidade das consequências previstas. Cada consequência vai estar associada à uma probabilidade subjetiva e a um valor de utilidade. A decisão mais acertada será aquela que obtiver a maior somatória do valor de utilidade e da probabilidade subjetiva. Para Gellatt o papel do orientador será o de ajudar o indivíduo a obter o maior número de informações para encontrar as alternativas possíveis, analisar tais informações e sugerir novas alternativas e finalmente ter condições de tomar a decisão acertada.

Hersheson e Roth, 1966:- Para eles a decisão não se limita a um momento definido. Durante todo seu desenvolvimento o indivíduo vai tomando decisões vocacionais que restringirão suas possibilidades futuras. As possibilidades que surgem vão sempre reforçar as opções já feitas. A medida que vai caminhando numa direção definida cada vez mais ele vai colocando obstáculos para novas alternativas que se apresentam.

I.2.5 - Teorias Socio-Econômicas

Smith, Senyor e Mill, economistas clássicos, afirmam que os indivíduos têm total liberdade

na escolha de ocupações escolhendo aquela que lhe trará maiores benefícios. Isto quer dizer que os indivíduos sempre procuram profissões em busca de melhores salários e como as profissões mais bem remuneradas são as que exigem menor esforço, são estas as mais procuradas.

Entretanto, em 1931 H.F. Clark, neoclássico dizia que a escolha não se dá de forma tão simples. Para ele, dois são os fatores que distribuem os indivíduos nas ocupações e provocam a desigualdade: a falta de informações sobre as vantagens e desvantagens das diferentes profissões e o custo para a habilitação nestas diferentes ocupações.

Atualmente os economistas reconhecem que existe uma série de fatores que influem na escolha da profissão e dentro das teorias cultural e sociológica, sem dúvida, o fator que mais pesa é a influência da cultura e da sociedade com quem Miller e Form.

Blau, Gustad, Jerson e Wilcock, 1956, elaboraram um trabalho que eles próprios denominam de quadro de referências (framework) onde questionam:- "Por que as pessoas ingressam em diferentes profissões? "

Dizem que este problema pode ser abordado por várias perspectivas. Uma delas seria investigar as características psicológicas do indivíduo e o processo que governa a motivação para suas escolhas vocacionais considerando, para este propósito, a estrutura social e econômica como condições dadas que impõem limites para o desenvolvimento dos processos psicológicos. Outra perspectiva seria investigar os mecanismos que a estrutura financeira e outros fatores econômicos utilizam para canalizar o fluxo da força de trabalho para as diferentes ocupações e assim operarem as mudanças necessárias no mercado e neste caso os motivos psicológicos, através dos quais estas forças econômicas tornam-se efetivas, são tratados como já dados. Uma outra abordagem estaria além das características psicológicas do indivíduo ou da organização da Economia, seria a análise dos efeitos do "status" social dos pais sobre as oportunidades educacionais dos filhos. Para eles, cada uma destas perspectivas, excluem da análise, algumas importantes variáveis que podem afetar a escolha e seleção ocupacional. Por esta razão, os referidos pesquisadores vêem a necessidade da participação de representantes das três disciplinas: psicologia, economia e sociologia, para a elaboração de um quadro de referência conceitual mais abrangente.

Para estes pesquisadores, a identificação de determinantes isolados, como por exemplo, a inteligência, interesses, condições do mercado de trabalho, classes sociais, não podem explicar a escolha ocupacional e que estes fatos isolados podem às vezes ser gravemente falsos. Dizem que quando é verdade que negros são menos aptos para tornarem-se cirurgiões que os brancos, não é uma constatação de que a raça determina a capacidade de desenvolver habilidades cirúrgicas. Para entender este fato é necessário examinar os processos intervenientes através dos quais a cor da pele afeta a posição ocupacional e principalmente os preconceitos de nossa sociedade e suas implicações no desenvolvimento da personalidade.

Neste trabalho, os autores chegam à conclusão, como muitos outros antes deles, que a escolha profissional é um processo desenvolvimentista, que estende-se por muitos anos e que não existe um momento exato no qual os jovens se decidem sobre uma entre as possíveis carreiras. Existem muitas encruzilhadas nas quais suas vidas tomam decisivas direções que vão mostrando as futuras alternativas e influenciando a escolha da futura profissão.

Tais pesquisadores vão além, dizendo que as preferências e alternativas profissionais que finalmente se cristalizam entretanto, não determinam diretamente o ingresso ocupacional. Estas escolhas podem ser realizadas, modificadas ou abandonadas dependendo da decisão dos selecionadores, isto é, de todas as pessoas cujas ações afetam as chances do candidato obter uma posição em algum estágio do processo seletivo.

Sendo assim, tanto o processo de seleção, como o processo de escolha devem ser levados em conta para se tentar uma explicação para o motivo que introduzem as pessoas em determinada ocupação. A estrutura social influencia como a matriz das experiências sociais para o desenvolvimento da personalidade dos que escolhem, assim como define as condições socio-econômicas nas quais a seleção tem lugar, limitando as oportunidades ocupacionais e a realização das escolhas. Geralmente as escolhas dos indivíduos ocorrem influenciadas pela estrutura social passada, tendo em vista o desempenho dos profissionais já conhecidos, ao passo que as oportunidades profissionais para quem escolheu, isto é, seu efetivo ingresso no mercado, se dá na estrutura presente. Desta forma, a constante mobilidade do mercado pode frustrar escolhas feitas num mercado já superado ou em recessão.

Dentro do enfoque de Blau, a escolha entre várias profissões possíveis pode ser motivada por 2 tipos de fatores inter-relacionados: a avaliação individual das recompensas oferecidas pelas diferentes alternativas de profissões e a avaliação de sua capacidade e de suas oportunidades para chegar a realização de cada uma das alternativas. Estas avaliações são feitas com base na experiência social de quem as executa na tentativa de maximizar o valor esperado. Por vezes a escolha atual não será idêntica a primeira preferência se a expectativa de alcançar o alvo é muito baixa.

Concluindo, Blau e colaboradores, dizem que o estudo da escolha e seleção ocupacionais ligam-se ao estudo econômico do mercado de trabalho, ao estudo psicológico de ajustamento da personalidade e ao estudo sociológico da mobilidade social.

Nesta teoria, o papel do orientador vocacional ou profissional, seria interpretar os problemas socio-econômicos para que seu conhecimento possa ajudar o sujeito da escolha a realizar suas aspirações dentro de um mercado de trabalho passível de mobilidade.

Pimenta, 1981, ao analisar as diferentes teorias de escolha, faz uma crítica ao psicologismo que caracteriza as teorias, pois as mesmas privilegiam uma visão fragmentada do homem encarando-o muito mais como um ser forjado por circunstâncias e determinismos aos quais devem ser adaptados e quase nunca superados, fazendo do homem objeto e não sujeito da escolha.

Pela fenomenologia, Pimenta prevê saídas, pois a fenomenologia vê o homem como sujeito livre, encarnado no mundo, existindo e coexistindo e capaz de intersubjetividade. Nesta intersubjetividade está a dialética da vida humana, sua possibilidade de agir, de interagir, transformar, escolher, optar, sendo sujeito de seu caminhar. E na medida em possam existir superações, decisões e escolhas, elas estarão vinculadas à responsabilidade de quem decidiu e de quem escolheu. Entretanto, Pimenta coloca que a fenomenologia também não tem dado conta da tarefa de ajudar o jovem na procura de uma profissão concluindo que:-

"aos orientadores vocacionais, de pouco adianta trabalhar ao nível da decisão individual, se não for

*libertada a liberdade de decidir. Compreendendo a liberdade como superação dos determinismos (a partir deles) a orientação vocacional estará libertando a liberdade de decidir na medida em que ajudar o indivíduo proceder a uma revisão radical das relações de trabalho e das profissões numa dada sociedade. Para isto a própria orientação vocacional precisa proceder a uma revisão radical de si mesma, enquanto profissão."*²²

Com estas considerações chega-se a conclusão que a escolha verdadeira está contextualizada pelos fatores pessoais e mesológicos onde está inserida deixando de ser um simples ato para caracterizar-se como um processo complexo da vida do sujeito que escolhe.

I.3 - O Jovem - Sujeito da Escolha

A escolha é um processo que começa e termina juntamente com o homem, sujeito dela. Todavia, convencionou-se considerar a fase da adolescência como sendo a fase específica da escolha, isto porque é nesta época, quando o jovem sai do colegial, que necessariamente é obrigado a fazer uma opção para prestar o exame vestibular que lhe faculta acesso ao ensino superior.

Sendo assim, este trabalho, procura estudar a escolha profissional localizando-a na adolescência, fase da vida que o sistema educacional brasileiro, através de um concurso altamente competitivo que é o vestibular, condicionou educadores e jovens a reconhecerem-na como o "momento da escolha", como se a escolha fosse um momento estático e não o resultado dinâmico que vai sendo construído desde os primeiros anos de vida.

²² Pimenta, S.G. "Orientação Vocacional e Decisão-estudo crítico da situação no Brasil" S.P. Loyola. 1986.

O que é Adolescência?

Após quase noventa anos, quando Stanley Hall (1904) escreveu "Adolescence", um estudo de 1 300 páginas, o termo, ou mais propriamente o conceito de adolescência continua gerando polêmicas.

O germe do conceito aparece no sec. XVIII na obra de Rosseau, Emílio, afirmando que a criança é diferente do adulto por ser incapaz de abstrações e de raciocinar. dizendo que antes dos 12 ou 13 anos, Idade da Razão, a criança é prisioneira dos sentidos limitando seu pensamento àquilo que podem ver ou manipular. Rosseau diz ainda que esta fase marcada pela incapacidade de raciocínio adulto é seguida por outra que introduz a verdadeira racionalidade e com 12 ou 13 anos a criança torna-se capaz de compreender os conceitos que finalmente a levarão a tomar seu lugar no mundo adulto, tanto às leis da natureza quanto às da sociedade²³.

Ariés, 1960, citado por Gallatin, 1978, diz que o conceito de infância tornou-se universal apenas nos últimos cem anos, e que o conceito de adolescência é ainda mais recente pois é somente no final do sec. XVIII que será anunciado não se difundindo antes do sec. XX . Talvez pelas discussões serem tão recentes é que os estudos e teorias sobre adolescência pareçam ser tão fragmentados e contraditórios.

Stanley Hall, apesar de ter sido criticado pela desorganização e inconsistência de sua obra, é considerado o pioneiro no estudo da adolescência como uma fase do desenvolvimento humano. Para desenvolver sua teoria, Hall apoiou-se nas idéias de Rosseau e principalmente na Teoria da Evolução de Darwin que efervecia naquela época. Talvez, este tenha sido o maior erro de Hall, pois ao transpor a teoria de Darwin, com suas fases de desenvolvimento na evolução da espécie humana, para as fases do desenvolvimento humano, Hall foi inconsistente. Ao apoiar-se em Rosseau para afirmar que o curso da infância é fixado pela natureza, angariou uma reação

²³Gallatin, J.E. "Adolescência e Individualidade" S.P. Harper e Row do Brasil. 1978.

violenta de parte dos psicólogos da época cujos estudos enfatizavam o caráter maleável da infância. A inconsistência e a desorganização da teoria, contestada principalmente por Watson e Thorndicke, baluartes da nova teoria da aprendizagem, levaram Hall ao descrédito e ao esquecimento. Gallatin comenta, que talvez os estudiosos da época não estivessem preparados para entender os problemas levantados por obra de tal vulto. É importante lembrar, que apesar de ter sido acusado de desorganizado e inconsistente, Hall levantou questões polêmicas sobre a adolescência, uma fase do desenvolvimento humano quase que desconhecida naquela época.

Segundo Hall, a adolescência se mostra por diversas dimensões:

- Dimensão biológica, onde o "estirão do crescimento" caracteriza-se por um significado muito especial.
- Dimensão emocional, caracterizada pela tempestade e tormenta, provocando um período de turbulência e instabilidade emocional.
- Dimensão cognitiva, quando o jovem adquire capacidade para raciocinar.
- Dimensão moral e social, dando-lhe a capacidade de captar com firmeza e maturidade as regras e regulamentos sociais.
- Dimensão religiosa, onde a vida evolui de uma base autocêntrica para a heterocêntrica.

Não é possível, neste trabalho, nos aprofundarmos na teoria de Hall, mas podemos afirmar que suas colocações são das mais diversas categorias, às vezes pertinentes, às vezes irrelevantes, mas sempre interessantes, principalmente se levarmos em conta a época em que foram escritas.

Outra perspectiva da adolescência, nos é dada por Anna Freud. Psicanalista como o pai Sigmund, Anna sentiu que a psicanálise era omissa quanto às transformações e à importância que outros estudiosos estavam, na época, atribuindo à adolescência. Ela explica que para os psicanalistas, o instinto sexual não eclode de repente na adolescência, como afirmava Hall trinta anos antes. Para a psicanálise os instintos sexuais não ficam adormecidos durante toda a infância, ficam apenas reprimidos. Assim sendo, a adolescência recebe o "status" de depois da infância. O drama da adolescência seria o reaparecimento, na puberdade, dos conflitos sexuais já vividos na infância. A teoria de Anna Freud seria uma recapitulação transformada. Se para Hall o indivíduo recapitulava a história genética da humanidade, para ela, Anna, na adolescência era

recapitulado o passado do próprio indivíduo.

Embora exista uma grande diferença entre as considerações de Hall e a teoria de Anna Freud, elas possuem pontos semelhantes em muitos aspectos. Um deles é considerar o adolescente como tempestuoso e contraditório. Os conflitos da sexualidade infantil, principalmente o edipiano, retornam com força total. É como se o Id, que ficou adormecido e subjulgado por alguns anos durante a lactência, subitamente adquirisse um novo poder para realizar seus impulsos. Existe entretanto, uma diferença muito grande entre as experiências vividas nos primeiros cinco anos de vida, e as experiências do adolescente, uma vez que este já adquiriu o que pode ser chamado de "estrutura do caráter". Se o "Ego no período inicial da infância é subdesenvolvido, indeterminado, impressionável e sujeito à influências do Id, no período pré-puberal, pelo contrário, ele se encontra rígido e firmemente consolidado. O Ego infantil era capaz de repentinamente revoltar-se contra o mundo exterior e se aliar com o Id na obtenção da gratificação instintiva. Mas, se o ego adolescente faz isso, ele se envolve num conflito com o superego. Suas relações firmemente estabelecidas com o Id por um lado e com o superego pelo outro, que é chamado de caráter, torna o Ego inflexível. Ele só tem um desejo: preservar o caráter desenvolvido durante o período de latência, re-estabelecer a relação primitiva entre suas próprias forças e as do Id e responder às grandes urgências das demandas instintivas com redobrado esforço e auto-defesa²⁴. Por ocasião da adolescência, para Anna Freud, o Ego já está consolidado, determinado a obedecer seu próprio comando ao invés de submeter-se ao Id. O tormento que o adolescente experimenta é gerado por seus próprios sentimentos de culpa frente à série de desejos proibidos que o emergir da puberdade desperta abruptamente. Neste caso, o jovem não está preocupado com a aprovação ou reprovação dos pais, mas com a perda de sua própria auto-estima. Desta forma, se o jovem procura canalizar suas energias sexuais para formas "socialmente úteis" a passagem pela adolescência não será tão desastrosa.

Anna Freud, entretanto mostra que o Id, em força crescente, está em constante luta com o Ego e um dos dois pode sair vitorioso. Todavia, entre estes dois extremos, existe uma vasta gama de possibilidades e ajustamentos sexuais, fazendo da adolescência um verdadeiro campo de batalha para que então, possa emergir a personalidade adulta.

²⁴Freud, Anna in Gallatin ob. cit.

Por vezes os conflitos são tão intensos que tornam-se necessários mecanismos de defesa. Entre eles os mais conhecidos são o ascetismo, a intelectualização e o amor.

No ascetismo, acontecem períodos de auto recusa, onde o adolescente defende sua austeridade com zelo monástico. Com temor de ser invadido por seus próprios impulsos, o adolescente, por um período, abandona todos os prazeres, mas de repente, torna-se indulgente frente a todas as coisas que previamente havia considerado como proibidas e desconsidera qualquer tipo de restrição externa.

A intelectualização é marcada pela sexualidade que de uma forma ou de outra, desempenha um papel altamente significativo na motivação de toda curiosidade intelectual. O investimento na inteligência está a serviço de interesses da defesa. Os assuntos que o jovem procura debater com tanto empenho e eloquência, são seus próprios conflitos internos, disfarçados e elevados a um plano meramente intelectual.

O amor é marcado na adolescência por um período de amizades e amores passionais, que tendem a existir por breve período de tempo, uma vez que o adolescente é bastante volúvel. O amor, as amizades fazem parte do mecanismo de defesa pois o ressurgimento da sexualidade infantil, faz com que se torne perigoso ao adolescente manter-se emocionalmente ligado a seus pais, uma vez que os velhos desejos edipianos, na puberdade podem se realizar. E assim o vazio deixado pelo necessário afastamento do pai e da mãe, são preenchidos pelas ligações apaixonadas com os da sua própria idade, do mesmo modo como procuram espelhar-se em ídolos por eles adorados.

O que se conclui da teoria psicanalítica de Anna Freud, diz Gallatin, é que embora os cinco primeiros anos de vida possam desempenhar um papel decisivo na definição do caráter humano, o "turbilhão da adolescência", representa uma tentativa de ajustar esta estrutura de caráter às demandas mais complexas da sexualidade adulta.

Harry Stack Sullivan (1892-1949) propondo um visão diferente da adolescência, encara o fator biológico não como preponderante, mas apenas como um substrato na fase de adolescência.

Sullivan dá ênfase àquilo que para ele torna a espécie humana única: a satisfação do que ele chamou de necessidades interpessoais. São necessidades de segurança e apoio emocional que se iniciam nos primeiros anos de vida e vão se aprimorando no decurso do desenvolvimento. Sullivan vê o desenvolvimento como o atingimento de certos relacionamentos cruciais com outras pessoas e como a afirmação de certas necessidades interpessoais. A ênfase às necessidades interpessoais mais do que na libido, enquanto uma força motivadora da vida, é bastante diferente das perspectivas psicanalíticas. Os estágios psicossociais e a distinção entre consciente e inconsciente são abandonados. Em lugar destes coloca-se uma "situação interpessoal" na qual amadurece uma entidade que Sullivan chama de "auto- sistema". Sua redução de tensão, diz respeito a ficar livre de ansiedades, entretanto não com a mesma visão dos psicanalistas de que a redução de tensão só é dada através da gratificação sexual uma vez que ela é a chave de todas as motivações humanas.

Para Sullivan a idade juvenil vai dos 6 aos 12 anos como uma época plena de acontecimentos. É nesta fase que a criança sai do aconchego do lar para conhecer outras pessoas que não fazem parte de sua família. Começa a ir para a escola e a entender que a comunidade requer competição assim como cooperação. É a fase das relações sociais amplas.

A fase seguinte é a pré-adolescência que se interpõe entre a idade juvenil e a puberdade. A pré-adolescência é a fase de relacionamentos profundos, a atenção centra-se num círculo relativamente pequeno de amigos e mais particularmente no "amigo do peito". Existe aí uma necessidade de intimidade e esta intimidade com alguém de sua idade e do mesmo sexo poderão ter influências benéficas e às vezes corretivas de experiências traumáticas anteriores.

Em seguida vem a fase que Sullivan chamou de Adolescência Anterior, uma fase conturbada pela presença de desafios novos e perturbadores pelos quais a cultura ocidental pouco tem feito para amenizar. Como resultado das mudanças fisiológicas que ocorrem em seu corpo o adolescente desenvolve uma nova necessidade interpessoal, que nesta fase é chamada por Sullivan de "satisfação sensual". Numa cultura onde a sexualidade deve ser excluída da consciência, é difícil ao jovem manter sua segurança, manter-se livre de ansiedades, daí os grandes conflitos. Entretanto, estes conflitos não são internos como afirma Anna Freud. Para ele, embora as ansiedades ligadas à sexualidade sejam internas, tornam-se conflituosas a partir

do momento que afetam seu relacionamento com os outros.

A fase seguinte, Adolescência Posterior é definida como:

*"A adolescência posterior se estende da padronização da atividade genital aceita através de diversos processos educativos, para o estabelecimento de uma série de relacionamentos interpessoais completamente humanos, ou maduros, como é possibilitado pelas oportunidades disponíveis, pessoais e culturais."*²⁵

Se na pré-adolescência o jovem apenas começa a aperceber-se da comunidade mais ampla fora da família, na adolescência posterior ele aprende a encontrar seu lugar nela. Em geral como diz Sullivan, os jovens no final da adolescência são adultos aos olhos da lei e têm todas as vantagens e desvantagens advindas disto.

Sullivan, não nega que de certa forma, a infância ou meninice são refletidas na personalidade adulta, pois os rótulos que aprendemos a aplicar às nossas experiências, como por exemplo a idéia de que somos inteligentes, bonitos, simpáticos, divertidos, permanecem conosco de alguma forma, mas isso não quer dizer que sejam deterministas de nosso auto-sistema. Este pode ser mudado no início de cada fase de nosso desenvolvimento, por influência de amigos, professores ou amores que entram em nossas vidas.

Mais recentemente Eric Erikson tem desenvolvido um extenso trabalho sobre adolescência. Embora tenha tido sua formação como psicanalista, inclusive sendo discípulo de Anna Freud no famoso "Círculo de Viena", convenceu-se, mais tarde, que a teoria psicanalítica possuía suas limitações. A psicanálise era capaz de explicar os comportamentos extremos dos indivíduos dentro de uma determinada cultura, entretanto não tinha arcabouço intelectual para conceituar o normal. A estas conclusões, Erikson chegou depois dos contatos com os índios Sioux e principalmente quando servia como consultor das forças armadas norte americanas durante a

²⁵Sullivan in Gallatin obr. cit. pag. 99.

Segunda Guerra Mundial, quando sentiu que a psicanálise não podia explicar completamente o fracasso do indivíduo ao tentar enfrentar as tensões provocadas pela guerra. Se fosse usado o esquema psicanalítico, poder-se-ia explicar que os terríveis eventos da guerra reativavam "alguns" complexos da infância, reprimidos e esquecidos e que agora estes homens sentiam-se ameaçados por estes conflitos inconscientes. Entretanto, Erikson notou, o que para ele foi de suma importância, que os homens tinham perdido a habilidade de categorizar e integrar essas experiências sofridas na guerra com as experiências passadas. Para ele os combatentes haviam perdido *"uma noção de identidade pessoal e continuidade histórica"*. Resumindo, cada um daqueles homens estava sofrendo uma "crise de identidade."²⁶

Escorado em suas experiências e em suas observações antropológicas, Erikson propõe-se a formular uma teoria cujo centro desloca-se da patologia buscando ser menos "mecanicista" que a psicanálise. Esta teoria pode ser chamada, segundo Gallatin, de "orgânica" ajudando a compreender que para Erikson a explicação do desenvolvimento humano estende-se da infância à velhice ao invés de parar, como muitos teóricos, na idade adulta. Erikson, diz que:

*"O processo inicia-se em algum momento durante o encontro verdadeiro da mãe e bebê, enquanto duas pessoas que podem tocar-se e reconhecer-se mutuamente, e só "termina" quando se dissipa o poder de afirmação mútua do homem."*²⁷

Para Erikson o que é chamado de personalidade resulta da interação contínua de três grandes sistemas, o biológico, o social e o individual que são inseparáveis e interdependentes.

Quanto a dimensão biológica, diz que o desenvolvimento acontece numa sequência mais ou menos previsível sendo governada por algum tipo de mecanismo inato ou fator "maturacional". Refere-se a este mecanismo como

²⁶Erikson E.H. 1968. *Identidade Juventude e Crise*. RJ. Zahar. 1987 pag. 15.

²⁷Erikson, E.H. 1968 obr. cit. pag. 21.

"princípio epigenético", que é derivado do crescimento do indivíduo no útero. Este princípio, algo generalizado, afirma que tudo que cresce tem um plano básico, e é a partir deste que se erguem as partes ou peças componentes, tendo cada uma delas o seu próprio momento de ascensão, até que todas tenham surgido para formar um todo em funcionamento²⁸.

Sobre a dimensão social diz que o plano básico não se desenvolve no vácuo. A presença de um bebê exerce um domínio persistente e sistematizado sobre as vidas exteriores e interiores de todos os membros de uma casa. É tão válido dizer que os bebês controlam e criam suas famílias como o inverso. Da mesma forma como a família, os pais, devem aprender coisas a respeito dos hábitos e necessidades do bebê, que precisa aprender algo a respeito dos hábitos de sua família. A dimensão social do desenvolvimento é sem dúvida o envolvimento de uma série de acomodações mútuas entre o bebê e seus familiares.

Erikson, notou ainda em suas experiências antropológicas, que as acomodações mútuas entre família e bebê podem variar muito de uma cultura para outra, mas que todas elas respeitam até certo ponto este plano básico do bebê e embora cada cultura tenha desenvolvido uma forma diferente de lidar com este plano básico, todas elas possuem um objetivo comum: transformar suas "crianças dependentes" em "adultos maduros". Este é o plano da relatividade cultural.

É a interação entre o biológico e o social, nas diferentes culturas que vai produzir a chamada "personalidade humana". É no seu desenvolvimento de acordo com passos pré-determinados, que o organismo humano tornar-se-á apto para se dirigir, a estar alerta para e interagir com um raio cada vez maior de indivíduos e instituições significativas.

Entretanto, apesar de um mesmo plano básico biológico e social, nunca duas pessoas desenvolvem personalidades idênticas, pois cada ser humano tem sua forma única de categorizar e organizar suas experiências. Assim sendo, além da dimensão biológica e social, existe um

²⁸Erikson, 1968, obr. cit. pag. 91.

elemento individual ou "ego" no desenvolvimento da personalidade.

Erikson diz que quando acontece a coordenação adequada dos três sistemas, biológico, social e individual, o resultado será uma pessoa que poderá ser denominada sadia, conseguindo dominar ativamente seu ambiente, mostrando uma certa unidade da personalidade e sendo capaz de perceber corretamente o mundo e a si mesma. Erikson, afirma ainda, que o ser humano psicologicamente sadio é aquele que desenvolveu um "firme sentido de identidade", reconhecendo-se como uma pessoa única, dentro de uma determinada sociedade, com um passado, presente e futuro particulares, colocando-se naquilo que chama de "ego-espácio-temporal".

Além dessa colocação a nível de indivíduo, Erikson faz uma especulação antropológica e arqueológica, sugerindo que a evolução humana tornou essencial o desenvolvimento de um sentido de identidade. À medida que a civilização progrediu, cada tribo teve que conceber-se como sendo superior e para reforçar a ilusão de ter sido escolhida, cada tribo reconhece uma criação de si própria, uma mitologia e posteriormente uma história, garantindo assim, a lealdade a uma determinada ecologia e a uma moralidade específica.

O que é válido para cada grupo, Erikson diz que tornou-se válido também para cada ser humano em particular. Cada pessoa desenvolveu a necessidade de sentir-se "especial" ou "única" dentro de seu próprio grupo.

Diz que:

"Conquanto se possa dizer que os produtos mentais ou imagens do ego ideal representam um conjunto de metas ideais para o Eu, pelas quais se luta mas que não são inteiramente alcançáveis, diríamos que a identidade do ego é caracterizada pelo sentimento realmente alcançado mas permanentemente revisto da realidade do Eu, dentro da realidade social. (...) Portanto, a Identidade do Ego é o resultado da função sintetizadora nas fronteiras do ego,

notadamente o "meio ambiente" que constitui a realidade social, tal como é transmitida à criança durante sucessivas crises da infância. A identidade, a este respeito tem direito a reconhecimento como a mais importante realização do ego adolescente, à medida que ajuda, simultaneamente, na contenção do id pos-pubertal e no equilíbrio do então recém solicitado superego, assim como no apaziguamento do ego ideal, frequentemente um tanto sobranceiro- tudo à luz de um previsível futuro estruturado por uma cosmovisão ideológica. Podemos falar, portanto, de identidade do ego à luz da sua função psicossocial central, e de identidade do eu quando está sendo estudada a integração das imagens do eu e do papel do indivíduo."²⁹

Gallatin diz que apesar de Erikson, propositadamente ter deixado ambíguo o significado do termo "identidade" a despeito da perspectiva evolutivista ou psicossocial ele caracteriza identidade como:

- a - um sentido consciente da singularidade individual
- b - um esforço inconsciente para manter a continuidade da experiência
- c - uma solidariedade para com os ideais de um grupo.

Pino³⁰, sobre a identidade pessoal da teoria de Erikson diz que o sentido de mesmidade e de continuidade de si mesmo permite ao indivíduo estabelecer relações mútuas com o outro, onde o investimento no outro não implica na perda de si mesmo e do reconhecimento de sua subjetividade.

Ao serem revistos os diversos enfoques dados à adolescência por diversos autores, encontrou-se em Erikson o arcabouço teórico mais conveniente a este trabalho pois foi ele que

²⁹Erikson, 1968. Obr. cit. pag. 212.

³⁰Pino, Angel, "L'Identité Psychosociale. Analyse du Concept et ses Implications Psychopathologique". These U.C. Louvain. 1970. pag. 82. trad. livre.

que mais tem se debruçado sobre os problemas que envolvem a adolescência como um período considerável para a formação de uma personalidade sadia e porque para ele a identidade se configura de forma psíquica, ideológica e profissional.

Sem dúvida, implícito a este trabalho, está a convicção de que para compor uma personalidade sadia é importante o desempenho prazeroso de uma profissão que nada mais é que o esforço inconsciente para manter a continuidade da experiência no exercício consciente da singularidade individual em inter relações solidárias com o grupo.

Erikson, afirma que não é senão na adolescência que o indivíduo pode localizar verdadeiramente seu ego no tempo e no espaço, reconhecendo que teve um passado único e divisando um futuro também pessoal para si próprio, buscando a concretização de um projeto de vida, singular, pessoal e significativo. Na medida em que a adolescência ocupa uma posição primordial na teoria de Erikson, como um período que ao mesmo tempo recapitula todos os estágios anteriores e antecipa todos aqueles que virão, torna-se impossível discutir a adolescência sem passarmos pelas outras fases do desenvolvimento humano propostas por ele como as "Oito Idades do Homem."

A primeira idade do homem é identificada por Erikson como sendo da:- **Confiança Básica versus Desconfiança Básica.** A confiança social do bebê se concretiza na facilidade de sua alimentação, na profundidade de seu sono e na relaxação de seus intestinos, necessidades estas satisfeitas por provedores externos. Os cuidados para que seus sentidos sejam estimulados e os alimentos lhe sejam dados na proporção adequada e na hora certa, são importantes para garantir as primeiras experiências neste mundo como favoráveis, caso contrário poderá desenvolver uma defesa difusa ou mesmo uma letargia. Sem dúvida, o bebê dependerá das outras pessoas para tornar o mundo suficientemente predizível e ordenado. Na maioria das vezes, estas pessoas, estes provedores, resumem-se quase que exclusivamente na figura da mãe. A regularidade e consistência das respostas de seus provedores, armazenam imagens, memórias e expectativas e ao aprender que é capaz de fazer com que as outras pessoas apareçam, ele aprende também que pode confiar nelas mesmo quando não estão presentes.

"O firme estabelecimento de padrões duráveis para a solução

*do conflito nuclear da confiança básica versus desconfiança básica, na simples existência, é a primeira tarefa do ego e, portanto, antes de tudo, uma tarefa para o cuidado materno. Mas, basta dizer aqui que a soma de confiança derivada das primeiras experiências infantis não parece depender de quantidades absolutas de alimento ou demonstrações de amor, mas antes da qualidade da relação materna. As mães criam em seus filhos um sentimento de confiança por meio daquele tipo de tratamento que em sua qualidade combina o cuidado sensível das necessidades individuais da criança e um firme sentimento de fidedignidade pessoal dentro do arcabouço e estilo de vida de sua cultura. Isso na criança é a base para um sentimento de identidade, que mais tarde combinará com um sentimento de ser "aceitável", de ser ela mesma, e de se converter no que os demais confiam que chegará a ser."*³¹

Para Erikson, os pais não devem se limitar a métodos fixos de orientação por meio da permissão ou proibição, além disso devem ser capazes de afirmar à criança uma convicção profunda, quase somática, de que tudo que fazem tem significado. Para ele, as crianças não ficam neuróticas por causa das frustrações mas, pela falta ou perda de significado social nestas frustrações. Talvez, não seja possível ao bebê ter todas suas necessidades satisfeitas a ponto de superar totalmente sua "desconfiança". Como o mundo, do qual faz parte, apresenta alguns perigos e armadilhas bastante reais, é essencial sem dúvida um certo grau de desconfiança. Entretanto para que a primeira idade do homem, caracterizada pelo conflito nuclear entre confiança e desconfiança, dê início à construção do ego da criança de forma correta, é desejável que, sem dúvida alguma a balança se incline para o lado da confiança.

A confiança, transforma-se na capacidade de ter fé. É uma necessidade vital para a qual o homem tem de encontrar uma confirmação e para isso, a religião é a mais antiga e duradoura

³¹Erikson, Erik, 1950. "Oito Idades do Homem", RJ. Zahar pag. 229.

instituição como meio de restauração do sentimento de confiança, é a fé em um ser superior que defende o homem de todo o mal.

Autonomia versus Vergonha e Dúvida, caracteriza a segunda idade do homem. É uma combinação de psicanálise, teoria interpessoal e antropologia. Abrange dos 18 meses aos 3 anos de idade que para Freud seria a fase anal, pois está relacionada com as funções de eliminação e treinamento de "usar o toilette". Nesta fase a criança não é mais um receptáculo passivo, começando a sentir-se dona de seu próprio corpo no "deter-se" ou "deixar-se ir" cuja operação abrange não só os esfíncteres mas também seu próprio ego.

"A manutenção muscular prepara a fase da experimentação com suas ordens de modalidades sociais: agarrar e soltar. Como acontece com todas estas modalidades, seus conflitos podem levar afinal a expectativas e atitudes hostis ou favoráveis. Assim, agarrar pode vir a significar uma retenção ou repressão destrutiva e cruel, e pode-se tornar um padrão de cuidado: ter o conservar. Do mesmo modo, soltar poderá consistir em uma libertação hostil de forças destrutivas ou então em um moderado "deixar passar" e "deixar acontecer" ³²

O controle externo dos pais, nesta etapa, deve ser firmemente tranquilizador. A criança deverá sentir que a fé básica que trouxe da fase oral, não está a perigo por sua mudança de atitude, pela manifestação de sua própria vontade. A firmeza tranquila dos pais, deverá proteger a criança contra a anarquia potencial de seu sentido de discriminação ainda não exercitado. Se não lhe permitimos a experiência gradual e bem orientada da livre escolha ou se a sua experiência se enfraquecer por uma perda inicial de confiança, a criança voltará contra si mesma todo desejo de discriminar e manipular. No momento em que o mundo escoraja a criança a ficar sobre seus próprios pés, deixando-a exercitar sua vontade, deve também protegê-la contra as atitudes arbitrárias de envergonhamento e dúvida precoce. A vergonha, no dizer de Erikson,

³² Erikson, Idem Ibidem, pag. 231.

pressupõe que o indivíduo se sente completamente exposto e que está ciente de que o estão olhando, é autoconsciente. Sabe-se visível mas, não está preparado para isto; por esta razão é que em nossa fantasia a vergonha é como uma situação em que nos sentimos fixamente observados, quando ainda não completamente vestidos, com roupas de dormir ou com as "calças arriadas". A vergonha se manifesta por um impulso de esconder o rosto ou de afundar no chão. Muitas crianças, forçadas a se envergonhar além da capacidade de tolerância, podem ficar em um estado de ânimo crônico. Este limite de tolerância é tão importante que elimina a fé e confiança naqueles que ousaram ultrapassá-lo. É na interação com seus pais, que a criança vai conseguir um equilíbrio satisfatório entre a autonomia e a dúvida quanto a si mesma. O apoio deve continuar sendo oferecido para o ego ainda limitado, tentando orientá-lo mas sem restringi-lo em demasia.

Para Erikson, este estágio tem um impacto duradouro tanto na sociedade, como na natureza humana, pois é neste período que a necessidade de autonomia da criança, sua vontade de fazer as coisas por si própria evidencia-se pela primeira vez. Nele está a origem da vontade, ou do "poder da vontade" da vida adulta.

A necessidade básica do homem de alcançar sua autonomia parece ter uma salvaguarda institucional no princípio da lei e da ordem, o qual atribui a cada um, tanto no dia a dia quanto nos tribunais de justiça, seus privilégios e limitações, suas obrigações e direitos.

Os adultos, deixando com que se desenvolva um sentido de dignidade legítima e de independência legal, propiciam à criança uma confiante expectativa de que o tipo de autonomia cultivado na infância poderá conduzi-la no futuro, para atitudes autônomas sem dúvidas ou vergonhas excessivas.

A Iniciativa versus Culpa, marcam a terceira idade do homem. Segundo Erikson, há em toda criança, em cada etapa, um novo milagre de desabrochamento vigoroso que constitui uma nova esperança e uma nova responsabilidade para todos. Esse é o sentido e a qualidade intrínseca da iniciativa. Esta crise povoada por hesitações e temores se desfaz porque a criança parece se "fundir", pessoa e corpo. Mostra-se mais ela mesma, mais terna, desimpedida, mais arguta em seu raciocínio, mais estimulada e mais estimulante e além de tudo está de posse de um excedente

de energia que lhe permite esquecer rapidamente os fracassos. A iniciativa soma à autonomia a capacidade de empreender, de planejar e de atacar pelo simples gosto de ser ativo e estar em movimento. Uma iniciativa no sentido de componente necessário de todo ato humano, pois o homem precisa de espírito de iniciativa para tudo o que aprende e faz, desde os atos mais simples até os mais complexos. Este período, apesar de cronologicamente, corresponder ao estágio fálico na teoria freudiana, transcende o complexo de Édipo pois este é apenas consequência das diversas mudanças físicas que ocorrem. Com 3 ou 4 anos a criança é capaz de introduzir-se no mundo mais vigorosamente que antes. Seu ego, assim como seus genitais funcionam agora de uma forma "intrusiva". Este modo intrusivo domina o comportamento deste estágio através de atividades e fantasias, incluindo a intrusão no espaço através da locomoção vigorosa, a intrusão no desconhecido através de uma curiosidade insaciável, a intrusão no ouvido e mente das outras pessoas através da voz agressiva, a intrusão sobre ou no corpo dos outros através do ataque físico. A intrusão sugere prazer no ataque e na conquista. No menino, a ênfase permanece nos modos fálico-intrusivos, na menina, recai nos modos de "armar o laço", nas formas mais agressivas de arrebatrar ou na mais moderada de se fazer atrativa e cativante³³.

Esta etapa pode provocar um sentimento de culpa, relacionado com os objetivos visados e com os atos ligados ao gozo exuberante deste novo poder locomotor e mental. São atos de manipulação e coação agressivas que ao ultrapassar a capacidade executiva do organismo e da mente obrigam a uma contenção enérgica da iniciativa planejada. A iniciativa comporta ainda uma rivalidade com os que chegaram primeiro, os irmãos mais velhos principalmente, que e por isso têm melhores condições e bagagem para dominar o espaço no qual sua iniciativa está sendo dirigida. Isso provoca a inveja e a rivalidade infantis na procura de ganhar a competição e delimitar os privilégios com relação à mãe, principalmente. Nesta tentativa o fracasso leva à resignação, ao sentimento de culpa e à ansiedade.

A culpa, da mesma forma que a iniciativa, pode ser excessiva. Como a criança tornou-se muito ativa e expansiva, ela pode imaginar-se cometendo faltas graves e sofrendo punições terríveis. Este sentimento de culpa é mais internalizado e maduro que a vergonha do segundo estágio e permite que a criança se torne mais responsável por suas ações, ela agora escuta a "voz

³³Erikson, Eric. 1950, obr. cit. pag. 235.

interior" de auto-observação, da auto orientação e da auto-punição. A sexualidade, o tabu do incesto, o complexo da castração e o superego unem-se para causar uma crise tipicamente humana na qual a criança deve renunciar a ligação exclusiva, pré-genital com seus pais, para iniciar o processo de se tornar um genitor, um portador da tradição. É o início da moralidade.

Em Erikson, um dos mais graves conflitos da vida é o ódio a um genitor que serviu como modelo e executor do superego, mas que de alguma forma foi descoberto tentando cometer as mesmas transgressões que a criança já não tolera em si mesma. Nesta fase, a balança pode pender muito mais em direção à culpa se os pais sobrecarregarem a jovem consciência e sufocarem seu sentido de iniciativa emergente. Se é necessário desencorajar algumas tentativas que as crianças fazem para desafiá-los, é muito importante também transmitir algumas impressões sobre a vida que ela poderá ter quando for "gente grande" e mostrar alguns objetivos que ela poderá aspirar. Assim estarão diminuindo as frustrações deste período, beneficiando a criança e a própria cultura, pois os sonhos de glória da infância são a base da ambição positiva na idade adulta. É assim que começa o sentido da vida.

Indústria versus Inferioridade, caracterizam a quarta idade do homem. Ao contrário das fases anteriores, esta fase demonstra, na teoria de Erikson um grande afastamento da teoria psicanalista embora assinale que esta fase corresponde ao período de "latência" de Freud. Para ele este período é muito mais significativo do que para os freudianos ortodoxos aproximando-se da fase juvenil de Sullivan na medida em que sua análise é feita baseada em crianças que frequentam a escola elementar, dos 6 aos 12 anos. Embora sua abordagem seja mais antropológica que a de Sullivan, enfatiza como este o impacto que a educação sistemática pode exercer durante estes anos.

Para Erikson,

"Nos povos pré-alfabetizados e nas atividades que não visam à alfabetização, muito há que aprender com os adultos que se fazem professores por dotes e inclinações naturais e não por decreto, e talvez a maior parte com as crianças maiores.

Assim, os fundamentos da tecnologia se desenvolvem à medida que a criança se capacita para manejar os utensílios, as ferramentas e as armas dos adultos. Os indivíduos instruídos que têm profissões mais especializadas, devem preparar a criança ensinando-lhe primeiro os instrumentos fundamentais da leitura e da escrita, a educação básica mais ampla possível e necessária para o maior número de carreiras possíveis."³⁴

Durante a 4a. idade do homem, todas as sociedades e especialmente as mais tecnologicamente especializadas, assumem a tarefa de transformar o sentido de iniciativa em um sentido de produtividade. É nesta fase também que a criança descobre que a cor de sua pele ou os antecedentes de sua família, mais do que o seu desejo ou vontade de aprender, são os fatores que decidem seu valor como aluno ou aprendiz. O perigo para a criança nesta época pode vir de um sentimento de inadequação ou inferioridade. Se ela não confia em suas ferramentas ou habilidades ou no seu "status" no grupo que participa, pode desencorajar sua identificação com os integrantes do grupo, com o mundo das ferramentas e condena-se à mediocridade e à inadequação. O desenvolvimento de muitas crianças desagrega-se quando a vida familiar não conseguiu prepará-la para a vida escolar ou quando a vida escolar deixa de cumprir as promessas das etapas anteriores.

Esta etapa, é a mais decisiva socialmente, visto que introduz o indivíduo a fazer coisas ao lado dos outros, desenvolvendo assim um primeiro juízo sobre a divisão do trabalho e da oportunidade diferencial. A criança bem orientada, termina o 4o. estágio com a auto-estima intacta e um sentimento de produtividade que pode ser transformado, de acordo com Erikson, em um sentimento de competência. Aprende também a respeito dos tipos de ocupação que a sociedade valoriza e sobre qual posição poderá aspirar na hierarquia da sociedade da qual faz parte.

³⁴Erikson. Idem Ibidem. pag. 239.

A quinta idade é marcada pela **Identidade versus Confusão de Papéis** Erikson, considera a 5a. idade do homem, a adolescência, como um período crítico. Com o advento da puberdade, a infância propriamente dita, acaba. Começa a juventude. Crescendo e se desenvolvendo os jovens sofrem uma revolução fisiológica interior e preocupam-se com o que possam parecer perante os olhos dos outros comparando com o que sentem e com o que são. Na busca de continuidade e coerência travam batalhas com quaisquer adversários, por vezes sem razão, e estão sempre a procura de ídolos e ideais duradouros como guardiães de sua identidade final.

A integração que resulta na identidade do ego é mais do que a soma das identificações da infância. É a experiência acumulada da capacidade do ego para integrar todas as identificações com as vicissitudes da libido, com as aptidões fundadas nos dotes naturais e com as oportunidades oferecidas nas funções sociais.

O perigo desta etapa é a confusão de papéis, quando a dúvida se pronuncia com relação à identidade sexual podendo ocorrer muitos episódios delinquentes e psicóticos. Entretanto, em grande parte a identidade sexual difusa do ego é projetada em outra pessoa na tentativa de procurar a definição de sua própria identidade. Outra forma de definir a identidade é apegar-se ao espírito de clã. Por vezes são intolerantes com os que estão fora do grupo mas, esta intolerância pode ser justificada como uma defesa contra a confusão do sentimento de identidade. Os adolescentes apesar de ajudarem-se mutuamente a vencer muitas dificuldades, formam grupinhos, criam esteriótipos e põem à prova de maneira perversa a mútua capacidade de hipotecar lealdade.

Entretanto o que perturba individualmente os jovens é a incapacidade de fixar-se em uma identidade ocupacional, pois aquí o jovem deve colocar-se dentro da perspectiva histórica avaliando o que poderá vir a ser no futuro. Este processo de análise simultânea de muitas possibilidades e alternativas é sem dúvida, intelectual e depende de um complexo conjunto de habilidades cognitivas que não se desenvolvem antes da adolescência. Neste ponto Erikson diz que:

"os dotes cognitivos que se desenvolvem durante a primeira metade da segunda década acrescentam um poderoso instru-

mento para as tarefas do jovem. Piaget chama as aquisições cognitivas feitas por volta dos 13-15 anos a realização de "operações formais". Isso significa que o jovem pode agora operar sobre proposições hipotéticas e pode pensar em variáveis possíveis e relações potenciais - e pensá-las exclusivamente em pensamento, independente de certas verificações concretas, previamente necessárias. Como disse Jerome S. Bruner, a criança pode agora "evocar sistematicamente toda a gama de possibilidades alternativas que existam em qualquer momento dado". Tal orientação cognitiva forma não um contraste mas um complemento de necessidade da pessoa jovem de desenvolver um sentimento de identidade, visto que, entre todas as relações possíveis e imagináveis, ele deve fazer uma série de seleções cada vez mais limitadas de comprometimentos pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicos."³⁵

Mas, apesar do jovem possuir as aptidões necessárias para decidir-se quanto a uma identidade, esbarra com certas pressões para fazê-lo.

Erikson diz que a mente adolescente é essencialmente uma mente do "moratorium", a etapa psicossocial entre a infância e a idade adulta, entre a moral aprendida pela criança e a ética a ser desenvolvida no adulto. É uma mente ideológica, pois ao analisar os valores sociais que orientam a identidade ele defronta-se com problemas da ideologia e da aristocracia, dentro da visão definida do mundo e do curso predestinado da história, onde os melhores indivíduos chegaram ao poder e onde o poder melhor se desenvolve no povo. Para não se submeterem ao cinismo e a apatia tentam convencer-se que são os melhores e triunfarão no mundo adulto.

Se esta 5a. idade é o resultado e ampliação das quatro primeiras, o conflito do adolescente tem também ligações com os conflitos nucleares das idades posteriores, uma vez que os mesmos

³⁵Erikson, 1968, obr. cit. pag. 246.

são antecipados e preparados durante a adolescência.

A sexta idade é marcada pela **Intimidade versus Isolamento**. O adulto jovem, que emerge da busca e persistência em uma identidade, anseia e se dispõe a fundir sua identidade com a dos outros. Está preparado para a intimidade. Se não conhece suas próprias necessidades, vontades, gostos e antipatias, uma pessoa será incapaz de admirar outra, muito menos vai encontrar alguém que a admire.

Segundo Erikson, a verdadeira intimidade é um contraponto tanto quanto uma fusão de identidade:

*"é a capacidade de confiar à filiações e associações concretas e desenvolver a força ética necessária para ser fiel e essas ligações, mesmo que elas imponham sacrifícios e compromissos significativos. Agora o corpo e o ego devem ser governantes dos modos orgânicos e dos conflitos nucleares, para que possam enfrentar o temor da perda do ego em situações que exigem auto abandono: na solidariedade das filiações íntimas, nos orgasmos e uniões sexuais, na amizade íntima e no combate físico, nas experiências de inspiração motivada pelos professores e de intuição que vem dos recessos do eu."*³⁶

Em termos estritos, somente agora desenvolve-se a verdadeira genitalidade. Para ele a genitalidade consiste na capacidade desimpedida de desenvolver uma potência orgástica tão livre de interferências pré-genitais que a libido genital se expresse na mutualidade heterossexual, com sensibilidade plena tanto do pênis como da vagina, e com uma descarga do tipo convulsivo da tensão de todo corpo. Esta experiência suprema da regulação mútua de dois seres, tira de alguma forma a aresta de hostilidades e das raivas potenciais causadas pela opositividade entre

³⁶Erikson, Eric. 1950. obr. cit. pag. 242.

homem e mulher, realidade e fantasia, amor e ódio. Sendo assim, as relações sexuais satisfatórias fazem o sexo menos obsessivo, a supercompensação menos necessária, os controles sádicos supérfluos. Para uma significação social duradoura, a utopia da genitalidade deveria incluir a mutualidade do orgasmo com um partícipe amado de outro sexo, com quem se possa e queira compartilhar uma confiança mútua e com quem se possa e queira regular os ciclos de trabalho, procriação e recreação a fim de assegurar também à descendência todas as etapas de um desenvolvimento satisfatório. É evidente que esta realização utópica, diz Erikson, não é uma tarefa apenas individual nem puramente sexual é sim parte integrante do estilo de seleção cooperação e competição sexuais de uma cultura.

O oposto da intimidade é o distanciamento, a tendência a isolar-se e se necessário destruir as forças e pessoas, cuja essência parece perigosa e cujo território parece invadir o âmbito das próprias relações íntimas. O indivíduo que teme a intimidade pode evitar o contato com as outras pessoas usando o trabalho como proteção. Por outro lado, há pares que promovem um isolamento "à deux" protegendo ambos os partícipes da necessidade de enfrentar o desenvolvimento crítico seguinte que é a generatividade.

A Generatividade versus Estagnação são a marca da sétima idade. A generatividade é fundamentalmente a preocupação relativa a firmar e guiar a nova geração. O conceito abrange sinônimas mais populares como produtividade e criatividade. O simples fato dos mesmos quererem ter filhos, contudo não realiza a generatividade. O homem maduro precisa sentir que é um ser necessário, e que a maturidade é dirigida, pela natureza, a cuidar daqueles que ainda deverão atingí-la. Entretanto, alguns pais jovens sofrem de um retardamento na capacidade de desenvolver um cuidado verdadeiro para com seus filhos. As razões disso, podem ser encontradas na infância, em identificações defeituosas com os pais, num egoísmo excessivo baseado numa personalidade que se auto-afirmou com demasiado rigor e na falta de fé em uma crença que faria do filho uma personalidade bem vinda. Aqueles que têm filhos meramente por convenções sociais, podem se sentir, mais tarde, oprimidos por um sentimento de estagnação. A estagnação é um sentimento de infecundidade pessoal, onde os indivíduos começam a entregar-se a si mesmos como se fossem deles próprios ou um do outro, um só e único filho. Por vezes uma invalidez prematura, física e psicológica converte-se em veículo de auto preocupação. A estagnação é o oposto negativo da generatividade. É o medo da estagnação que ajuda as pessoas

serem produtivas. A insistência, atualmente em moda, em dramatizar a dependência das crianças em relação aos adultos, geralmente camufla a dependência da geração mais velha em relação à mais jovem. Para chegar à maturidade, o homem necessita da orientação e do estímulo de precisar cuidar daquilo que tem sido produzido.

A generatividade é em si mesma, uma força propulsora na organização humana. Os estágios da infância e da idade adulta constituem um sistema de geração e regeneração, ao qual instituições como a divisão das responsabilidades familiares se empenham em dar continuidade.

Sobre a oitava e última idade do homem, **Integridade do Ego versus Desesperança**, Erikson diz que

"A segurança acumulada do Ego relativa à sua predisposição para a ordem e para a expressão. É um amor pós narcisista do ego humano-não do eu-como uma experiência que transmite uma certa ordem e sentido espiritual do mundo, não importa o que isto tenha custado. É a aceitação do próprio e único ciclo da vida como alguma coisa que tenha que ser, e, que, necessariamente, não admitia substituição: significa assim, um novo, um diferente amor com relação aos próprios pais. É uma lealdade com as formas ordenadoras de épocas remotas e objetivos deficientes, como se traduzem nos produtos e ditos simples daqueles tempos e atividades. Embora ciente da relatividade dos diversos estilos de vida que deram significação ao esforço humano, o possuidor de integridade está preparado para defender a dignidade de seu próprio estilo de vida contra todas as ameaças físicas e econômicas, pois sabe que uma vida individual é uma coincidência accidental de um só ciclo de vida com um único segmento da história; e que para ele toda integridade de que participa. O estilo de integridade desenvolvido por sua cultura ou civilização se torna assim o "patrimônio de sua

*alma", o selo de sua paternidade de si mesmo*³⁷.

O temor da morte é a perda ou falta dessa integração acumulada. A desesperança é o sentimento de que o tempo é muito curto para recomeçar e experimentar formas alternativas para a integridade. Este desespero pode assumir a aparência de desgosto, misantropia ou desprezo crônico para com determinadas instituições ou pessoas, desgosto ou desprezo que não sendo aliados à visão de uma vida superior significam apenas o desdém da pessoa por si mesma.

Erikson, destaca a sabedoria como a virtude humana desta época final da vida, como a fé, força de vontade, determinação, competência, fidelidade, amor, zelo como forças vitais das idades anteriores. Para ele, as crises normativas da vida provém da interação entre um plano biológico básico da espécie e a organização social que denominamos cultura. Esta existe para garantir que o plano básico tenha um desempenho satisfatório ao mesmo tempo que baseia sua existência futura neste mesmo plano. É da integração destes dois planos que depende a "sequência das gerações".

Os pressupostos básicos para a transformação da personalidade em maturação para a personalidade madura supõe, para Erikson, primeiro que a personalidade humana se desenvolve em princípio de acordo com etapas predeterminadas na disposição do indivíduo em crescimento para se deixar dirigir no sentido de um raio social cada vez mais amplo, para se tornar ciente dele e para interatuar com ele. Segundo que a sociedade, em princípio, tende a se constituir de tal modo que satisfaça e provoque esta sucessão de potencialidades para a integração e de tentativas para salvaguardar e ativar a proporção adequada e a sequência apropriada de sua abrangência. Nisso consiste a manutenção do mundo humano.

Erikson, confirma que seu diagrama epigenético para a análise do desenvolvimento psicossocial do indivíduo, registra uma série de conflitos ou crises, afirmando que o desenvolvimento psicossocial é uma sucessão de fases críticas, entendendo-se por "crítico" uma característica de momentos decisivos, de momentos de opção entre o progresso e a regressão, a integração e a sujeição. Anexa ao diagrama do desenvolvimento do Ego, uma relação das

³⁷Erikson, Eric. 1950. obr. cit. pag. 247.

fortalezas e sentimentos que sustentam as diversas fases para que possam se constituir em uma realidade com resultado duradouro das "proporções favoráveis" mencionadas nas diversas etapas do desenvolvimento psicossocial. Propondo Impulso, Esperança e Fé para a primeira idade, Confiança Básica versus Desconfiança Básica. Para a segunda idade, a da Autonomia versus Vergonha e Dúvida, o Auto controle e a Força de Vontade. Para a terceira idade, Iniciativa versus Culpa, propõe a Direção e o Propósito. Para a quarta idade, Indústria versus Inferioridade, propõe o Método e Capacidade. A quinta idade, Identidade versus Confusão de Papel, caracteriza com a Devoção e Fidelidade. A sexta idade, Intimidade versus Isolamento, mostram-se pela Filiação e Amor. A sétima, Generatividade versus Estagnação, apropriam-se da Produção e Cuidado. Finalmente, a oitava idade. Integridade do Ego versus Desesperança, mostra-se pela Renúncia e Sabedoria.

Ao rever todas as idades do homem propostas por Erikson, o objetivo foi mostrar que a adolescência, dentro da visão psicossocial, é um período crítico porém, integrado e fruto das outras fases do desenvolvimento do indivíduo, idéia que Erikson comunga com muitos outros teóricos e pesquisadores.

Para Piaget, a quem Erikson busca para explicar sua teoria, diz que por volta de 11 ou 12 anos, a criança tem uma transformação fundamental em seu pensamento quando passa do concreto para o formal ou mais propriamente para o hipotético-dedutivo. O pensamento passa a ter um novo poder que consiste em construir reflexões e teorias e que o jovem vai abusar deste poder desenvolvendo uma intensa e livre atividade de reflexão espontânea. Embora seja capaz de raciocinar como um adulto, não significa que alcançou o máximo de seu potencial ou que obrigatoriamente venha alcançá-lo um dia. A aquisição deste potencial depende de uma série de fatores, circunstâncias e de oportunidades educacionais que talvez nunca cheguem a se concretizar.

Entretanto, para além das teorias, como o jovem brasileiro, classe média, também chamado pela "mídia" de "geração cara pintada" tem manifestado seus interesses e suas preocupações?

Recentemente, 1990, foi feita uma pesquisa entre jovens brasileiros pelo Instituto de Pastoral da Juventude de Porto Alegre com o objetivo fundamental de conhecer a identidade dos

jovens do RS, a partir da realidade político-religiosa em que vivem. O levantamento dos dados foi feito através de uma amostragem envolvendo 15 dioceses, em meios rurais e urbanos, ambos os sexos, totalizando 730 sujeitos cuja idade variava entre 15 e 21 anos, todos alfabetizados e com diferentes níveis de escolaridade e dos quais 65% está ativo no mercado de trabalho. Os resultados desta pesquisa demonstraram que ao contrário do que o senso comum imagina, o jovem está preocupado com os problemas que o rodeiam e buscam de alguma maneira minimizá-los.

Uma pesquisa feita no primeiro semestre de 1992, pelos alunos do curso de Habilitação em Orientação Educacional, do Instituto Dom Bosco de Americana, que aplicaram um inventário para definir e detectar os interesses da população jovem, sem induzi-la, em escolas de 2o. grau, públicas e particulares, profissionalizantes e propedêuticas, dos períodos diurno e noturno das cidades de Americana, Limeira, Paulínia, Campinas, Piracicaba, Santa Bárbara D'Oeste, e Cosmópolis, abrangendo 520 adolescentes, conclui que:-

O esporte é o primeiro e grande foco de interesse entre os jovens pesquisados, vindo o namoro em segundo lugar.

Já as drogas aparecem em altíssimo grau na rejeição, assim como a bebida e o fumo.

Na rejeição aparecem também:- mentiras, violência, brigas, preconceitos, etc...

Urt, 1992 reflete sobre a problemática da juventude considerando-a a partir de uma perspectiva socio-histórica, que pressupõe a não existência de uma única categoria de jovens, o que ela diz é que "há uma margem de transformações pelas quais todo o adolescente passa necessariamente; contudo essas transformações são realizadas de maneira diferente, assumindo significados diversos em função da cultura, da história da classe social, etc... Isso pode ser verificado na variação da duração da adolescência. Na classe social mais elevada, a fase moratória da adolescência persiste por um período maior, considerado o prolongamento da escolaridade, o que não ocorre na classe social mais baixa, em que os adolescentes são levados desde a infância ao trabalho ou até a delinquência³⁸."

³⁸URT, S.C. "Uma Análise Psicossocial do Significado do Trabalho para os Jovens". Tese de Doutorado. FE. UNICAMP, 1992.

A teoria de Erikson parece que é a que mais se aproxima das questões que envolvem o adolescente atual. Para ele o adolescente enfrenta uma crise na passagem da infância para a idade adulta mas, que tal crise é em si "normativa" no sentido de que cada adolescente deve resolver mais ou menos os mesmos problemas e que apesar de sua complexidade ela é apenas uma dentre muitas - oito durante todo o desenvolvimento humano - e embora os problemas que ocorram durante a adolescência sejam específicos, e que a crise da formação da identidade tenha ênfase na adolescência, ela tem seu início na infância e não termina antes que os poderes de afirmação mútua do homem se esvançam, provavelmente na velhice. As complicações emocionais não são inevitáveis. Se a infância foi boa ele é capaz de olhar para o futuro e antever uma vida estimulante e compensadora podendo encarar a adolescência sem sofrimento exagerado. Mas, se suas bases forem instáveis e as experiências da infância difíceis, o período da adolescência pode tornar-se turbulento pela falta de promessas compensadoras no futuro. A existência de alguns problemas e conflitos durante a adolescência não justificam o diagnóstico de "turbilhão da adolescência". Em Erikson, o ideal da tempestade e tormenta proposto por Freidenberg e Keniston é substituído pela moratória.

Moratória, para Erikson, é uma pausa para respirar do adolescente, um período durante o qual se experimentam as várias alternativas e antecipam os compromissos adultos. Para ele as moratórias manifestam grandes variações individuais que são especialmente pronunciadas em pessoas muito dotadas (para melhor ou pior), e que certamente existem também variações desta moratória de acordo com as instituições das culturas e subculturas.

Se o jovem é forçado a assumir a vida adulta muito cedo, quer por necessidades econômicas, insegurança emocional ou qualquer outro fator, ele pode perder para sempre a oportunidade de passar por certas experiências, e deixar certos aspectos de seu "eu" inexplorados. Quando a vida adulta é infligida ao jovem, ao invés de ser uma passagem natural, seu sentimento de identidade pode ser prematuramente truncado. Os adolescentes que se casam, ou que inesperadamente tem que trabalhar para manter a família, são exemplos deste truncamento.

Tem surgido pesquisas a partir do arcabouço teórico de Erikson a respeito da identidade, confusão de papéis e moratória. Entretanto, é de J. Marcia, 1966, e seus colaboradores

Podd, 1972, Waterman e Waterman, 1971, que trabalharam com estudantes universitários a conclusão de que pode se distinguir quatro diferentes "status de identidade" entre estes estudantes.

Os Moratórios, eram os que estavam passando uma crise de identidade e tentando resolvê-la.

Os Impedidos ou Bloqueados, estudantes que haviam adotado uma ideologia ou escolhido uma profissão sem passar pela crise de identidade, presumivelmente tinham apenas aceito um conjunto de valores ao invés de escolherem por si próprios. O maior perigo dos impedidos é a eclosão de crises tardias quando não haverá mais energia suficiente para novos posicionamentos, restando apenas um sentimento de falsa escolha.

Os Difusos, eram os estudantes que pareciam confusos e incapazes de realizar quaisquer tarefas da adolescência, muito menos fazer opções ou realizar escolhas. Os difusos são os indivíduos que nem se engajaram e nem passaram pela crise. Uns são amorfos, moldando-se às circunstâncias para obter proveitos pessoais, outros, por não possuírem valores, isolam-se do grupo social e caracterizam-se como pseudo-artesãos sem origem ou destino definido.

O Aquisidor, aquele estudante que havia passado pela moratória e tinha formulado um sistema pessoal de valores e escolhido uma ocupação durante este processo. É o tipo considerado maduro e sadio. Já enfrentou as crises, questionou as opções e pode seguir seguro do que pretende.

Sem dúvida alguma, para emergir para a idade adulta, para haver crescimento pessoal com um firme sentimento de identidade, o jovem tem que estar aberto à experimentações de sistemas de vida, de valores, de ideais, de idéias para que descubra que tipo de pessoa realmente ele é.

Piaget também dissimula a idéia da adolescência como um período tempestade e tormenta. Mostra a adolescência como um período marcado por uma forma típica de egocentrismo intelectual que interage de forma característica com o ambiente social caracterizando-se por ser intelectual, centrado na crença da onipotência da reflexão como se o mundo

estivesse obrigado a submeter-se aos sistemas a não estes à realidade. *"É a idade metafísica por excelência"*. O "Eu" é forte bastante para reconstruir o universo e suficientemente grande para incorporá-lo.

"O adolescente é acima de tudo o indivíduo que constroi sistemas e teorias" arrogando-se o papel de crítico e reformador social numa quase total contradição a todos os valores que o cercam ligados ao mundo do adulto. A sociedade por isso, tende a ver o jovem como um rebelde irresponsável, entretanto esta fase não passa de uma transição, de uma lactência, onde ele está à procura de uma identidade.

*"A identidade é atribuída socialmente, sustentada socialmente e transformada socialmente" a sociologia "rejeita a idéia de que o pensamento ocorra isolado do contexto social dentro do qual determinados homens pensam sobre determinadas coisas."*³⁹

É inegável que a humanidade como um todo, está passando por uma série de crises neste final de século. Imaginemos o jovem, a princípio em crise à procura de sua identidade, fazendo parte de uma sociedade também em crise.

Se Hanna Arendt⁴⁰ tem razão quando diz que os adultos estão recusando-se a assumir a responsabilidade pelo mundo que estão passando à geração mais nova, que não cessam de proclamar que, para eles, adultos, tudo também é um mistério, que também eles estão insatisfeitos e incapacitados de enfrentar os problemas e que portanto, a nova geração não deve exigir satisfações dos mais velhos, pois são todos inocentes. Conclui-se, que o jovem está lançado a sua própria sorte.

Felizmente, acima de tudo, como diz Erikson

"a adolescência é um regenerador vital no processo da evolução social, pois a juventude pode oferecer suas lealdades"

³⁹Berger, Peter. "Perspectivas Sociológicas" Petrópolis. Vozes. 1973. pag. 112.

⁴⁰Arendt, Hanna. "Entre o Passado e o Futuro". S.P. Perspectiva. 1972.

des e energias tanto à conservação daquilo que continua achando verdadeiro como a correção revolucionária do que perdeu seu significado regenerador."⁴¹

O processo adolescente só estará concluído quando o indivíduo absorver a sociabilidade e a aprendizagem competitiva com e entre os companheiros de sua idade e subordinar as suas identificações da infância a uma nova espécie de identificação. E estas novas identificações não se caracterizam apenas pela ludicidade da infância ou pelo ímpeto experimental da puberdade, mas encaminham o jovem a opções e decisões comprometidas por toda a vida.

Piaget a este respeito diz que o egocentrismo metafísico, nesta fase encontra pouco a pouco uma correção na reconciliação entre pensamento formal e realidade. Desta forma o equilíbrio é atingido quando a reflexão compreende que sua função não é contradizer mas, se adiantar e interpretar a experiência. Piaget fala também que a personalidade é resultante da submissão ou melhor, da auto-submissão do eu a uma disciplina qualquer. A personalidade começa com a organização autônoma das regras, dos valores e a afirmação da vontade, com a regularização e hierarquização moral das tendências. Existe personalidade a partir do momento em que forma um "programa de vida (Lebensplan)". A verdadeira adaptação à sociedade vai ocorrer quando o adolescente de reformador transformar-se em realizador⁴².

Para transformar-se em realizador é preciso assumir uma identidade ocupacional que para Erikson é causa importante da inquietação do jovem. Freud, Piaget e Erikson, são convergentes ao afirmar que o indivíduo torna-se adulto a partir do momento que realizam um trabalho. Para Piaget, ao assumir uma identidade ocupacional é legitimada a "inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos". Por sua parte Freud diz que "O homem maduro é aquele capaz de "Amar e trabalhar. (Lieben und arbeiten)".

Entretanto, não basta ao jovem apenas querer, encontrar uma identidade ocupacional e assumi-la. O ingresso no mercado de trabalho está se tornando cada vez mais difícil. O período

⁴¹Erikson, Eric. 1968, obr. cit. pag. 134.

⁴²Piaget, Jean. "Seis Estudos de Psicologia" R.J. Forense, 1972.

moratório, onde o jovem prepara-se para exercer seu papel de realizador, de construtor e cooperador da nova sociedade, está cada vez mais ampliado, além do que, a diversificação de possibilidades de opção, bem como o constante delineamento de novas carreiras tornam muito mais difícil a escolha profissional.

A autonomia que o adulto dá ao jovem, a liberdade, ou melhor, a responsabilidade que os pais delegam aos filhos no momento das opções, talvez, não passem de uma pseudo autonomia.

Para Piaget, autonomia reside na capacidade da vontade do homem em escolher uma ação de acordo com um princípio moral válido por si, e autonomia moral é a consciência de igualdade e reciprocidade nas relações entre indivíduos.

Torna-se difícil aceitar que existe uma igualdade e uma reciprocidade entre o jovem e o meio no qual ele escolherá uma profissão. Pois como quer Montesano⁴³, ao efetuar trocas cognitivas com ambientes socioculturais onde é difícil viver situações igualitárias, é difícil o surgimento automático da idéia de igualdade entre indivíduos.

Atualmente, o jovem não sente perante a sociedade uma relação de igualdade e reciprocidade. Sente sim uma forma unilateral de respeito mesclado de afeição e temor, a mesma que tem por seus pais e pelos adultos em geral denominado heteronomia que se caracteriza por um sentimento de desigualdade, inferioridade e impotência tornando o lado do jovem mais fraco e insuficiente para as pequenas e grandes conquistas que terá que fazer na busca do que realmente faça sentido para ele.

Se para Durkheim, a sociedade é um fenômeno "sui generis", representando uma realidade compacta e que os fatos sociais são "coisas" possuidoras de uma existência objetiva externa a nós e como fatos objetivos e externos, manifestam-se sobretudo na forma de coerção, não podemos esquecer Berger quando diz que:

⁴³ Montesano, D.F. "Anotações e Reflexões sobre a Autonomia" in Revista Attualità in Psicologia vol. 1 no. 2 O/N/D - Roma 1986.

*"quase sempre desejamos exatamente aquilo que a sociedade espera de nós."*⁴⁴

Entretanto, o homem acima de tudo é Homo Sociens e como tal prescende da sociedade, suas escolhas são feitas dentro dos limites que lhe são impostos. A autonomia que rege o jovem para fazer suas opções dentro de seus princípios morais, na procura de realizar seus ideais transformadores, não existe por si e nem tão pouco pode ser desvinculada da realidade, o importante, todavia, é ter bem claro as palavras de Berger:

*"que embora objetivado o mundo social foi feito pelos homens, e portanto pode ser refeito por eles."*⁴⁵

⁴⁴Berger, Peter. "A Construção Social da Realidade" Petrópolis. Vozes. 1973.

⁴⁵Idem. Ibidem. pag. 122.

CAPÍTULO - II

II - A ESCOLHA

COMO SE DÁ A ESCOLHA DOS JOVENS

*"A transformação da classe média, representa uma passagem da propriedade para a não propriedade em termos positivos, é a passagem de uma estratificação social baseada na propriedade para uma estrutura baseada na ocupação."*⁴⁶

Para o jovem brasileiro, da classe média, é inconcebível falar em escolha profissional, que não seja pela via de uma faculdade. Através deste diploma é que sentir-se-á valorizado como pessoa dentro de seu contexto social.

Em Mills, está entendido que a classe média não tendo mais condições econômicas de juntar riquezas e garantir para seus filhos uma herança de bens palpáveis como imóveis, terras, ações, procura deixar o que consideram de maior valor: o DIPLOMA. A caminho da democratização do ensino, temos visto, pela história da educação no Brasil, que a exigência social vai fazendo com que o diploma almejado esteja cada vez em níveis mais elevados. Para dar este diploma ao filho, a classe média faz todo tipo de sacrifício, economiza, priva-se do lazer e do conforto. Esta exigência da classe média passou a ser também uma necessidade da classe operária, prova disso é a exigência legal de cursos noturnos em todas as Universidades Estatais e a exploração deste grande veio pelas instituições particulares.

⁴⁶ Mills, Wright, "A Nova Classe Média" R.J. Zahar. 1976. pág. 85.

Mas, o que é um diploma universitário? O que é uma universidade?

Neste sentido Saviani diz que são funções específicas da Universidade a conservação, criação, transformação e transmissão de cultura. Centrando-se na transmissão do saber, visa formar profissionais com uma adequada fundamentação teórica que lhes permita uma ação coerente e com uma satisfatória instrumentalização técnica que lhes possibilite uma ação eficaz. A nível de pesquisa destina-se a produção de novos conhecimentos e à ampliação da esfera do saber humano. Uma outra função da Universidade é a extensão, procurando a "articulação da Universidade com a sociedade, de tal modo que aquilo que ela produz em termos de novos conhecimentos e aquilo que ela difunde através do ensino não fique restrito apenas àqueles elementos que conseguem ser aprovados no vestibular e que integram determinada profissão. Cabe à Universidade socializar seus conhecimentos, difundindo-os à comunidade e se convertendo, assim, numa força viva capaz de elevar o nível cultural geral da sociedade."⁴⁷

Nos últimos anos, em resposta à pergunta:- "o que você espera em primeiro lugar de um curso universitário?" Os vestibulandos da UNICAMP, em sua maioria, responderam "formação profissional voltada para o trabalho". (COMVEST)⁴⁸

O jovem sonha com uma formação profissional dentro de seu projeto de vida. Entretanto apenas o sonho e a determinação de segui-lo não bastam. Para chegar até sua concretização o jovem passa por inúmeras contingências que podem ir desfocando tal sonho. Existe um momento único na vida do estudante, um momento exato que exige dele a decisão inadiável de uma escolha. É o momento em que ao fazer a inscrição para concorrer às vagas de uma faculdade, o jovem tem que escrever sua opção.

Em um país onde o diploma universitário é um "status" de que poucos abrem mão, é impossível que todos os jovens tenham vaga garantida, fazendo-se necessário algum tipo de

⁴⁷ Saviani Dermeval. "Ensino Público e Algumas Falas sobre a Universidade". S.P. Cortez, 1984. pag. 48.

⁴⁸ Resultados de Pesquisas realizadas pela COMVEST (Comissão do Vestibular da UNICAMP, nos últimos anos, inclusive 1992).

seleção, mesmo porque, segundo Gadotti, 1980⁴⁹, a função real da universidade é operar a discriminação continuando o que é feito no 1o. e 2o. graus. Em nosso país a seleção para o 3o. grau é feita através do exame vestibular.

II.1 - Revisão Bibliográfica

VESTIBULAR:- Adj. 1 - Relativo ao vestíbulo. 2 - Diz-se do concurso superior aberto aos candidatos que houverem concluído o curso de segundo grau, e destinado a avaliar o preparo de tais candidatos e sua aptidão intelectual. 3 - Concurso Vestibular. (Aurélio)

Santos, 1988⁵⁰, diz que o exame vestibular foi criado em 1911. Era um exame de "saída" do ensino secundário, então inexistente, ao mesmo tempo que permitia o ingresso no ensino superior. Só em 1925, diante do afluxo de maior número de candidatos, é que foi adotado "numerus clausus", número de vagas prefixadas. E então o exame vestibular passou a ser também um concurso para preenchimento de vagas. Com a Reforma Capanema, em 1942, o ensino colegial, em três anos, era a única estrada para o ingresso nos cursos superiores. Os vestibulares realizavam-se sobre conteúdos do curso colegial. Nessa época e nos anos seguintes, os atos administrativos falavam indistintamente em "exame de habilitação". "exame vestibular" e "concurso vestibular". Todos referindo-se a esse ato que tem a função de examinar se o candidato reúne condições mínimas para frequentar um curso superior, e de classificar os candidatos em ordem de desempenho médio final, de modo a indicar os que devem ser matriculados, em vista do número de vagas prefixado. Até o final dos anos cinquenta o concurso vestibular se fazia para um curso determinado. Em 1961 aumenta o número de candidatos uma vez que passa a haver equivalência para todos os cursos de 2o. grau dando direito a todos alunos de curso técnicos a prestarem vestibular. Fundam-se organizações especializadas em realização de vestibular. Em 1964, cria-se em São Paulo, a Fundação Carlos Chagas, para realizar exames

⁴⁹Gadotti, Moacir. "Educação e Poder, S.P. Cortez, 1987.

⁵⁰Santos, Waldemar dos. "A Verdade sobre o Vestibular". S.P. Atica, 1988.

unificados na área de biomédicas para diversas escolas. Era conhecido com CESCEM (Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas e Biológicas do Estado de São Paulo). Logo criou-se o CESCEA (Centro de Seleção de Candidatos às Escolas de Economia e Administração, São Paulo) para exames unificados na área de Economia, Administração assim, em toda parte, as instituições foram se organizando para fazer frente ao número contingente de candidatos. Em 1968 foi criado, pelo governo o Grupo de Trabalho de Reforma Universitária (GTRU) que preparou o anteprojeto que veio a ser aprovado, com pequenas alterações, transformando-se na Lei 5.540/68. Essa lei trata do vestibular nos artigos 17 e 21.

"Art. 17- Nas Universidades e estabelecimentos isolados de ensino superior poderão ser ministradas as seguintes modalidades de curso:

- a) de graduação, abertos à matrícula dos candidatos que hajam concluído o ciclo colegial ou equivalente e que tenham sido classificados em concurso vestibular.

"Art. 21- O concurso vestibular, referido na letra a do artigo 17, abrangerá os conhecimentos comuns às diversas formas de educação de segundo grau, sem ultrapassar esse nível de complexidade, para avaliar a formação recebida pelos candidatos e sua aptidão intelectual para estudos superiores.

Parágrafo único:- Dentro do prazo de três anos, a contar da vigência desta Lei, o concurso vestibular será idêntico em seu conteúdo para todos os cursos ou áreas de conhecimento afins e unificados em sua execução, na mesma universidade ou federação de escolas, ou no mesmo estabelecimento isolado de organização pluricurricular de acordo com os estatutos e regimentos.

É inegável, que dentro da legislação brasileira, o sonho do jovem precisa ser ratificado pelo exame de seleção, pelo vestibular. Será que este sonho vem se concretizando? Será que o jovem brasileiro tem realizado seu projeto de vida? Se isto não acontece, quais são os meios, instrumentos e mecanismos que o jovem tem utilizado para decidir-se por uma opção no momento em que faz a inscrição para o vestibular?

Alguns estudos procuraram investigar a questão, ainda que em ângulos diferentes.

RIPPER, 1977, em sua tese "Análise do Sistema de Seleção em 2 Fases Introduzidas no Vestibular da Fuvest" diz que um candidato eliminado na 1a. fase poderia ter na 2a. fase uma nota superior ao mínimo necessário, e isso se caracterizando como "perda", prova a deficiência do instrumento de seleção. Este trabalho mostra que este exame de seleção provocador de tantas angústias, não se constitui um instrumento perfeito para seleção dos jovens. Sendo assim, pode-se questionar sua validade.

FERREIRA, 1978, em seu trabalho "Escolha Profissional-Opção ou Imposição" dos alunos de um curso profissionalizante na cidade de Natal, chegou a conclusão que os alunos e orientadores entrevistados apresentam uma percepção ideologizada da realidade, pois não apreendem as relações de determinação, chegando mesmo a negá-las. Desta forma, ocultavam as transformações resultantes do processo histórico, apresentando, como universais, características específicas de um tipo determinado de sociedade. Refletindo sobre este trabalho chega-se à conclusão que por falta de uma orientação adequada, o jovem está escolhendo sua profissão desvinculado da realidade no qual vai atuar.

Já, OLIVEIRA, 1979, pesquisando "A Auto-Estima do Adolescente em Situação de Provação" conclui que a auto-estima de um jovem pode ser alterada numa situação de provação, que em seu trabalho referia-se especificamente ao momento do concurso vestibular. Era a comprovação do desgaste emocional no momento do exame de seleção mas não respondia se isto influiu de alguma forma na escolha, ou mais propriamente na opção do vestibulando.

Lendo ARAUJO, 1980, em "Nível de Continuidade das Escolhas Profissionalizantes de 2o. Grau", recomendando que se façam pesquisas no campo de Orientação Vocacional, a fim de se identificar os fatores como interesse, aptidão assim como outras variáveis que possam estar influenciando na descontinuidade de estudos de 2o. e 3o. graus, conclui-se que o campo da orientação vocacional está carente de pesquisas mais recentes.

PRANDI, 1982, em "Favoritos Degradados" falando de como a Universidade é vista como elemento mágico, cujo toque transmuta a condição de vida futura daqueles que a ela se achegam, e dizendo que o número de vagas, é tema central em torno do qual a Universidade deve discutir, faz pensar sobre a impropriedade da seleção feita atualmente e da possibilidade de existirem

circunstâncias que possam abrandar tal acontecimento.

MAIA, 1984, em "A Evasão no 3o. Grau, a Quem Interessam as Razões" infere que os sujeitos indicam a procura de cursos que lhes possibilitem fácil acesso (via vestibular), isto é cursos que apresentam menor índice de concorrência e que, via de regra, são reconhecidos pela comunidade como "cursos fáceis". Essa procura é justificada, tendo em vista o desejo expresso de assegurar um lugar dentro da instituição, e a partir daí, tentar transferência e /ou remanejamento interno para outros cursos. A configuração dos "cursos trampolim" se tornou evidenciada principalmente junto aos cursos de Matemática, Física, e Química, em relação aos cursos de engenharia.

Com TIRADOS, 1985, que pesquisou "El Fracasso Escolar em Jovenes Universitários", concluindo que entre as causas do fracasso escolar dos universitários existem os fatores inerentes ao aluno como falta de preparo, desenvolvimento inadequado de aptidões específicas ou acordes com o tipo de carreira escolhida, desajustes entre expectativas ao iniciar a carreira e a realidade, inadequação à estrutura acadêmica entre outros, mostrou que além de complexo, o problema não é só brasileiro.

Santos, 1988, procura revelar totalmente este exame de seleção em "A Verdade Sobre o Vestibular", dizendo que o vestibular, esquema profundamente injusto, que alia a situação econômica à possibilidade de conseguir vaga em escola pública não é contestado. A injustiça é sutilmente camuflada debaixo do aparato técnico que envolve essa instituição chamada concurso vestibular. Acreditam todos, pais, candidatos, professores e os próprios organizadores, que o vestibular é um mal inevitável, mas um jogo democrático, onde todos têm as mesmas chances e que, no interesse do ensino, escolhe as melhores cabeças porque é baseado em medidas irreprocháveis. Que a coisa é tão bem feita, cercada mesmo de um aparato logístico-militar garantindo o sigilo das questões, que somente a alguns poucos ocorre ser isso dispensável e provocador de profundas distorções de nosso ensino. Por ele pode-se sentir que o assunto é bastante polêmico e precisa ser enfocado com cuidado e seriedade.

Mais recentemente, PRADO, 1990 estudando "Acesso e "Evasão de Estudantes na Graduação no Curso de Física da USP", conclue que é difícil encontrar uma forma de acesso a

faculdade, imune à evasão e que esta é bastante intensa logo após a matrícula. O fator que mais pesa é a opção pelo curso. Conclui também que os vestibulares tem efeitos danosos sobre o funcionamento do sistema educacional, mas não são causa direta das desigualdades de oportunidades; sua extinção ou diluição pelo ensino de 2o. grau certamente provocarão problemas mais graves que os atuais e que os defeitos do sistema de opção no ingresso são uma causa de evasão, mas não devem ser considerados isoladamente; peculiaridades como número de candidatos e de vagas, períodos de funcionamento do curso, opções internas, prestígio social e desinformação sobre carreiras, perspectivas profissionais etc.. devem também ser consideradas.

SILVA, M.M.L.G., 1990 em seu "Perfil Psicológico e Opção Profissional Acadêmica" fala que em inúmeros casos a escolha se realiza de forma arbitrária, condicionada por razões alheias à própria pessoa do orientando, sejam elas de ordem social, política ou econômica e que a ignorância em relação ao que está implícito na escolha e a falta de confiança em suas próprias experiências vitais, levam a pessoa a abdicar de uma decisão autônoma, consoante a sua própria análise crítica das variáveis envolvidas, para tomar como suas as decisões tomadas por outros.

SILVA, L.B.C., 1990, em "A Escolha de Profissão: Uma Abordagem Psicossocial" faz um estudo exploratório muito pertinente a respeito dos determinismos socio-econômicos interiorizados sob a forma de "habitus" de classe e que as vicissitudes do desejo relativos à escolha profissional são vivenciados pelos sujeitos como conflito psíquico e que este tem suas resoluções diferentes segundo o estrato socio-econômico considerado.

Estas leituras mostraram que o questionamento fora tratado em vários ângulos e que ainda algumas indagações ficavam sem resposta o que justificava a exploração do problema. Assim neste momento fazia-se necessário realizar um estudo piloto a fim de compreender melhor a questão e estruturar de forma mais precisa o questionamento da pesquisa.

II.2 - Estudo Piloto

O projeto piloto foi realizado com alunos de um curso preparatório para o vestibular, da cidade de Campinas, em Maio de 1990.

Com a aquiescência da direção, foi realizada uma palestra contando da pesquisa e convidando os alunos interessados à participar dela. Estavam presentes 62 alunos, dos quais 34 deram o telefone para posterior contato. Foram entrevistados 22 jovens. Algumas entrevistas duraram horas, outras alguns minutos.

A partir daí foram sendo feitas entrevistas com jovens que procurando ajuda mostravam-se angustiados com o vestibular. Destas entrevistas estão transcritos alguns trechos:-

"Eles vão colocando, vestibular, vestibular, vestibular, faz assim, como a faculdade a coisa mais linda! O vestibular é tudo na tua vida, se você não entra e foi o que aconteceu comigo, nada tinha graça na minha vida... Não vou acabar com esse ressentimento, meu sonho sempre foi passar na Unicamp, eu sempre tive boas notas, sempre fui boa aluna... quando eu não entrei, nossa, foi a primeira derrota que eu tive, eu nunca, eu sempre queria ter boas notas sabe, eu não tinha dificuldade nas matérias, quando chegou o vestibular foi uma derrota assim, que sabe quando você parece que vem... Eu morro de medo de prestar tudo de novo e não passar e ter que fazer outro ano... (o sonho desta jovem era fazer medicina, se inscreveu em Engenharia de Alimentos na UNICAMP, passou, mas felizmente passou também em Medicina em Santos onde está cursando.

"Posso fazer uma pergunta prá você? Você acha justo o sistema de vestibular? Eu tenho bronca do exame vestibular, é o segundo ano que estou prestando, eu acho o sistema de avaliação péssimo...Hoje em dia quem faz faculdade, na maioria das vezes, vamos falar a verdade, na Unicamp, a maioria estuda em escola particular ainda faz inglês prá fora, sabe. Quem estuda em escola do Estado, é muito difícil de

entrar na Unicamp, vocês já analisaram isto também? Acho isso muito injusto. Porque você estudou a vida inteira no colégio do Estado, não é justo você não entrar... porque sabe, vou ser sincera prá senhora, estudo, ó, muito pode perguntar... pode prestar vestibular que você não passa, passei na PUC, mas não tenho condições de fazer, certo, uma escola particular, é muito caro prá medicina, sabe quando você ...dia de exame da Unicamp e da USP que deu um negócio em mim, nossa, fico muito nervosa, entendeu, não sei que foi isso, não sei que defeito que eu tenho. "cê".. eu fico, você sabe quando você fica... acho que é porque eu quero tanto, e sei que é tão concorrido... mas já é criado o perfil, se você for ver, porque todo dia você tem, eu ouço as pessoas falarem, então você cria dentro de sua cabeça um monstro entendeu, todo dia..."

"Tenho vinte anos, este é o terceiro ano que presto vestibular, eu fiz a preparação com o terceiro ano, estudei muito, o ano passado também estudei muito e não passei, este ano "tô" estudando assim não tanto que eu deveria estudar, "tô" achando que "tô" assim, até meio relaxado, quero prestar odontologia e não sei se é por causa desse medo de não passar de novo, eu sempre penso numa segunda opção, eu quero tomar uma segunda opção mas, não consigo enxergar o que...mas na verdade eu tenho que optar por uma segunda opção, sabe, não é insegurança do que possa acontecer, mas eu não quero enfrentar de novo cursinho, acho que cursinho é uma das piores fases da vida..."

Quando a pergunta foi:- "Como você se sente por não ter passado no vestibular?

destacam-se os seguintes depoimentos:-

"Frustrado, um pouco, porque sei o que eu quis estudar é economia, né, o curso de Economia da Unicamp, considerado um dos melhores do Brasil, tem também o da USP e da UNIESP, considerados super bons, mas na UNICAMP além de uma boa formação assim na economia, está ligado ao lado político... Eu acho que é a maneira com que os meios de comunicação vem expondo as coisas... se eu passar, eu vou ficar muito contente, que é que eu quero estudar, economia. UNESP... Prestei UNESP (ainda não havia saído o resultado), mas eu prestei em Lavras. Não sei se a senhora sabe, prestei agronomia em Lavras... O fato do ensino de 1o. e 2o. graus no Brasil ser tão assim, tão, sabe deficiente, sabe, não servir... em termos de vestibular não ser o... não conseguir fazer com que o estudante esteja preparado para uma prova a nível de vestibular, ele é injusto com muita gente... com muito, muito estudante mesmo..." (este jovem passou em Lavras e está cursando)

"Então por isso que eu estou preocupada, eu até então eu achava que eu queria medicina, assim com certeza, não tinha dúvida nenhuma tal, aí vou chegando, fiz vestibular, queria passar, lógico, que na PUC eu já vi que não tinha passado, na UNICAMP, não entrei nem na primeira fase, só que o resultado de Bragança... é parece no ano passado chamaram até 98 pontos e eu tinha feito 101, a hora que eu vi que podia passar, me deu um desespero, não sabia mais se era aquilo que eu queria mesmo"... (este ano fez várias opções, passou em fisioterapia, está cursando)

"Bom, geralmente quando vou fazer vestibular, eu acho que, acho "sacanagem" porque eu fico nervosa tal, e aí acabou, minha letra sai pior do que é, eu pego não consigo me concentrar numa questão, sabe fico naquele estado de nervo você olha prá tudo quanto é lado, parece que o clima fica horrível "né" então eu acho que é uma coisa assim, nunca que você vai avaliar direito uma pessoa, que ela sabe o que ela não sabe sob tensão, "né"... "(este ano não se inscreveu para nenhum curso)

"Eu acho que a cobrança que tem é muito grande. Então o cerco "tá" se fechando e a gente "tâ" ficando ali no meio, desesperada, e o pessoal do cursinho chega, se você não passar te tratam como uma "ameba", né, coisinha muito pequena, insignificante... que você tem obrigação de passar..."

"O cursinho foi a fase que mais marcou na minha vida, tem muitas coisas que acontecer ainda, mas por enquanto o cursinho foi o que mais me chocou..."

"Cursinho é muito, desgasta demais a gente sabe. Toda aquela ansiedade, aquela concorrência que existe entre os próprios colegas aí, isso deixa a gente realmente meio... é ruim, isso daí, não gostei, foi uma experiência horrível... Sabe o que mais me revolta, é que cursinho hoje é um... um... curso né, inventado por várias entidades escolares aí, que é caríssimo, as melhores são as mais caras, não reconhecidas pelo Governo Federal..."

Depois das entrevistas, lidas por muitas e muitas vezes, foi se configurando um fato muito relevante:- a ansiedade que toma conta dos vestibulandos no momento do exame de seleção e consequentemente no momento da opção profissional.

Após categorizar alguns fatores relevantes que se repetiam nos diversos discursos colhidos, estes foram confrontados com a literatura especializada e com as pesquisas e estudos já realizados sobre vestibular e escolha profissional tendo sido constatadas diferentes tendências na abordagem destas questões. Alguns aproximam-se do enfoque pretendido, mas nenhum tratava com o olhar específico as questões levantadas. Embora muitos dos aspectos que traziam sensibilização para este problema já tivessem sido objeto de estudos, o questionamento só havia sido abordado periféricamente e muitas das indagações continuavam sem respostas.

Neste ponto, reportou-se à Luna para quem *"as decisões metodológicas são pura decorrência do problema formulado e este só se explica devidamente em relação ao referencial teórico que deu origem a ele."*⁵¹

⁵¹Luna, S.U. "O Falso Conflito entre Tendências Metodológicas" in: Metodologia da Pesquisa Educacional". Fazenda, 1, S.P. Cortez. 1989. pag. 32.

CAPÍTULO - III

III - METODOLOGIA

Pelos estudos preliminares realizados principalmente através de entrevistas e pesquisas bibliográficas, decidiu-se por um estudo descritivo, onde se vislumbra-se a possibilidade de trabalhar, se não com a totalidade, pelo menos com uma grande parte da população envolvida, onde os dados fossem suficientes para responder de alguma forma o questionamento, que ficou assim formulado:-

"Quais os elementos que o jovem considera ao fazer escolhas de carreiras e de universidades, por ocasião do vestibular?"

O problema foi estruturado em torno das seguintes questões norteadoras:-

- 1 - Todos os jovens que cursam o 3o. colegial em 1991 vão prestar o exame vestibular em 92?
- 2 - Caso haja jovens que não vão prestar vestibular, quais os motivos apresentados para não se inscreverem?
- 3 - Os jovens que vão prestar vestibular já possuíam experiência de vestibulares anteriores?
- 4 - Se existem, estas experiências anteriores influenciam a decisão do jovem na inscrição para o vestibular deste ano?
- 5 - O que o jovem considera quando faz sua opção por ocasião da inscrição no concurso vestibular?

- 6 - Que impacto tem o vestibular sobre a tomada de decisão quanto a escolha de curso e a profissão a seguir?

III.1 - População

A população pesquisada é constituída pelos alunos que estavam cursando 3o. colegial e ou curso preparatório para exames vestibulares das escolas da rede pública e particular da cidade de Campinas.

De acordo com as informações obtidas junto às quatro Delegacias de Ensino da cidade de Campinas, foram identificadas 47 (quarenta e sete) escolas de 2o. grau que funcionavam com o 3o. ano.

Uma vez que os cursos preparatórios não têm vínculo com as delegacias de ensino, obteve-se informação junto aos meios de comunicação e divulgação identificando-se 6 (seis) cursos preparatórios, totalizando 53 (cincoenta e três) estabelecimentos.

As escolas forneceram um total de 9 139 (nove mil cento e trinta e nove) matrículas de alunos que frequentavam o 3o. colegial e ou curso preparatório.

Das 53 instituições identificadas 3 (três) ficaram fora da pesquisa por falta de autorização das direções. Eram elas: um colégio particular propedêutico, um colégio particular técnico e um curso preparatório. Sem a participação destas escolas perdeu-se aproximadamente 1 120 (um mil e cento e vinte) sujeitos.

Desta forma dos 9139 sujeitos inicialmente previstos, restaram 8 019 (oito mil e dezenove) e destes foram encontrados em sala de aula, nos dias de aplicação do questionário, 4 036 (quatro mil e trinta e seis) alunos. Dos alunos presentes, apenas um negou-se a responder e dos 4035 (quatro mil e trinta e cinco) questionários respondidos, 2 (dois) foram inutilizados por falta de seriedade nas respostas.

A população final ficou constituída de 4033 (quatro mil e trinta e três) sujeitos.

III.2 - Instrumento de Pesquisa

Para que as questões fossem investigadas, foi elaborado um questionário para ser aplicado na população alvo.

O questionário foi estruturado a partir das questões norteadoras sendo composto de 16 (dezesesseis) perguntas contendo algumas, alternativas de resposta em aberto. Depois de elaborado, o questionário foi testado em um grupo de estudantes com as mesmas características da população em estudo, mostrando-se adequado aos objetivos propostos.

III.3 - Descrição do Instrumento

As questões 1, 2 e 3 do questionário procuravam caracterizar a população em relação a idade, sexo e tipo de curso frequentado.

A questão 4 tinha o objetivo de detectar os estudantes que fizeram inscrição para o vestibular.

A questão 5, consequência da 4, apontava os motivos que impediram os possíveis jovens de não se inscreverem para o vestibular.

A questão 6, procurava fazer um levantamento do número de vezes que o estudante havia feito inscrição, em quais faculdades e em quais cursos eram feitas.

A questão 7, procurava localizar as preferências dos jovens pelas faculdades em relação às inscrições feitas.

A questão 8, consequência da 7, buscava os motivos das possíveis preferências por alguma faculdade.

A questão 9, enfoque central da pesquisa, procurava detectar se o projeto de vida do jovem estava sendo contemplado no momento da inscrição ou se tal projeto estava sendo abandonado com inscrições não compatíveis com ele. Ainda nesta questão levantava-se as justificativas para as possíveis mudanças na escolha.

As questões 10, 11 e 12 procuravam levantar os motivos que levam o jovem a escolher e se a escolha se mantém na mesma área, dentro das três opções.

As questões 13, 14, 15 e 16 buscavam dados sobre experiências em vestibulares anteriores e suas possíveis influências na escolha atual.

Todas as questões com possibilidades de respostas com alternativas em aberto pretendiam dar ao pesquisado a oportunidade de apresentar outros motivos não previstos pela pesquisa.

III.4 - Aplicação do Instrumento

Do total de 50 escolas, a aplicação foi realizada em sala de aula, com os alunos presentes, entre os dias 24 de Outubro e 22 de Novembro de 1991, ocasião escolhida tendo em vista que as inscrições feitas pelos sujeitos para os vestibulares das grandes faculdades estavam ainda bastante recentes e por isso os jovens poderiam responder ao questionário com mais precisão.

CAPÍTULO - IV

IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os formulários preenchidos foram analisados tendo em vista a categorização das respostas abertas e a codificação de todos os itens. Após o cumprimento dessas tarefas eles foram digitados em computador.

Em seguida foram levantadas as frequências de respostas, por questão, por alternativa e por categoria.

São esses dados que serão apresentados, analisados e comentados a seguir, subdivididos em três partes.

IV.1 - 1a. Parte

Caracterização de todos os sujeitos pesquisados

IV.2 - 2a. Parte

Apresentação dos dados dos sujeitos que não fizeram inscrição no vestibular 92

IV.3 - 3a. Parte

Apresentação dos dados dos sujeitos que fizeram inscrição no vestibular 92

IV.1 - 1a. PARTE

Caracterização de todos os sujeitos pesquisados

TABELA 1

Distribuição dos sujeitos de acordo com a natureza jurídica das Instituições que frequentam.

Natureza das Instituições	Tipo de Curso	Estabelecimentos	Sujeitos
Públicas (sujeitos: 1969)	Propedêutico	26	1536
	Técnico	5	433
Particulares (sujeitos: 2064)	Propedêutico	11	986
	Técnico	3	197
	Curso Preparatório	5	881
Total		50	4033

Como se observa na Tabela 1, os sujeitos se distribuem quase que equitativamente entre instituições públicas e particulares.

TABELA 2
Distribuição dos sujeitos pesquisados de acordo com a idade

Faixa Etária	Sujeitos	Frequência
16-17 anos	1033	25,61 %
18 anos	1037	25,71 %
19-20 anos	1070	26,53 %
21 a 42 anos	873	21,65 %
Não Responderam	20	0,50 %
Total	4033	100,00 %

Pode-se notar de acordo com a tabela 2 que mais da metade dos sujeitos pesquisados tem de 16 à 18 anos e que 75 % deles tem até 21 anos.

TABELA 3
Distribuição dos sujeitos pesquisados de acordo com o sexo

Sexo	Sujeitos	Frequência
Feminino	2208	54,75 %
Maculino	1812	44,93 %
Não Responderam	13	0,32 %
Total	4033	100,00 %

Nota-se entre os sujeitos pesquisados um predomínio do sexo feminino. Estes números se aproximam dos dados fornecidos pelo IBGE e relatados pelo "Anuário Estatístico do Estado de

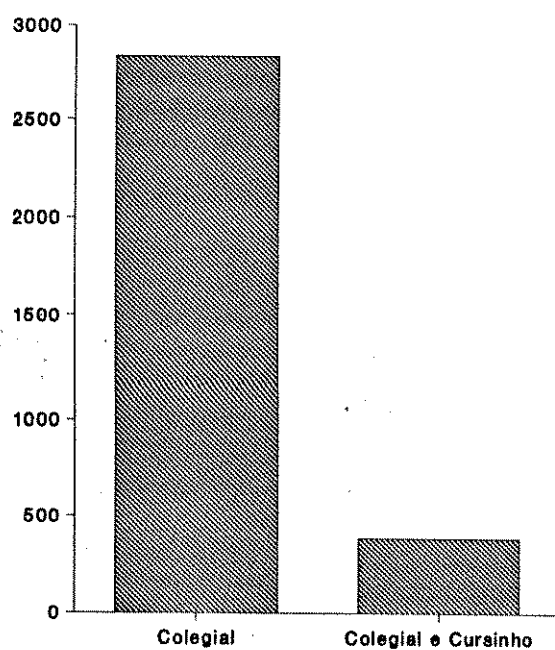
São Paulo" de 1990 de que 45,95% dos estudantes paulistas de 2o. grau são do sexo masculino e 54,04% do sexo feminino.

TABELA 4

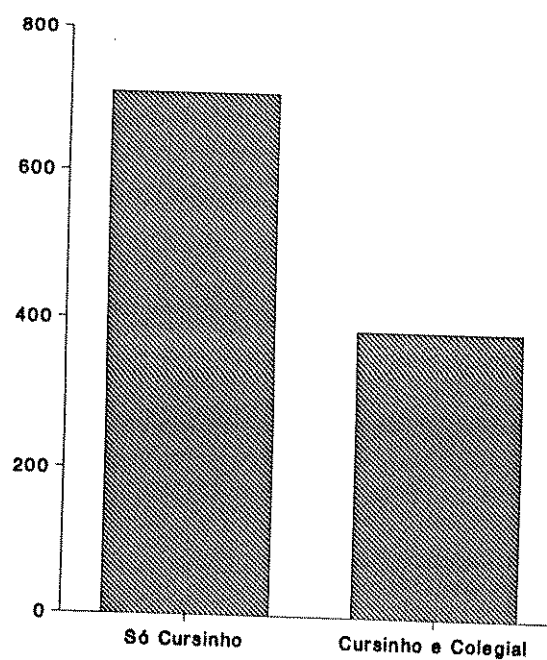
Distribuição dos Sujeitos pesquisados de acordo com o curso que frequentam

Curso	Sujeitos	Frequência
3o. Colegial	2839	70,39%
3o. Colegial e Cursinho	387	9,60%
Cursinho	708	17,56%
Não Responderam	99	2,45%
Total	4033	100,00%

ALUNOS DE COLEGIAL
No. de Alunos: 3226



ALUNOS DE CURSINHO
No. de Alunos: 1095



Experiências em Vestibulares Anteriores

Aprovações

TABELA 5

Distribuição dos Sujeitos de acordo com aprovações em vestibulares anteriores

Aprovação	Sujeitos	Frequência
Sim	614	15,22 %
Não*	2854	70,77 %
Não Responderam	565	14,01 %
Total	4033	100,00 %

*Na resposta **Não**, estão inclusos os sujeitos que nunca foram aprovados e os sujeitos que nunca prestaram vestibular.

Bastante relevante o dado de que 15,22% dos sujeitos pesquisados já foram aprovados em vestibulares anteriores e ainda frequentam o colegial ou o curso preparatório. Nestas aprovações podem-se incluir os jovens que prestaram vestibular apenas para adquirir experiência mas que não terminado ainda o 3o. colegial. Estes jovens entre os vestibulandos são chamados de "treineiros". Podem-se incluir também os jovens que não estão satisfeitos com a instituição na qual foram aprovados ou ainda os jovens que pretendem mudar de curso dentro da mesma instituição pois julgam que a escolha anterior não foi acertada.

TABELA 6

Distribuição dos 614 sujeitos aprovados em vestibulares anteriores de acordo com os motivos apresentados para a inscrição neste novo vestibular

Motivo	Sujeitos	Frequência
1 - Não ingressei na 1a. opção	80	13,03 %
2 - Não ingressei na Universidade que queria	104	16,94 %
3 - Entrei na 1a. opção e descobri que não era aquilo que eu queria	91	14,82 %
4 - Entrei em uma Universidade que por problemas financeiros não dava para cursar	34	5,54 %
5 - Entrei em uma Universidade que não ofereceu a possibilidade de mudança de curso, a partir do 2o. ano como eu queria.	5	0,81 %
6 - Não era para valer. Apenas treino	224	36,48 %
Não Responderam	76	12,38 %
Total	614	100,00 %

Através da Tabela 6 pode-se elucidar a Tabela 5. Dos 538 sujeitos que responderam o motivo de fazerem novas inscrições para o concurso vestibular, apesar de já aprovados em vestibulares anteriores, 41,64% eram "treineiros" e não tinham direito à matrícula, os outros 58,36%, por diversos motivos, não estavam satisfeitos com a escolha.

Agrupados os motivos apresentados pelos sujeitos para a inscrição em novos vestibulares apesar de já aprovados anteriormente, obteve-se a seguinte caracterização:-

TABELA 7

Categorias dos motivos de novas inscrições dos 614 sujeitos aprovados anteriormente

Categoria	Sujeitos	Frequência
Insatisfação com a escolha	280	45,60%
Problema financeiros	34	5,54%
Aprovação invalidada	224	36,48%
Não responderam	76	12,38%
Total	614	100,00%

Na primeira categoria, Insatisfação com a Escolha, estão os aprovados que não ficaram satisfeitos ou com a carreira em que foram aprovados ou com a Universidade na qual conseguiram vaga.

Na segunda categoria, Problemas Financeiros, estão os jovens que tinham vagas garantidas mas, o orçamento familiar não permitiu a continuação do curso. Muitas vezes as referidas vagas foram conseguidas em instituições particulares, com o custo da mensalidade muito elevado tornando-se proibitivo para famílias de poder aquisitivo baixo.

Na 3a. categoria, Aprovação Invalidada, estão os jovens que prestaram vestibular apenas por experiência, sem terem terminado ainda o curso colegial, não havendo possibilidade de matrícula apesar de aprovados. A este respeito pode-se exemplificar citando dados do COMVEST sobre o vestibular 92 onde 2 387 (dois mil trezentos e oitenta e sete) inscritos não tinham o colegial completo, dando uma porcentagem em torno de 6% do total dos inscritos. E ainda, destes inscritos com o vestibular incompleto, 488 (quatrocentos e oitenta e oito) foram aprovados.

Levando-se em conta os 534 sujeitos que responderam o motivo de novas inscrições, apesar de já aprovados anteriormente, a primeira categoria tem 52% dos sujeitos, a 2a.categoria tem

6,32% e a 3a. categoria 41,6% dos sujeitos.

Experiências em Vestibulares Anteriores
Reprovações

TABELA 8

Distribuição dos sujeitos pesquisados de acordo com as reprovações em vestibulares anteriores

Reprovação	Sujeitos	Frequência
Sim	964	23,90%
Não*	2301	57,05%
Não Responderam	769	19,05%
Total	4033	100,00%

*Na resposta **Não** estão inclusos os sujeitos que nunca foram reprovados e que nunca prestaram vestibular.

Experiências em Vestibulares Anteriores
Reprovações

TABELA 9

Influência das reprovações em vestibulares anteriores dos 964 sujeitos na opção de 92

Influência	Sujeitos	Frequência
1 - Não afetou porque estou mantendo as mesmas opções	546	56,64 %
2 - Escolhi cursos com menos candidatos por vaga	36	3,73 %
3 - Percebi que não dominava as matérias exigidas para a área que havia escolhido anteriormente	85	8,82 %
4 - Percebi que não era aquilo que eu queria	148	15,35 %
5 - Agora estudei mais	19	1,97 %
6 - Não era para valer. Apenas treino	65	6,74 %
7 - Mudei de opção	6	0,63 %
8 - Não responderam	59	6,12 %
Total	964	100,00 %

Agrupando-se os motivos em categorias, obteve-se a seguinte caracterização

TABELA 10

Categorias das Influências de reprovações em vestibulares anteriores dos 964 sujeitos, nas opções de 92

Categorias	Sujeitos	Frequência
Influenciou Motivos: 2, 3 e 7	127	13,17%
Não influenciou Motivos: 1, 4, 5 e 6	778	80,71%
Não Responderam	59	6,12%
Total	964	100,00%

Na primeira categoria, verifica-se que experiências negativas em vestibulares anteriores afetaram 13,18% dos sujeitos que se inscreveram no vestibular 92 e responderam a esta questão.

Na segunda categoria, 80,70% dos sujeitos responderam que experiências negativas em vestibulares anteriores não afetaram as opções atuais.

Quanto à experiência em vestibulares anteriores, não temos subsídios tirados desta pesquisa, referentes às influências na manutenção de carreira, isto porque, ao prestarem em momentos anteriores, muitos jovens não haviam ainda terminado o colegial. Eram apenas jovens tentando adquirir alguma experiência que facilitasse seu desempenho no momento oportuno, entretanto sabiam que a aprovação não seria válida. Sendo assim, na maioria das vezes se inscreviam em carreiras com menor número de candidatos por vaga para garantirem as condições de passarem para a 2a. fase. A única conclusão que podemos tirar de experiências anteriores com relação a manutenção da carreira pretendida é a que foi dada por 13,17% dos jovens que responderam que mudaram de opção ou que escolheram cursos com menos candidatos por vaga em função de experiências negativas em vestibulares anteriores.

TABELA 11**Distribuição dos sujeitos de acordo com as inscrições feitas no vestibular 92**

Inscrições	Sujeitos	Frequência
Sim	2782	68,98 %
Não	1206	29,90 %
Não Responderam	45	1,12 %
Total	4033	100,00 %

Como pode-se notar a maioria dos estudantes pesquisados fez inscrição para o vestibular de 1992.

A maioria (68,98%) respondendo que fez inscrição para o vestibular, comprova a teoria de Mills de que a herança da classe média sem dúvida alguma é a ocupação, e no Brasil, como sabemos, a ocupação para ser valorizada deve vir através do diploma universitário.

IV.2 - 2a. PARTE

Apresentação dos dados dos sujeitos que não fizeram inscrição para o vestibular 92

TABELA 12

Distribuição dos 1206 sujeitos que não fizeram a inscrição no vestibular 92 de acordo com a idade

Faixa Etária	Sujeitos	Frequência
16-17 anos	171	14,18%
18 anos	250	20,73%
19-20 anos	360	29,85%
21 a 42 anos	415	34,41%
Não Responderam	10	0,83%
Total	1206	100,00%

Podemos notar que a concentração maior que estava na faixa dos 19 e 20 anos entre o total de sujeitos pesquisados, ficou agora, entre os que não vão prestar vestibular, na faixa dos maiores de 21 anos.

TABELA 13

Distribuição dos 1206 sujeitos que não fizeram inscrição no vestibular de acordo com o sexo

Sexo	Sujeitos	Frequência
Feminino	652	54,06%
Masculino	550	45,61%
Não Responderam	4	0,33%
Total	1206	100,00%

Quanto ao sexo não houve uma variação considerável no total dos sujeitos pesquisados e os que não se inscreveram no vestibular.

TABELA 14

Distribuição dos sujeitos que não fizeram inscrição para o vestibular de acordo com o curso que estão frequentando

Curso	Sujeitos	Frequência
3o. Colegial	1152	95,52%
3o. Colegial cursinho	10	0,83%
Cursinho	3	0,25%
Não Responderam	41	3,40%
Total	1206	100,00%

Estes dados são comprobatórios. Uma vez que o curso preparatório, também chamado cursinho, é específico para os jovens que vão prestar vestibular é coerente que todos os jovens que frequentam estes cursos façam inscrição para o vestibular. O que não ficou claro, foi o fato de 13 estudantes que estão frequentando os referidos cursinhos não se inscreverem para o exame vestibular para o qual estão recebendo preparação específica.

TABELA 15
Distribuição dos 1206 sujeitos de acordo com os motivos apresentados e que impediram a inscrição no vestibular 92

Motivos	Sujeitos	Frequência
1 - Não acho importante fazer faculdade	28	2,30%
2 - O curso colegial já é suficiente	12	0,99%
3 - A faculdade não vai melhorar minha vida	20	1,65%
4 - Não posso estudar porque preciso trabalhar	73	6,00%
5 - Não tenho condições financeiras de fazer faculdade	508	42,78%
6 - Não tenho condições de passar no vestibular	258	21,22%
7 - Opção por curso técnico	22	1,81%
8 - Vou prestar ano que vem	46	3,79%
9 - Cansaço físico e mental	25	2,06%
10 - Pretendo terminar o curso técnico	92	7,57%
11 - Vou sair do país	10	0,82%
12 - Afazeres domésticos	6	0,49%
13 - Problemas de saúde	1	0,08%
14 - Perdi a data da inscrição	11	0,90%
15 - Vou prestar vestibulinho	1	0,08%
16 - Serviço militar	13	1,07%
17 - Desmotivado	7	0,58%
18 - Indecisão na escolha	15	1,23%
19 - Mudança de cidade	6	0,49%
20 - Já faço faculdade	5	0,41%
21 - Outros interesses (comércio, Aviação, Modelo, etc...)	39	3,21%
22 - Preço da inscrição	12	0,99%
23 - Acho cedo pela idade	1	0,08%
24 - Religião	1	0,08%
25 - Estou guardando dinheiro para prestar UNICAMP	1	0,08%
26 - Não gosto de estudar	1	0,08%
27 - Muito velho	1	0,08%
28 - Não preciso vestibular para teologia	1	0,08%
Total	1216	100,00%

Algumas considerações merecem ser feitas pelo inusitado das respostas

"Já faço faculdade" foram respostas que apareceram nos colégios técnicos, principalmente nos cursos de magistério que apesar de darem o direito a seus alunos de cursarem um curso superior já no terceiro ano, exigem o término do 4o. ano para efeito do diploma correspondente. Em sua maioria são alunos que fazem pedagogia.

"Preço da Inscrição" Uma realidade difícil de entender. Em uma sociedade que se diz democrática, onde os direitos são iguais, o cidadão não tem acesso ao ensino pretendido por não ter condições financeiras de pagar a inscrição para o exame de seleção que lhe dá acesso.

"Acho cedo pela idade" Apenas um jovem deu esta resposta, o que demonstra que a idade não é impedimento para a inscrição no vestibular e tem-se notado que para a maioria é importante adquirir experiência para um exame de tão grande importância, pois considera-se que com esta experiência o exame vai se tornando menos assustador. Existem alunos que já na 8a. série demonstram vontade e insistem com seus pais para inscrevê-los no vestibular. Se o número de estudantes que assim procedem não é maior, deve-se ao elevado preço da inscrição.

"Religião" São jovens de religião evangélica que impedem seus fiéis de frequentarem aulas ou prestar exames em dias dedicados ao culto.

"Estou guardando dinheiro para prestar UNICAMP" Muito interessante esta resposta. O vestibular da UNICAMP é algo tão importante que é preciso preparo prévio até mesmo no aspecto financeiro.

Através da resposta **"Não gosto de estudar"** o jovem foi sincero. Já conseguiu chegar a um curso técnico, que não lhe peçam para ir além. O curso técnico no Brasil, deveria ser um caminho melhor explorado para que um maior número de jovens se realizasse em uma profissão evitando o inchaço das universidades que por vezes, cursadas apenas por pseudo-necessidades criadas socialmente, levam à insatisfações profissionais, resultando mesmo em desperdício educacional.

Respondendo que não iam prestar vestibular porque iam "**prestar vestibulinho**" um fato apresentou-se. Vale lembrar que o "vestibulinho" é o exame de seleção para o curso técnico. Supõe-se que os sujeitos que deram estas respostas estavam fazendo o curso propedêutico que não possibilita qualificação profissional, portanto para o mercado de trabalho, inócuo. Com o "vestibulinho" pretendiam voltar atrás em busca de um curso técnico que os capacitasse para uma profissão sem entretanto, as grandes exigências de uma faculdade.

Quanto ao "**serviço militar**", pela maneira como está estruturado, é quase impossível ao jovem fazer serviço militar e cursar faculdade ao mesmo tempo.

Categorias dos motivos Apresentados

Depois de levantadas todas as respostas, notou-se que apesar de não terem feito a inscrição a maioria demonstrou interesse em fazer faculdade mas, sofriam impedimentos diversos. Decidiu-se então classificar os sujeitos por identidade de motivos.

TABELA 16

Distribuição das categorias dos motivos que impediram a inscrição no vestibular 92

Categorias	Sujeitos	Frequência
Não têm interesse em fazer faculdade (Motivos: 1, 2, 3, 7, 15, 17, 21 e 26)	130	10,69%
Têm interesse em fazer faculdade (motivos: 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27 e 28)	1086	89,31%
Total	1216	100,00%

Pode-se notar que dos sujeitos que apresentaram os motivos para não terem feito a inscrição

para o vestibular, 10,69% afirmou que não têm interesse em fazer faculdade. Se este número, 130, for relacionado com o total geral dos estudantes pesquisados ve-se que apenas 3% do total dos estudantes pesquisados não tem interesse em fazer faculdade. De onde se conclue que 97% dos estudantes que cursam o 3o. colegial e cursinho nas escolas da cidade de Campinas, pretendem a breve ou médio prazo fazer um curso universitário.

Para entender-se melhor os motivos apresentados pelos sujeitos que demonstram interesse em fazer faculdade, a 2a. categoria foi sub-dividida como demonstra a seguinte tabela:

TABELA 17

Categorias dos motivos que impediram a inscrição no vestibular apresentados pelos sujeitos que têm interesse em fazer faculdade.

Categorias	Sujeitos	Frequência
Carência financeira (Motivos: 4, 5, 12, 22 e 25)	600	55,25%
Carência intelectual (Motivo: 6)	258	23,76%
Outros Motivos: (Motivos: 11, 16, 19, 20, 24, 27 e 28)	228	20,99%
Total	1086	100,00%

A 1a. categoria, dos impedidos de fazer vestibular ou faculdade por motivos financeiros, representa 14,00% do total dos pesquisados. Os motivos aquí categorizados, demonstraram claramente a falta de recursos financeiros para frequentar uma faculdade, quer sob a forma de meios para custear um curso, quer pela necessidade de entrar no mercado de trabalho para a manutenção de si mesmo ou da própria família, ou ainda pela necessidade da mulher permanecer todo tempo no lar para cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos.

A 2a. categoria, carência intelectual, representa 6,00% do total dos pesquisados. São jovens conscientes de que o curso de 2o. grau que estão cursando não está sendo suficiente para prepará-los para um exame de seleção como o vestibular.

A 3a. categoria, Outros Motivos, engloba cansaço físico e mental, mudança de cidade ou do país, problemas de saúde, adiamento da inscrição, perda da data da inscrição, serviço militar, religião, idade, curso superior em andamento, falta de gosto pelo estudo, cursos com poucos candidatos que dispensam o vestibular. As respostas desta categoria, pelo número, não justificaram categorias isoladas.

IV.3 - 3a. PARTE

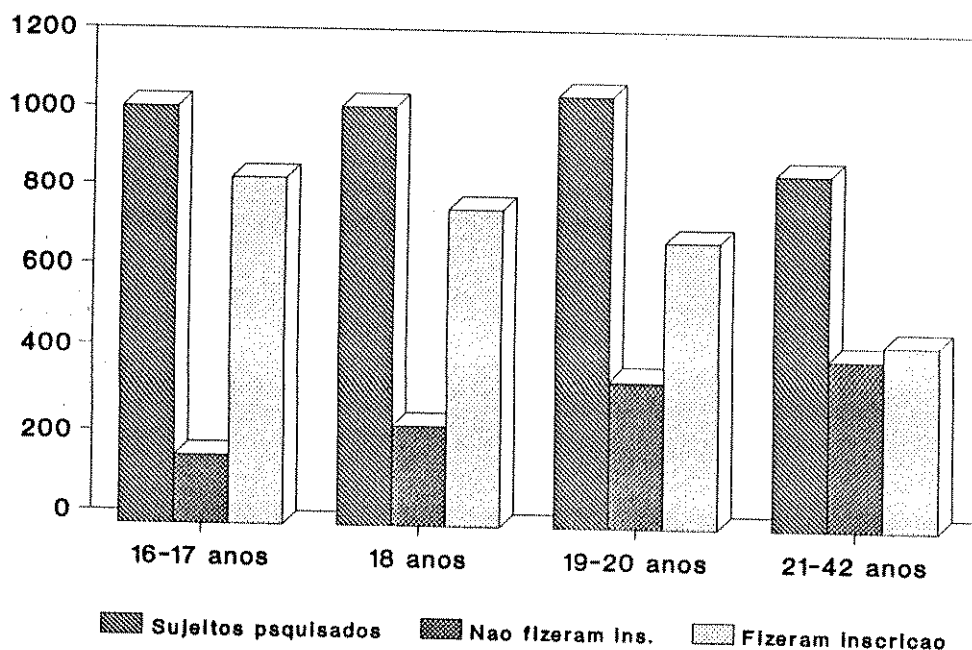
Apresentação dos dados dos sujeitos que fizeram inscrição no vestibular em 92

TABELA 18

Distribuição dos 2 782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com a idade

Faixa Etária	Sujeitos	Frequência
16-17 anos	852	30,63 %
18 anos	775	27,86 %
19-20 anos	698	25,09 %
21 a 41 anos	453	16,28 %
Não Responderam	4	0,14 %
Total	2782	100,00 %

Nota-se agora uma alteração na tabela, a concentração que estava na faixa dos maiores de 21 anos entre os sujeitos que não fizeram inscrição para o vestibular, passou para a faixa de 16-17 anos, entre os sujeitos que fizeram inscrição para o vestibular 92.



Entretanto, a concentração notada entre os mais jovens, não anula a constatação de que embora vá diminuindo, a vontade de fazer um curso universitário permanece entre muitos estudantes, vontade esta detectada até os 41 anos. Isto ficou claro na seguinte resposta extraída de um dos questionários:

"Esta seria a maior felicidade de minha vida, e também os meus pais ficariam muito felizes, pois até hoje nenhum de meus irmãos conseguiu vencer e eu gostaria muito de fazer faculdade. Meu sonho é me formar porque não adianta nada estudar e estudar e no final não se formar em nada."

TABELA 19

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com o sexo

Sexo	Sujeitos	Frequência
Feminino	1528	54,92 %
Masculino	1248	44,86 %
Não responderam	6	0,22 %
Total	2782	100,00 %

Proporcionalmente, pode-se considerar que não existe predominância de qualquer dos sexos entre os estudantes que se inscreveram no vestibular.

TABELA 20

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com o curso que frequentam

Curso	Sujeitos	Frequência
3o. Colegial	1652	59,39 %
3o. Colegial e Cursinho	376	13,52 %
Cursinho	702	25,23 %
Não Responderam	52	1,86 %
Total	2782	100,00 %

Pode-se observar, que quase a totalidade dos sujeitos pesquisados que fazem o cursinho se inscreveram no vestibular, já entre os alunos que fazem só o 3o. colegial esta porcentagem equivale a metade dos alunos pesquisados.

A maioria estava cursando apenas o curso colegial, seguindo-se dos alunos de cursinho. É uma demonstração de que o jovem que tenta vestibular sai diretamente do colegial. Se for reprovado aí então vai fazer curso pré-vestibular. A tendência de se fazer os dois cursos ao mesmo tempo é mínima, talvez pelas condições financeiras que tomaram conta da classe média pois é inegável a necessidade que o jovem sente de fazer cursinho, parece inclusive que este fator aumenta sua auto-confiança no momento da opção e do próprio exame.

TABELA 21

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com os motivos apresentados para a 1a. opção

Motivos	Sujeitos	Frequência
1 - Orientação de meus pais	39	1,40%
2 - Orientação de meus professores	7	0,25%
3 - Prestigio do curso entre meus amigos	19	0,68%
4 - Mercado de trabalho	313	11,25%
5 - Meus interesses e tendência pessoais	1809	65,03%
6 - Porque me permitirá ser útil à sociedade	200	7,19%
7 - Porque me permitirá ter uma profissão bem remunerada	166	5,97%
8 - Porque dá "Status"	12	0,43%
9 - Porque é atual	20	0,72%
10 - Porque há poucos candidatos por vaga	48	1,73%
11 - Dar continuidade ao técnico	13	0,47%
12 - Trabalho no ramo	14	0,50%
13 - Unico que tem possibilidade	10	0,36%
14 - Indecisão na escolha	1	0,04%
15 - Horário de Funcionamento	4	0,14%
16 - Emprego garantido	4	0,14%
17 - Não responderam	103	3,70%
Total	2782	100,00%

Analisando as respostas a esta pergunta, identificou-se pontos em comum entre muitas delas o que justifica o agrupamento em categorias.

TABELA 22

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com as categorias dos motivos apresentados para a 1a. opção

Categorias	Sujeitos	Frequência
Realização Pessoal (Motivos: 5 e 11)	1822	65,49 %
Financeiros (Motivos: 4, 7, 8, e 16)	509	18,30 %
Altruísticos (Motivo: 6)	200	7,19 %
Outros Motivos (motivos: 1, 2, 3, 9, 10, 13, 14 e 15)	148	5,32 %
Não Responderam	103	3,70 %
Total	2782	100,00 %

Na primeira categoria, Realização Pessoal, o jovem afirma que sua escolha é dirigida para sua realização pessoal devendo estar de acordo com seus interesses e tendências pessoais. É importante lembrar que estes interesses e tendências pessoais são o resultado da formação e educação que o jovem vem recebendo desde a infância como analisa Erikson nas "Oito Idades do Homem" e Piaget quando fala das "estruturas cognitivas". Na procura de continuar o curso técnico nota-se uma concordância às teorias desenvolvimentistas quando afirmam que a escolha de profissão é um processo duradouro e não apenas um momento na vida do indivíduo manifesto apenas no final da adolescência.

Em Motivos Financeiros, 2a. categoria, os jovens demonstram que a perspectiva de recompensa dentro da profissão é relevante. Aqui a concordância é com as teorias econômicas quando dizem que as escolhas profissionais são dirigidas pelo salário que a mesma pode garantir.

Em Motivos Altruísticos, 3a. categoria, são respostas de jovens que demonstraram que ajudar o próximo é prioritário perante os outros motivos. Esta resposta comprova as pesquisas realizadas pela Pastoral da Juventude relatada no primeiro capítulo cuja conclusão é de que existem jovens que estão preocupados com os problemas sociais que os envolvem e pretendem colaborar na sua solução.

Em Outros Motivos, foram englobados indicadores com um número baixo de frequência. Nesta categoria ficaram a influência do grupo social, representado pela orientação dos pais, professores e amigos. Poucos jovens, ao contrário do senso comum, responderam que a orientação dos pais influi na escolha da carreira o que demonstra que os pais passaram aos filhos a responsabilidade de tal escolha. Não se discute se isto é positivo ou não. Sabe-se que muitos pais têm as carreiras mal resolvidas e não querem assumir o fracasso do filho caso este venha a falhar. Por outro lado o jovem sente-se ansioso e externamente preocupado em ter que decidir sozinho algo de tão grande importância. A orientação dos professores conta menos ainda. Isto demonstra que a escola tem perdido a oportunidade de orientar os jovens no momento preciso em que estes sentem a necessidade de uma orientação que lhe mostre os caminhos possíveis de serem seguidos.

Nesta categoria entra também a afirmação de que escolheram a carreira, porque é atual. Felizmente é um pequeno número, tendo em vista que ao sair da faculdade depois de 5 ou 6 anos de formação com a mobilidade do mercado, tal escolha poderá levar a uma profissão ultrapassada. A concorrência também se mostrou importante no momento da opção, assim como "único que tem possibilidade" e "horário de funcionamento". Com estas respostas o jovem demonstra que tem se preocupado em fazer um curso compatível com suas condições culturais, condições financeiras e de trabalho. Sobre isto é inegável a necessidade de maior divulgação dos cursos noturnos oferecidos pelas universidades públicas e também a divulgação do perfil do jovem que faz parte da clientela destas instituições para que caiam os preconceitos e os jovens de classes menos favorecidas possam enxergar novos horizontes não restringindo seus propósitos para instituições particulares que por vezes não oferecem a formação profissional exigida pela competitividade do mercado.

É importante notar-se que não houve entre as respostas a declaração de que a opção foi

feita baseada na indicação de testes vocacionais. Sabe-se que os referidos testes, criados por Parksons e organizados na Teoria Traço-e-Fator já exerceram fascínio entre os jovens que procuravam escorar-se neles para legitimar suas escolhas. Também não foi declarado o aconselhamento de orientadores vocacionais ou profissionais especializados em orientar os jovens na escolha de profissão.

TABELA 23

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com os motivos apresentados para a 2a. opção

Motivos	Sujeitos	Frequência
1 - Porque este curso é tão importante para mim quanto o que escolhi em 1a. opção	799	28,72 %
2 - Porque é o que mais se assemelha a minha 1a. opção	779	28,00 %
3 - Porque acredito que a partir do 2o. ano poderei mudar para o curso de minha opção	125	4,49 %
4 - Porque há poucos candidatos por vaga	87	3,13 %
5 - Porque não sabia o que escolher	200	7,19 %
6 - Não pretendo fazer o curso	24	0,86 %
Não responderam	768	27,60 %
Total	2782	100,00 %

As respostas dadas, pela identidade de motivos, foram agrupadas em 3 categorias.

TABELA 24

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com as categorias dos motivos apresentados para 2a. opção

Categorias	Sujeitos	Frequência
Realização Pessoal (Motivos: 1, 2 e 3)	1703	61,22 %
Motivo Pragmático (Motivo: 4)	87	3,13 %
Falta de Opção (Motivos: 5 e 6)	224	8,05 %
Não Responderam	768	27,60 %
Total	2782	100,00 %

Na categoria Realização Pessoal, foi demonstrado que na 2a. opção o jovem procura se aproximar da realização da carreira escolhida em 1a. opção.

Na 2a. categoria, Motivos Pragmáticos, a procura de um curso com menor número de candidatos por vaga caracterizou-se como uma forma simplificada para ingresso na faculdade.

Na 3a. categoria, Indecisão na Escolha ou Falta de Opção, o candidato ve-se impelido a preencher a ficha de inscrição sem entretanto encontrar uma opção que lhe satisfaça. A falta de opção também aparece caracterizando a necessidade que o jovem sente de não deixar opções em branco o que na linguagem própria dos vestibulandos é considerado "queimar opção". Isto pode ser visto como imposição do sistema, por existir, necessariamente precisa ser preenchida, fato que não corresponde à realidade uma vez que poderá ficar em branco.

Nota-se que na 2a. opção, os motivos apresentados como realização pessoal são em número menor que os da 1a. opção, notando-se um aumento dos motivos pragmáticos, categorizados como úteis para facilitar o ingresso na faculdade.

Os dados fornecidos pela COMVEST (Comissão do Vestibular da UNICAMP) relativos aos jovens que prestaram vestibular em 92, mostram que 5,89% dos jovens matriculados entraram na faculdade por 2a. opção. Com respeito à UNICAMP estes dados são aceitáveis uma vez que a 2a. opção é sempre na mesma área que a 1a. opção e se aproximam bastante da carreira escolhida. Entretanto, em outras instituições, onde a relação de 1a. e 2a. opção não acontecem na mesma área, estes dados poderão ser muito significativos uma vez que podem desviar os jovens de sua verdadeira escolha.

TABELA 25

Distribuição dos sujeitos inscritos no vestibular de acordo com os motivos apresentados para a 3a. opção

Motivos	Sujeitos	Frequência
1 - Porque é a que mais se aproxima da minha 1a. opção	688	24,73 %
2 - Porque caso eu consiga transferência de cursos haverá maior aproveitamento de disciplinas	170	6,11 %
3 - Porque é melhor entrar neste curso que ficar fora da faculdade	428	15,38 %
4 - Porque há poucos candidatos por vaga	151	5,43 %
5 - Não sabia o que escolher	125	4,50 %
6 - Não pretendo fazer o curso	19	0,68 %
7 - Poderei fazer o curso com amigos	2	0,07 %
Não Responderam	1199	43,10 %
Total	2782	100,00 %

As respostas acima foram agrupadas em 3 categorias

TABELA 26

Categorias	Sujeitos	Frequência
Realização Pessoal (Motivos: 1 e 2)	858	30,84 %
Motivos Pragmáticos (Motivos: 3 e 4)	579	20,81 %
Falta de Opção (Motivos: 5, 6 e 7)	146	5,25 %
Não Responderam	1199	43,10 %
Total	2782	100,00 %

Na 1a. categoria, Realização Pessoal, como na 2a. opção, são os jovens que demonstram tentar perseguir a carreira pretendida. Todavia, nota-se uma grande queda na frequência que passa para 30,84% na 3a. opção enquanto na 1a. é de 65,49% e na 2a. 61,22%, equivalendo portanto a metade das respostas da 1a. e 2a. opção. Com respeito à 3a. opção os dados da COMVEST mostram que 1,5% dos alunos matriculados na UNICAMP pelo vestibular 92 foi em 3a. opção.

Na categoria motivos pragmáticos, nota-se que a concorrência é evitada na 1a. opção por 1,71% dos sujeitos, na 2a. opção a concorrência e outros motivos pragmáticos são apontados por 3,13% dos sujeitos e na 3a. opção, os motivos pragmáticos chegam à 20,81% dos sujeitos pesquisados. Sem dúvida alguma é a última chance que o jovem encontra para garantir sua vaga em um curso universitário.

A categoria Falta de Opção, é semelhante a da 2a. opção. O jovem por falta de opção

preenche a ficha de inscrição sem critérios específicos e por vezes afirma que não vai cursar a 3a. opção se acaso passar. A realidade entretanto é outra, quando não consegue aprovação nas opções preferidas, matricula-se naquela que rejeitou no momento da inscrição.

Núcleo do Questionamento

Como já foi dito, o objeto central desta pesquisa era detectar se os jovens, no momento da opção no vestibular, estavam concretizando seu projeto de vida perseguindo a carreira de seu sonho. Assim sendo, quando da elaboração do questionário como instrumento de pesquisa, foram elaboradas duas questões, mais propriamente a 6 e 9 com o intuito de confrontar as carreiras pretendidas com as opções feitas. Quando o jovem faz inscrição na carreira pretendida, está havendo a manutenção do projeto de vida, quando isto não acontece, a relação é negativa acontecendo a mudança.

Os dados a seguir apresentam os resultados deste confronto.

TABELA 27

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com as Universidades.

Universidades	Inscrições	Frequência
PUCCAMP	1841	30,53 %
UNICAMP	1815	30,10 %
FUVEST*	1221	20,25 %
Outras	1153	19,12 %
Total	6030	100,00 %

*Fazendo parte da FUVEST está a USP e todas as outras faculdades que admitem alunos através deste exame de seleção.

Pelo total de inscrições, conclue-se que os candidatos fizeram inscrição em mais de uma faculdade, com uma média de 2,16 inscrições por candidato.

O número de faculdades nas quais os sujeitos pesquisados fizeram inscrição, demonstrou que os vestibulandos se inscrevem em diferentes faculdades das mais diversas regiões do país como demonstra a listagem a seguir:

Academia Militar das Agulhas Negras

Academia Militar do Barro Branco

Associação Pe. Anchieta de Ensino

Centro de Ensino Superior

Escola Preparatória de Cadetes do Exército

Escola Naval

Escola Federal de Engenharia de Itajubá

Escola de Farmácia e odontologia de Alfenas

Escola Paulista de Medicina

Escola Superior de Agronomia de Lavras

Escola Superior de Agronomia Luís de Queiroz

Escola Superior de Propaganda e Marketing

Faculdade Salesiana de Tecnologia

Faculdade de Engenharia Industrial

Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero

Faculdade Anhembí Morumbi

Faculdades Metropolitanas Unidas

Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral

Fundação Getúlio Vargas

Fundação Pinhalense de Ensino

Instituto Nacional de Telecomunicações

Instituto Salesiano Dom Bosco

Instituto Militar de Engenharia

Instituto Tecnológico da Aeronáutica

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Universidade de São Paulo
Universidade Estadual Paulista
Universidade Estadual de Campinas
Universidade Estadual de Londrina
Universidade Estadual de Minas Gerais
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Universidade Federal de Santa Catarina
Universidade Federal de Alfenas
Universidade do Rio de Janeiro
Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Mato Grosso
Universidade Federal de Uberlândia
Universidade Federal de Viçosa
Universidade de Brasília
Universidade Federal de São Carlos
Universidade Federal de Goiás
Universidade São Francisco
Universidade Mackenzie
Universidade Metodista de Piracicaba
Universidade de Taubaté
Universidade Católica de Santos

TABELA 28
Distribuição das inscrições de acordo com as carreiras

Carreiras	Inscrições	Frequência %
Medicina	882	14,63
Odontologia	556	9,22
Direito	504	8,36
Administração	220	3,65
Análise de Sistemas	215	3,57
Economia	212	3,52
Engenharia Elétrica	187	3,10
Ciência da Computação	184	3,05
Engenharia Química	143	2,37
Publicidade e Propaganda	140	2,32
Educação Física	140	2,32
Engenharia Mecânica	128	2,12
Pedagogia	123	2,04
Psicologia	116	1,93
Engenharia de Alimentos	110	1,82
Fisioterapia	110	1,82
Biologia	104	1,72
Arquitetura	85	1,41
Outras*	1871	31,03
Total	6030	100,00

*Em outras estão mais de 50 carreiras como mostra a listagem que segue:

Letras, Ciências Sociais, Engenharia Civil, Engenharia Textil, Engenharia Aeronáutica, Engenharia Industrial, Engenharia Sanitária, Engenharia de Minas, Engenharia de Materiais, Engenharia de Produção, Engenharia Metalúrgica, Engenharia Cartográfica, Engenharia mecatrônica, Engenharia Florestal, Engenharia Naval, Engenharia da Computação, Engenharia Agrícola, Dança, Turismo, Urbanização, Química, Farmácia, Física, Geologia, Meteorologia, Oceanografia, Agronomia, Enfermagem, Fonoaudiologia, Nutrição, Estatística, Terapia Ocupacional, Matemática, Ciências Contábeis, Sociologia, Geografia, História, Filosofia, Educação Artística, Serviço Social, Processamento de Dados, Comércio Exterior, Jornalismo, Artes Plásticas, Decoração, Música, Artes Cênicas, Biblioteconomia, Museologia, Linguística, Marinha, Exército, Aeronáutica, Relações Públicas, Relações Internacionais.

TABELA 29

Distribuição dos sujeitos de acordo com as preferências de Universidades nas inscrições feitas

Preferências	Sujeitos	Frequência %
UNICAMP	1131	40,65
FUVEST	491	17,65
PUCCAMP	334	12,01
Outras	259	9,31
Não Responderam	567	20,38
Total	2782	100,00

Comparando-se as inscrições com as preferências Pode-se notar que houve uma inversão. Enquanto nas inscrições a PUCCAMP ocupa o 1o. lugar, entre as preferidas fica em 3o. lugar deixando o 1o. com a UNICAMP.

TABELA 30

Distribuição dos sujeitos de acordo com os motivos apresentados para escolha da Universidade

Motivos	Sujeitos	Frequência %
1 - Orientação de meus pais	50	1,80
2 - Orientação de meus professores	11	0,40
3 - Tem prestígio entre meus amigos	23	0,83
4 - Tem prestígio no mercado de trabalho	342	12,29
5 - Ela oferece ensino gratuito	359	12,90
6 - Ela oferece curso de bom nível	1168	41,89
7 - É a única que oferece o curso que escolhi	158	5,68
8 - Ela oferece possibilidade de mudança a partir do 2o. ano	44	1,58
9 - Perdi outras inscrições	3	0,11
10 - Próxima à residência	210	7,55
11 - Quero sair de casa	2	0,07
12 - Curso da família	2	0,07
13 - Trabalho no ramo	3	0,11
14 - Fácil de entrar	61	2,19
15 - Continuar negócios do pai	1	0,04
16 - Bolsa de Estudo	11	0,39
17 - Curso Noturno	37	1,33
18 - Período de Funcionamento	15	0,54
19 - Religião	1	0,04
20 - Curso mais barato	3	0,11
21 - Encaminha na carreira	1	0,04
22 - Não pode pagar outras inscrições	1	0,14
23 - Curso mais rápido	1	0,04
24 - Não Responderam	272	9,77
Total	2782	100,00

"Ela tem prestígio no mercado de trabalho" Nesta resposta nota-se um grande número de sujeitos. Se a preocupação ao se entrar para uma faculdade está ligada diretamente a formação para o exercício de uma profissão, nada mais real que no momento da escolha se opte por uma Universidade que ofereça maiores condições de competitividade e seja conceituada no mercado.

"Ela oferece ensino gratuito" O índice aqui também é bastante elevado. É inegável este fator para a grande maioria da população brasileira. O alto custo do ensino particular não permite às famílias darem um diploma aos filhos senão pela via das instituições públicas e por este motivo a concorrência em tais instituições fica bem maior.

"Oferece curso de bom nível" Um grande número de sujeitos assinalou esta resposta. Prova de que o jovem está interessado não em qualquer faculdade, mas naquela onde ele possa encontrar a realização de todos seus projetos de crescer como pessoa. Aqui está implícito também o fato de que os diplomas das grandes universidades tem melhor penetração no mercado de trabalho.

"É a única que oferece o curso que escolhi" Nesta resposta estão os jovens que pretendem fazer direito, psicologia, arquitetura, análise de sistemas, etc.. e que não querendo sair de Campinas, ficaram sem opção de outras instituições.

"Ela oferece mudança de um curso para o outro a partir do segundo ano" Com estas respostas nota-se a tendência dos cursos "trampolim". O jovem se candidata a um curso com menos candidatos por vaga já com a intenção de mudar para a opção escolhida no ano seguinte. Muitas vezes a transferência não acontece, o jovem acaba carregando uma profissão não planejada. Pode-se notar aqui uma tendência para o moratório, analisado por J. Marcia, jovens que estão exercitando o direito da escolha sem ainda terem claro aquilo que realmente desejam.

"Próxima à residência" Surpreendente este dado que aparece em índice elevado. É senso comum que o jovem quer sair de casa para ficar longe da supervisão dos pais. Entretanto como mostram os números, é importante para o jovem ficar perto da família, de seus amigos e sentir-se protegido de toda esta evidente violência que nos rodeia. Pode-se também analisar por outro prisma. Se o jovem optar por uma faculdade longe de casa talvez seus pais não tenham

condições de mantê-lo financeiramente. Estes dados são confirmados pelo aumento das inscrições para o vestibular da UNESP, por exemplo, cujos "campi" estão espalhados por todo Estado de São Paulo facilitando ao jovem a permanência em suas cidades de origem e consequentemente perto da família.

"Curso da família" Por tradição de família, por facilidade de emprego, por familiaridade com as funções, o jovem opta pelo curso que os pais, os avós, os tios já vêm cursando ao longo dos anos. Pode-se ver nestes casos, os impedidos ou bloqueados descritos por J. Marcia, jovens que escolheram não por valores próprios, mas por valores tomados de outros e optaram por uma ideologia alheia sem passar pelas experimentações e crises de identidade. Esta crise entretanto poderá aflorar mais tarde quando o jovem, já não mais tão jovem se encontre sem energias para um recomeço.

"Trabalha no ramo" São cursos ligados às funções que os indivíduos já executam em sua vida profissional. Com um curso universitário pretendem conseguir uma melhor formação profissional, aumento de salário ou apenas o "status" que o curso superior oferece.

"Fácil de entrar" esta resposta, em número, destaca-se perante as três anteriores demonstrando que o jovem está determinado a entrar em uma faculdade e a única opção seria inscrever-se em vestibulares menos concorridos. Nota-se aqui que o que importa realmente é conseguir um diploma de curso superior.

"Continuar o negócio do pai" Esta resposta não se configura da mesma maneira que o curso de família, aqui os pais aparecem como empresários e o filho se apresenta como o profissional habilitado par o exercício das atividades desenvolvidas. A frequência é baixa e pode-se considerar, os que ingressam por este motivo, com as mesmas características dos impedidos ou bloqueados.

"Bolsa de Estudos" São pessoas que trabalham nas referidas faculdades e por isso tem isenção de taxas e mensalidades. O fator econômico sempre é relevante.

"Tem curso noturno" Um número significativo de jovens trabalha durante o dia e procura

curso noturnos porque é a única maneira de realizarem seus sonhos de diploma universitário. Todavia, sem analisarem se tais cursos irão corresponder aos seus ideais de promoção pessoal. É grande o número de pessoas que iniciaram um curso superior de má qualidade, perderam o interesse e desistiram. O curso noturno influi na medida em que a maioria dos jovens está entrando no mercado de trabalho muito cedo sendo necessário compatibilizar os horários de estudo e trabalho. Faz-se urgente que os cursos das instituições públicas, como já foi dito, sejam mais divulgados.

"Período de Funcionamento" Não se caracteriza como o anterior, aqui os sujeitos não pretendem estudar em período integral levados por motivos diversos, administrando ou desenvolvendo atividades paralelas ou mesmo cuidando dos filhos. Esta necessidade feminina mostra que apesar de mães não cessa o interesse por um curso superior e este número aumenta na medida em que cada vez mais aumenta o número de mães adolescentes.

"Curso mais barato" Embora o nível de respostas tenha sido quase nulo, é algo que não se pode ignorar. Qual é o preço do Diploma? A que "duras penas" a classe média investe na formação universitária de seu filho e o operário economiza de seu já parco salário para conseguir um diploma para melhorar de vida. Será que no final é recompensado? Os classificados de jornais desmentem esta esperança. É comum encontrar-se "oferece-se motorista particular com bons antecedentes e curso universitário....". Os noticiários de televisão também mostram a realidade "pedagoga optou por trabalho de gari uma vez que o salário é mais compensador". Nesta resposta é justificada a afirmação de Clark de que o custo para a habilitação é fator da distribuição nas diferentes ocupações.

"Encaminha na carreira" Estas respostas vieram principalmente de jovens que pretendem fazer carreira militar e o curso de Teologia.

"Não pode pagar outras" Estas "outras" referem-se às taxas de inscrição. O caso não seria de curso mais barato mas, de inscrição paga com possibilidades de vaga. Na maioria das vezes estes jovens não fazem inscrição para UNICAMP pois para eles seria "jogar dinheiro fora" uma vez que não existe a mínima possibilidade de serem aprovados em um vestibular tão difícil.

"Curso mais rápido" Cursos com menor duração viabilizam a aquisição do diploma em menor tempo, e no caso de faculdades particulares, corresponde a um menor investimento financeiro. Pode-se ver nestas respostas também a preocupação com a concorrência uma vez que cursos mais baratos não atingem o nível de excelência exigido por um grande número de candidatos, como foi demonstrado em outras respostas à esta mesma pergunta.

Todos os motivos apresentados para a preferência de Universidade, pela identidade de propósitos, foram agrupados em categorias.

TABELA 31

Distribuição dos sujeitos de acordo com as categorias dos motivos da escolha da Universidade.

Categorias	Sujeitos	Frequência
Excelência do Ensino (Motivo: 6)	1168	41,99%
Facilidades Financeiras (Motivos: 5, 16, 20 e 22)	374	13,44%
Preocupação com o Futuro (Motivos: 4, 13, 15 e 21)	347	12,47%
Localização (motivos: 7 e 10)	368	13,23%
Outros Motivos (Motivos: 1, 2, 3, 8, 9, 11, 12, 14, 17, 18, 19 e 23)	253	9,09%
Não Responderam	272	9,78%
Total	2782	100,00%

Na primeira categoria, Excelência de Ensino, as respostas demonstraram que acima de tudo os estudantes estão preocupados com o tipo de ensino que a instituição oferece. Foram 41,98% que apontaram este motivo, relacionado principalmente a UNICAMP.

Na segunda categoria, Facilidades Financeiras, estão incluídas as respostas caracterizadas pela demonstração de que o custo de um curso superior é um fator relevante no momento de escolha de uma faculdade.

Na terceira categoria, Preocupação com o Futuro, foram aglutinadas as respostas que supõem uma preocupação que extrapola a Universidade e chega ao mercado de trabalho na previsão de como as carreiras poderão ser absorvidas por ele.

Na 4a. categoria, Localização, nota-se uma grande preocupação em cursar a faculdade na própria cidade de residência. Bastante relevante este dado, como já foi comentado. 13,23% dos jovens respondendo que quer permanecer junto aos pais reforça e confirma antigas pesquisas de Adelson e Douvan feitas em 1966 sobre a relação entre pais e filhos que compactuam para que a convivência entre eles seja mais tranquila e que apesar de não parecer, os filhos, a nova geração, discorda da antiga apenas em superficialidades e não propriamente no que diz respeito a valores mais importantes.

Na quinta categoria, Outros Motivos, as respostas apresentadas demonstram interesses pragmáticos de acomodação às circunstâncias ou de influência do grupo social. Estão nesta categoria, orientação dos pais e professores, influência de amigos, possibilidade de mudança de curso, perda de outras inscrições, curso de família, quer sair de casa, fácil de entrar, curso noturno, período de funcionamento, religião e curso mais barato. Estes motivos entretanto apresentaram uma frequência tão baixa que não justificaram categorias isoladas.

TABELA 32

Distribuição dos sujeitos de acordo com a carreira pretendida se não houvesse vestibular e se houvesse todas as condições necessárias garantidas e a inscrição realmente feita.

Curso	Inscrição Pretendida	Inscrição Feita	Frequência Manutenção	Frequência Mudança
Medicina	432	272	62,96 %	37,04 %
Direito	231	155	67,10 %	32,90 %
Odontologia	223	138	61,88 %	38,12 %
Eng. Elétrica	156	117	75,00 %	25,00 %
C. Computação	139	105	75,53 %	24,47 %
Administração	108	67	62,04 %	37,96 %
Eng. Mecânica	106	64	60,37 %	39,63 %
Publ. Propag.	98	34	34,70 %	65,30 %
Eng. Química	92	71	77,18 %	22,82 %
Arquitetura	70	44	62,85 %	37,15 %
Economia	68	53	77,95 %	22,05 %
Veterinária	68	47	69,12 %	30,08 %
Psicologia	67	34	50,75 %	49,25 %
Educ. Física	55	39	70,90 %	29,10 %
Química	55	37	67,28 %	32,72 %
Eng. Alimentos	49	42	85,72 %	14,28 %
Fisioterapia	47	29	61,71 %	38,29 %
Pedagogia	47	36	76,60 %	23,41 %
Biologia	47	27	57,44 %	42,56 %
Anal. Sistemas	47	24	51,07 %	48,93 %

Pode-se notar que as carreiras pretendidas não correspondem às inscrições na mesma proporção, exceção feita para medicina que permanece em 1o lugar. A carreira com o maior índice de mudança foi a de Publicidade e Propaganda seguida por Psicologia e Análise de Sistemas, todas as três são oferecidas, na região de Campinas, apenas por instituições particulares. Por outro lado, Publicidade e Propaganda e Análise de Sistemas são carreiras que têm apresentado grande número de candidatos por vaga nos últimos anos na PUCCAMP.

Durante o levantamento dos dados e análise dos discursos dos estudantes pesquisados, constatou-se que 35% deles não está concretizando seus projetos de vida. A este respeito, 'a título de ilustração, é oportuno transcrever alguns discursos extraídos das respostas que os sujeitos pesquisados deram à pergunta 9:

"Se ao sair do 3o. colegial você tivesse vaga garantida, no curso e na Universidade que quisesse, sem prestar vestibular, e todas as condições financeiras para cursá-la, o que você escolheria?"

Sonho: Engenharia Elétrica(UNICAMP) *"é o curso que gostaria de fazer, mas como sabemos, a realidade é outra. Tenho que optar por um curso que me agrada e possua baixa concorrência pois a escola pública não está preparando os alunos para o vestibular como deveria ser preparado."* (19 anos)

Sonho: Análise de Sistemas (PUCCAMP) *"o mercado de trabalho é extenso, mas os custos dos estudos são altos, o preço da faculdade ainda maior e as chances são pequenas no vestibular."* (17 anos)

Sonho: Engenharia Mecânica (UNICAMP) *"Não me inscrevi devido ao número candidato/vaga"* (26 anos)

Sonho: Odontologia (UNICAMP) *"Gosto de Odontologia há muito tempo, e na UNICAMP, porque é a melhor faculdade de Campinas. Mas, seria difícil de passar porque o vestibular é muito difícil"* (17 anos)

Sonho: Engenharia Aeronáutica *"Gosto de aviões, principalmente de projetá-los, e entrar no ITA é muito difícil, mas vou entrar o ano que vem caso não entre neste"* (17 anos)

Sonho: Pedagogia (UNICAMP) *"Adoro trabalhar com crianças, já trabalhei durante dois anos. Coloquei Pedagogia como 3a. opção pois temo não passar se tivesse posto em 1a. opção."* (19 anos)

Sonho: Educação Física (UNICAMP) *"Não tenho gabarito para concorrer a uma vaga na UNICAMP"* (20 anos)

Sonho: Administração (USP) *"É a melhor do país, com o vestibular acho difícil entrar esse ano. Mas no próximo quem sabe?"* (17 anos)

Sonho: Medicina (UNICAMP) *"É gratuito e fica em minha cidade e é uma área que muito me interessa. Não me inscrevi, pois acredito não estar apto para ser aprovado nesses vestibulares muito concorridos, então este dinheiro que eu pagaria na inscrição me faria falta."* (17 anos)

Sonho: Engenharia de Alimentos (UNICAMP) *"Com toda esta situação, queria ser dono de meu próprio ramo, Alimentos. Obs. E ainda o Governo quer acabar com as Universidades gratuitas..."* (19 anos)

Sonho: Letras (UNICAMP) *"A minha opção seria a mesma, mas sem vestibular a pressão seria muito menor e o sonho seria maior."* (20 anos)

Para muitos jovens brasileiros, o sonho, o projeto de vida não está se tornando realidade. Esta não permite a realização daquele. O sonhador não acredita no sonhado ou o sacrifício para sua concretização é por vezes muito maior que a satisfação que o sonho poderá trazer.

Será que o jovem está sonhando muito alto? Será que seu projeto de vida está tão fora da realidade? Ou o projeto de vida, a carreira pretendida, não mais faz parte dos ideais e propósitos do jovem pois ele não acredita mais que um dia poderá concretizá-lo?

TABELA 33

Universidades Pretendidas se não houvesse vestibular e todas as condições financeiras fossem garantidas

Universidades	Inscrição Pretendida	Inscrição Feita	Frequência Manutenção	Frequência Mudança
UNICAMP	1350	878	65,03 %	34,97 %
USP	720	530	73,61 %	26,39 %
PUCCAMP	311	248	79,74 %	20,26 %
OUTRAS	401	165	41,14 %	58,86 %
Total	2782	1821	65,45 %	34,55 %

Nota-se que a UNICAMP, universidade de maior número de indicações como sonho ou mais propriamente, universidade pretendida, possui um índice de manutenção nas inscrições bem menor que a PUCCAMP que tem um índice de pretensão bastante baixo.

TABELA 34

Distribuição dos sujeitos de acordo com os motivos da carreira pretendida se não houvesse vestibular e todas as condições financeiras garantidas.

Motivos	Sujeitos	Frequência
1 - Gosto Pessoal	1332	47,88 %
2 - Qualidade a Fauldade	665	23,90 %
3 - Proximidade da Residência	140	5,03 %
4 - Mercado de Trabalho	122	4,39 %
5 - Ajuda ao Próximo	13	0,47 %
6 - Duração do Curso	1	0,04 %
7 - Longe de Casa	4	0,14 %
8 - Não tem Preferência	3	0,11 %
9 - Continuar o Curso Técnico	45	1,62 %
10 - Trabalho no Ramo	46	1,65 %
11 - Continuar o Trabalho do Pai	7	0,25 %
12 - Fácil Acesso	5	0,18 %
13 - Orientação de Pais e Professores	4	0,14 %
14 - Curso Noturno	6	0,22 %
15 - Curso mais Fácil	6	0,22 %
16 - Prestígio Social	7	0,25 %
Não Responderam	376	13,51 %
Total	2782	100,00 %

Em motivos para escolha de carreira, destacou-se como sendo de relevância:-

Gosto Pessoal:- Foi a resposta de um grande número de jovens atingindo 47,89% demonstrando que o jovem não é indeciso quanto à escolha de carreira e escolhe subjetivamente não deixando -se influenciar por outras pessoas. Nestas respostas podemos ver os aquisidores, como diz J. Marcia, jovens que exercitaram o direito de escolha e seguem em frente na certeza de terem escolhido o que mais lhe convém.

Qualidade da Faculdade esta resposta, pelo número, está em segundo lugar. todavia aqui notamos que o jovem confunde carreira com a faculdade no qual vai fazer o curso, ou talvez, para ele, não existe distinção entre carreiras, o importante e estejam acompanhadas do diploma de curso superior e isto basta.

Proximidade da Residência por estas respostas pode-se supor que o jovem abdica da carreira sonhada para não ficar longe de casa. Este "estar perto" dos pais pode querer dizer "sentir-se protegido" ou mesmo da necessidade de manter o vínculo com os pais. Permanece o mesmo sentimento que já foi detectado por Meisnner em 1965 onde a maioria dos sujeitos pesquisados por ele declarou ser muito feliz em casa. Bengston em 1970 e Lubell em 1968 da mesma forma encontraram entre os universitários um grau surpreendente de harmonia e objetivos comuns com seus pais. Mais recentemente em 1992, Shinyashiki concluiu que os jovens não discordam dos pais em seus valores mais sólidos. Portanto o jovem "Geração Cara-Pintada" mantém os mesmos valores da geração de seus pais produzindo um diálogo mais fácil entre pais e filhos. O jovem não sente mais necessidade de sair de casa para ter seu espaço e sua liberdade ainda mais que a permanência em casa facilita o contato com seu grupo de amigos, namorado ou namorada, relacionamentos indispensáveis nesta faixa etária, momento de busca e de definição de uma identidade, processo este amplamente discutido por Erikson.

Mercado de Trabalho o jovem nesta resposta demonstra estar inserido na realidade. Não basta para ele formar-se em determinada carreira se não vai encontrar um mercado que a absorva. É uma demonstração de preocupar-se com a subsistência em um mercado instável. A baixa frequência registrada nesta resposta pode dar um indicativo de que o jovem não tem claro qual a carreira que tem mercado garantido. Olhando pelo prisma de Schaff, vê-se que as exacerbadas mudanças tecnológicas não possibilitam previsões a longo prazo e o jovem tem tomado conhecimento de que a carreira que recompensa financeiramente agora, pode não ter o

mesmo retorno no limiar do século XXI, ocasião em que o vestibulando estará entrando no mercado de trabalho depois de ter cumprido todos os anos de formação acadêmica e ter feito os estágios correspondentes.

TABELA 35

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com as categorias dos motivos apresentados para a escolha da carreira pretendida, se não houvesse vestibular e todas as condições garantidas

Categorias	Sujeitos	Frequência
Motivos Inerentes à Universidade (motivos: 2, 3, 7 e 12)	814	29,26 %
Motivos Inerentes às Carreiras		
Realização Pessoal (Motivos: 1, 5 e 9)	1390	49,96 %
Interesses Financeiros (Motivos: 4 e 10)	168	6,04 %
Outros Motivos (Motivos: 6, 8, 11, 13, 14, 15 e 16)	34	1,22 %
Não Responderam	376	13,52 %
Total	2782	100,00 %

Na 1a. categoria, Motivos Inerentes à Universidade, nota-se claramente que os motivos apresentados ligam-se às instituições e não propriamente aos cursos oferecidos por elas.

Na 2a. categoria, Motivos Inerentes às Carreiras, por serem relevantes à pesquisa, as respostas foram agrupadas em sub-categorias.

Vinculados à Realização Pessoal, estão os motivos ligados às tendências internas do indivíduo na procura de sua realização pessoal ou do bem comum. Neles podemos incluir o gosto pessoal e ajuda ao próximo. Categorizou-se também aquí, a continuação do curso técnico, indicando um prosseguimento de carreira cuja escolha foi decidada ainda no primeiro grau. O

número de 49,96% detectado na realização pessoal, está de acordo com Erikson quando diz que na adolescência a escolha de uma profissão assume um significado que excede a questão de remuneração e status.

Em Motivos Financeiros entraram todos aqueles que foram caracterizados com preocupações financeiras ligadas à remuneração da carreira e a absorção pelo mercado.

Em Outros Motivos, estão: duração do curso, sem preferência, continuar o trabalho do pai, orientação de pais e professores, curso noturno, curso mais fácil e prestígio social, motivos estes que pela fraca representatividade não justificam categorias isoladas.

TABELA 36

Distribuição dos 2782 sujeitos de acordo com os motivos que impediram a manutenção da carreira pretendida

Motivos	Sujeitos	Frequência
1 - Continuar o curso técnico	8	0,29 %
2 - Horário dos cursos	46	1,65 %
3 - Concorrência	311	11,18 %
4 - Distância	52	1,87 %
5 - Falta de condições financeiras	74	2,66 %
6 - Mudança de residência	2	0,07 %
7 - Continuar o trabalho do pai	4	0,14 %
8 - Indecisão na escolha	11	0,40 %
9 - Teste de aptidão	8	0,29 %
10 - Mercado de trabalho	16	0,58 %
11 - Faculdade não tem o curso	169	6,07 %
12 - Perdeu data da inscrição	5	0,18 %
13 - Religião	4	0,14 %
Não Responderam	2072	74,48 %
Total	2782	100,00 %

TABELA 37

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com as categorias dos motivos que impediram a manutenção da carreira pretendida

Categorias	Sujeitos	Frequência
Motivos Inerentes às carreiras (Motivos: 3 e 9)	319	11,47%
Motivos Inerentes às Universidades (Motivos: 4 e 11)	221	7,94%
Motivos Financeiros (Motivos: 2, 5 e 10)	136	4,89%
Outros Motivos (motivos: 1, 6, 7, 8, 12 e 13)	34	1,22%
Não Responderam	2072	74,48%
Total	2782	100,00%

Na 1a. categoria, Motivos Inerentes às carreiras, foram agrupados os sujeitos que responderam justificando que os cursos eram muito concorridos, com grande número de candidatos por vaga ou que exigiam testes de aptidão para os quais os jovens não se julgavam aptos para concorrer.

Na 2a. categoria, Motivos Inerentes à universidade, estavam os jovens cuja prioridade é a faculdade e não propriamente a carreira. Eram seduzidos pela qualidade da instituição, pela gratuidade de seus cursos ou pela localização da mesma deixando de lado o sonho de carreira.

Na 3a. categoria, Motivos Financeiros, incluem-se os jovens que trabalham e por isso optam por cursos compatíveis com seu horário de trabalho ou então jovens que sonham com cursos oferecidos apenas por instituições particulares nas quais não têm condições financeiras de

se manterem. E ainda jovens que pretendem determinado curso mas, que prevêem que o mesmo não lhe dará futuramente garantia de subsistência.

Na 4a. categoria, Outros Motivos, foram englobadas respostas com uma porcentagem baixa demonstrando que não merecem categorias isoladas como continuar curso técnico, mudança de residência, continuar o trabalho do pai, indecisão de escolha, perdeu data da inscrição e religião.

Como foi visto, várias foram as causas apontadas pelo jovem para não ter feito inscrição na carreira pretendida, entretanto, sem dúvida, a CONCORRÊNCIA destaca-se como um fator de grande relevância no abandono do projeto de vida no momento da inscrição para o vestibular e consequentemente da formação profissional.

TABELA 38

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com a idade em relação a manutenção da carreira pretendida

Faixa Etária	Inscrição Pretendida	Inscrição Feita	Frequência Manutenção	Frequência Mudança
16-17 anos	852	610	71,59%	28,41%
18 anos	775	528	68,12%	31,88%
19-20 anos	698	430	61,60%	38,40%
21 à 41 anos	453	250	55,18%	44,82%
Não Responderam	4			
Total	2782	1818	65,34%	34,66%

Nota-se que entre os sujeitos mais velhos a manutenção é menor. É uma demonstração de que o jovem abandona a carreira pretendida mas não perde o interesse em fazer um curso universitário.

TABELA 39

Distribuição dos 2782 sujeitos inscritos no vestibular de acordo com o sexo em relação a manutenção da carreira pretendida no momento da inscrição

Sexo	Inscrição Pretendida	Inscrição Feita	Frequência Manutenção	Frequência Mudança
Feminino	1528	1022	66,88%	33,12%
Masculino	1246	792	63,56%	36,44%
Não Responderam	8			
Total	2782	1814	65,20%	34,80%

Nota-se uma frequência maior de manutenção da carreira pretendida entre os sujeitos do sexo feminino, entretanto é uma diferença muito pequena para ser considerada relevante.

TABELA 40

Distribuição dos 2782 sujeitos de acordo com o curso que frequentam em relação a manutenção da carreira pretendida e a inscrição no vestibular

Cursos	Inscrições Pretendida	Inscrição Feita	Frequência Manutenção	Frequência Mudança
3o. Colegial	1652	977	59,14%	41,07%
3o. Colegial e Cursinho	376	295	78,45%	15,42%
Cursinho	702	541	77,06%	22,94%
Não Responderam	52			
Total	2782	1813	65,16%	34,84%

Na manutenção da carreira pretendida, o maior índice está entre os alunos que frequentam o colegial e "cursinho". Isto é plenamente justificável uma vez que frequentando dois cursos ao mesmo tempo o jovem demonstra que está se dedicando totalmente a preparar-se para o vestibular o que pode dar-lhe mais segurança. Por outro lado, são jovens que não têm problemas financeiros que os impossibilitem de seguir a carreira pretendida. A ligeira queda entre jovens que frequentam apenas o cursinho, demonstra que experiências negativas anteriores, uma vez que certamente já prestaram vestibular quando terminaram o colegial, podem influir na manutenção da carreira pretendida. O baixo índice de manutenção registrado entre os alunos de 3o. colegial, pode ser justificado por quatro razões: as condições financeiras precárias dos estudantes de escola pública que limitam-se a cursos oferecidos em período noturno; a falta de confiança que os alunos de escola pública têm com relação ao ensino que recebem que não lhes proporciona segurança suficiente para inscreverem-se em exames de seleção concorridos; a falta orientação e informação sobre os cursos e as reais possibilidades oferecidas pelas instituições de ensino superior e finalmente, a pseudo necessidade de um diploma universitário.

CAPÍTULO - V

V - CONCLUSÃO

Pela análise dos dados obtidos, é impossível afirmar com precisão qual é o fator determinante da escolha profissional no momento da inscrição, quando o jovem faz sua opção para o concurso vestibular.

Pela pesquisa feita, detectou-se que dentre os fatores apontados como de relevância estão o gosto pessoal, a qualidade da faculdade, proximidade da residência e o mercado de trabalho.

Por outro lado, entre os fatores que impediram a inscrição na carreira pretendida, a concorrência emerge como a grande vilã na obstrução dos projetos de vida, seguida pelas condições financeiras insuficientes.

À luz das teorias desenvolvimentistas, tem-se claro que a escolha não é um momento, mas um processo que vai se cristalizando. Se para Ginzberg esta fase realista de cristalização e especificação só é alcançada por volta dos 21 anos, época em que a maioria dos jovens brasileiros, classe média, já está no 3o. ano do curso superior, então a opção foi feita no momento inoportuno, muito antecipadamente.

No instante em que o jovem ao fazer sua opção, abandona seu projeto de vida para inscrever-se em cursos com menos candidatos por vaga, as explicações são dadas pelas teorias decisoriais, mais propriamente por Hilton ao falar da dissonância cognitiva na tomada de decisão. Tentando chegar a um equilíbrio e procurando baixar o limiar de incoerência, de dissonância com o estímulo, o indivíduo tenta modificar o estímulo ou seu conhecimento sobre ele. No caso da escolha profissional, o jovem sentindo que não terá condições de concretizar seus objetivos por falta de condições de competitividade, procura uma outra carreira minimizando os desgastes emocionais e diminuindo o limiar da dissonância. Esta, porém não é a solução para o problema, visto que apenas o afasta temporariamente uma vez que resultados desastrosos deste

mecanismo podem advir em épocas tardias quando será mais difícil reconsiderar e fazer novas escolhas.

Como foi visto, Erikson diz que as crises que resultam em desagregação da personalidade devem ao fato dos indivíduos terem perdido o sentido de mesmidade pessoal e de sua continuidade histórica, mesmidade e continuidade que vão se construindo ao longo dos anos a partir do primeiro encontro da mãe com seu bebê passando pelas oito idades do homem resultando numa interação contínua do sistema biológico, social e individual inseparáveis e interdependentes configurando-se de forma psíquica, ideológica e profissional.

Erikson ao privilegiar a quinta idade - onde, em nossa sociedade está localizada a escolha profissional do jovem - afirma que a adolescência é um período de "moratorium", entendendo que o jovem necessita - para manter sua mesmidade pessoal e sua continuidade histórica - de um momento para "respirar", para experimentar, para testar alternativas, para exercitar escolhas isto porque concorda com Piaget na caracterização desta fase como sendo do pensamento hipotético-dedutivo que coloca possibilidades infinitas para a vida futura. Ao transpor esta fase sem vivenciá-la, diz Erikson, o indivíduo deixará aspectos inexplorados e vai chegar à idade adulta com uma sensação de "truncamento".

Neste sentido pode-se considerar o vestibular como uma espécie de truncamento na medida em que força o jovem a tomar uma decisão para a qual não está "maduro", preparado.

Ao optar, precipitadamente por carreiras que não fazem parte de sua história, de sua mesmidade, de seu projeto de vida, o jovem está se candidatando a ser um profissional desinteressado, inadaptado, insatisfeito. Será mais um profissional de má qualidade que estará entrando no mercado. No exercício profissional, enquanto tais profissões estão ligadas à peças, máquinas e coisas, os danos são grandes mais suportáveis, mas quando estas peças, máquinas e coisas estão diretamente ligadas à vida humana e principalmente quando tais atividades profissionais tratam da Vida, então estes danos são irreparáveis.

Quanto ao profissional, vamos encontrá-lo infeliz uma vez que não conseguiu a concretização plena de sua identidade. Para ele sobra apenas a esperança da aposentadoria,

quando poderá como "hobby" realizar seus projetos há muito tempo adormecidos. Este fato, no Brasil é um tanto incomum de acontecer uma vez que a média de vida da população é baixa e a legislação que rege a aposentadoria não permite uma vida digna após a mesma.

Voltando-se a questão se o jovem escolhe ou é escolhido, o esquema conceitual de Blau e colaboradores presta alguns esclarecimentos quando afirma que a escolha ocupacional depende da decisão dos selecionadores, pessoas cuja ação possibilita ou não a chance dos candidatos obterem a posição sonhada e que o processo de escolha profissional é condicionado pela matriz social do qual o indivíduo se desenvolveu, pelas necessidades do mercado do qual o indivíduo está próximo e pela forma de seleção pela qual ele é escolhido. Sem dúvida, nesta pesquisa, estes fatos foram constatados.

Conclui-se portanto que em nossa sociedade nem sempre o jovem tem possibilidades de escolher sua profissão uma vez que não lhe é dada a oportunidades de cristalizar suas alternativas; e, em as cristalizando não lhe são oferecidas vagas suficientes; e que ao possibilitar um exame de seleção, em muitos casos, a sociedade não lhe dá condições educacionais que lhe assegurem a competitividade; finalmente, a idéia liberal tão difundida de que todos têm os mesmos direitos não se concretiza para os jovens da classe operária que não têm nem mesmo as condições financeiras de pagarem a inscrição para tal exame de seleção.

A conclusão final é que o vestibular realizado em um momento de imaturidade do indivíduo provoca uma interrupção na construção da identidade introduzindo o jovem em carreiras não pretendidas. A precipitação exigida pela inscrição e a falta de opções decorrentes do contexto sócio-econômico tira do jovem, sujeito da escolha, o exercício do direito de escolher, lançando-o no mercado depois de 4 ou 5 anos sem o mínimo de energia criadora, necessária ao exercício da verdadeira profissão que completa a personalidade sadia em sua configuração psíquica, biológica e profissional.

CAPÍTULO - VI

VI - PROPOSTAS

A partir das conclusões sentiu-se a necessidade de repensar sobre o vestibular.

- Porque, ele não seleciona para um ciclo básico específico para cada área? Durante este ciclo básico o estudante teria o tempo de amadurecimento suficiente e as informações necessárias para fazer a verdadeira escolha sem as pressões impostas pelo exame de seleção.
- Seria de suma importância, também a ampliação de cursos na área de humanas da Unicamp, aumentando as opções dos estudantes que pretendem seguir carreiras nesta área (psicologia, direito, administração) e que precisam da Universidade Pública por falta de condições financeiras.
- Perante à realidade encontrada nas escolas públicas, representada por uma grande população desta pesquisa, e conhecendo o crescimento das oportunidades e os horizontes abertos pelos cursos noturnos em instituições públicas, ve-se a possibilidade de perspectivas mais animadoras se houver o propósito de um efetivo trabalho de esclarecimento da população jovem que frequenta os cursos de 2o. grau de escolas públicas.

Este trabalho de esclarecimento poderá ser feito através do orientador educacional com a organização de um Serviço de Orientação Vocacional para:

- Realização de palestras divulgando os cursos noturnos e dando informações detalhadas sobre eles e sobre o exercício da profissão para a qual estão habilitando, mostrando as implicações das carreiras e a atual absorção pelo mercado e isto não apenas para o curso colegial mas também para os alunos de 8a. série, momento em que poderão ser encaminhados para cursos profissionalizantes.
- Organização de um serviço de apoio ao estudante interessado em prestar vestibular orientando-o e auxiliando-o em suas deficiências de aprendizagem.

Entretanto, primeiramente se faz necessário a volta do orientador, legalmente institucionalizado, para a escola pública. Isto não é utópico uma vez que o serviço de orientação não vai trazer custos elevados se levarmos em conta os benefícios advindos daí.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABERASTURY, A. e Knobel M. *"A Adolescência Normal"*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1981.
- ADORNO, T. e DHorkheimer, M. *"Dialética do Esclarecimento"*. RJ - Zahar - 1986
- ALVES, Rubem. *"Estórias de quem gosta de ensinar"*. S.P. Cortez. 1986
- ARAUJO, José Mamede. *"Nível de Continuidade das Escolas Profissionalizantes de 2o. Grau."* Dissertação de Mestrado-UFRJ-1980
- ARENDT, Hanna. *"Entre o Passado e o Futuro"*. S.P. Perspectiva. 1972
- AZZI, Sandra. *"Relação entre Concurso Vestibular e o desempenho acadêmico."* Dissertação de Mestrado-PUCRJ-1972
- BARBANTE, Elza M.P. *"Estudo de um inventário de interesses no contexto universitário de Londrina."* Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 1980.
- BENJAMIN, Alfred. *"A Entrevista de Ajuda"*. S.P. Martins Fontes. 1988.
- BENJAMIM, Walter. *"Magia e Técnica, Arte e Política."* SP. Brasiliense. 1985
- BERGER, Peter. *"A Construção Social da Realidade."* Petrópolis. Vozes. 1973
- _____. *"Perspectivas Sociológicas."* Petrópolis. Vozes. 1986
- BICUDO, M.A.V. *"Um Novo Enfoque em Orientação Educacional."* Tese. F.F. Ciências e Letras. Rio Claro. 1972

- BOROSLAVSKY, Rodolfo. *"Orientação Vocacional e Estratégia Clínica."* SP. Martins Fontes. 1977.
- BRAVERMANN, Harry. *"Trabalho e Capital Monopolista."* RJ. Zahar. 1977
- BRUNS, M.A.T. *"Não era bem isto que eu esperava da Universidade - Um Estudo de Escolhas Profissionais"*. Tese de Doutorado. FE. UNICAMP. 1992.
- CANUTO, V.R.A. *"Políticos e Educadores. A Organização do Ensino Superior no Brasil."* Petrópolis. Vozes. 1987.
- CAPALDO, Creusa. *"Metodologia das Ciências Sociais-A Fenomenologia de Alfred Schutz"*. Antares Universitária. 1979
- CLIMACO, A.A. de S. *"Repensando as Concepções de Adolescência"*. Dissertação de Mestrado. PUCSP. 1990.
- COVRE, M.L.M. (org.) *"A cidadania que não temos."* SP. Brasiliense. 1986
- CUNHA, L.A. *"Educação e Desenvolvimento Social no Brasil."* SP. Francisco Alves. 1983.
- _____. *"A Educação e a Construção de Uma Sociedade Aberta."* S.P. Francisco Alves. 1983.
- _____. *"Ensino Superior no Plano Collor"* In: Revista Educação e Sociedade. No. 36. S.P. Vértice. Agosto/1990.
- CUNHA, Newton. *"A Felicidade Imaginada. A Negação do Trabalho e do Lazer."* S.P. Brasiliense. 1987.
- DELGADO, I.V. *"Nuevas Prácticas de Orientacion Vocacional"*. México. Trillas. 1975.

- DEMO, Pedro. *"Avaliação Qualitativa."* SP. Cortez. 1987
- DOLLE, J.M. *"Para compreender Jean Piaget."* RJ. Guanabara. 1987
- ENGELS, Friedrich. *"A Dialética da Natureza."* S.P. Paz e Terra. 1979
- ENGUITA, M.F. *"La Economia y el Discurso sobre la Educacion"*. In: Revista Educação e Sociedade no. 34.S.P. Cortez. Dezembro/1989.
- ERIKSON, E.H. *"Identidade, Juventude e Crise."* R.J. Zahar. 1987
- _____. *"Infância e Sociedade"*. R.J. Zahar. 1976.
- FAZENDA, Ivani. (org.) *"Metodologia da Pesquisa Educacional."* S.P. 1989
- FERREIRA, M.S. *"Escolha Profissional-Opção ou Imposição."* Dissertação de Mestrado. UFSCAR.1978
- FERRETI, C.J. *"Uma Nova Proposta de Orientação Profissional."* S.P. Cortez. 1988
- FESTINGER, Leon. *"Teoria da Dissonância Cognitiva."* R.J. Zahar. 1975.
- FINI, L.D.T. *"Análise do Desenvolvimento Moral em Kolberg."* Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 1979
- FOUCAULT, Michel. *"Microfísica do Poder"* R.J. Geral Ltda.1989.
- FRANÇA, Carlos. *"Psicologia Fenomenológica."* Campinas. Editora Unicamp. 1989
- FREIRE, P. Shor, I. *"Medo e Ousadia."* S.P. Paz e Terra. 1987
- FREITAG, Bárbara. *"Escola, Estado e Sociedade."* S.P. Cortez & Moraes. 1979.

- FREUD, Sigmund. *"O Mal Estar da Civilização."* Imago Editora Ltda. 1969.
- FRIEDMANN. *"O Trabalho em Migalhas."* S.P. Perspectiva FROMM, Eric. "Ter ou Ser?" R.J. Guanabara. 1987.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *"Avaliação Institucional-Acesso à Universidade"*. Revista Estudos em Avaliação Educacional. S.P. Jan./Jun. 1990
- FURTADO, Celso. *"Formação Econômica do Brasil."* S.P. Companhia Editora Nacional. 1984
- GADOTT, Moacir. *"Educação e Poder."* S.P. Cortez. 1987.
- GALLATIN, Judith. *"Adolescência e Individualidade"*. S.P. Harper & Row do Brasil Ltda. 1978.
- GAMA, E.M.P. *"Sobre a adequação de escolhas vocacionais de universitários."* Dissertação de Mestrado. USP. 1973
- GARAUDY, Roger. *"Para Conhecer Hegel."* Porto Alegre. LSPM. 1983
- GEMELLI, Agostino. *"Orientação Profissional"*. R.J. Ibero Americano. 1963.
- GHISLENI, M.A. et HESS, J.R. organ. *"O Jovem Perante a Religião e a Política."* S.P. Santuário. 1992
- GILES, T.R. *"História do Existencialismo e da Fenomenologia."* S.P. EDUSP. 1975.
- GOLDBERG, M.A. *"Orientação e Universidade."* Tese. USP. 1969.
- GOULART, I. B. *"Psicologia da Educação."* S.P. Vozes. 1987.
- HEGEL, G.W.F. *"Introdução a História da Filosofia."* S.P. Hemus. 1983.

HEIBREDER, Edna. *"Psicologia do Sec. XX."* S.P. Editora Mestre Jou. 1981.

HILL, W.F. *"Aprendizagem."* R.J. Guanabara Dois. 1981.

HYPOLITE, Jean. *"Introdução a Filosofia da História de Hegel."* R.J. Civilização Brasileira. 1971.

JOÃO PAULO II, Papa. *"Laborem Exercens. O Trabalho Humano."* Carta Encíclica. S.P. Paulinas. 1981

KAWAMURA, Lili. *"Novas Tecnologias e Educação."* S.P. Ática. 1990.

KNELLER, George. *"Introdução a Filosofia da Educação."* R.J. Zahar. 1973

KOWARZIK, W.S. *"Pedagogia Dialética"*. S.P. Brasiliensa. 1983.

LEONTIEV, Alexis. *"O Desenvolvimento do Psiquismo"*. Lisboa. Horizonte Universitário. 1978.

LOWY, Max. *"As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchausen."* S.P. Busca Vida. 1990.

LUSVARGHI, M.I.N. *"Orientação Educacional e Educação Transformadora"* Tese de Mestrado. F.E. UNICAMP. 1987.

LUDKE, M. e André, M. *"A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas."* S.P. EPU. 1986.

MAISINI, E.F.S. *"Aconselhamento Escolar."* S.P. Loyola. 1984.

MAY, Rollo. *"Psicologia e Dilema Humano."* R.J. Zahar. 1977.

_____. *"O Homem a Procura de Si Mesmo."* Petrópolis. Vozes. 1991.

- _____. *"A Arte do Aconselhamento Psicológico"*. Petrópolis. Vozes. 1990.
- MARTINS, J. e BICUDO, M.A.V. *"A Pesquisa Qualitativa em Psicologia."* S.P. EDUC. 1989.
- MARTINS, J. e BICUDO, M.A.V. *"Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação."* S.P. Moraes. 1980.
- MARQUES, A.R.N. *"A Ciência do Direito."* R.J. Forense. 1983.
- MARX, Karl. *"O Capital."* Livro I Vol I. S.P. Difel. 1983.
- MILLS, Wright. *"A Nova Classe Média."* R.J. Zahar. 1976.
- MONTEZUMA, M.M.F. *"Subcultura Adolescente: Indicadores de sua Emergência."* Tese. UNICAMP.
- MORAIS, J.F.R. *"O Questionamento Ético na Ciência e na Tecnologia."* In: Revista Brasileira de Engenharia Química. S.P. 1989.
- MOSQUERA, J.J. *"Adolescência e Provação."* Porto Alegre. Sulina. 1974.
- NAVILLE, Pierre. *"Théorie de l'orientationn professionnelle."* France. Gallimard. 1972.
- NORONHA, O.M. *"A Constituição da Classe Trabalhadora na Primeira República (1889-1930): a Produção da Noção Ideológica de Trabalho e Educação"*. 4In: Revista Pro-Posições. FE. UNICAMP. Campinas. Julho/1990.
- OLIVEIRA, M.I. *"Auto-Estima, subsídios para avaliação em universitários."* Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 1984.
- OLIVEIRA, G.C. *"A Auto-estima do Adolescente em situação de Provação."* Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 1979.

- PELLETIER, D. et alii. *"O Desenvolvimento Vocacional e Crescimento Pessoal."* Petrópolis. Vozes. 1982.
- PENHA, João da. *"O Que É Existencialismo."* S.P. Brasiliense. 1985.
- PEREIRA, E.M.A. *"Universidade e Utopia."* Tese. UNICAMP. 1989.
- PIAGET, Jean. *"Seis Estudos de Psicologia."* R.J. Forense. 1972.
- _____. *"Estudos Sociológicos."* R.J. Forense. 1973.
- _____. *"O Julgamento Moral na Criança."* S.P. Editora Mestre Jou. 1973.
- _____. *"Para onde vai a Educação."* R.J. José Olympio. 1988.
- PIMENTA, S.G. *"Orientação Vocacional e Decisão-estudo Crítico da Situação no Brasil."* S.P. Loyola. 1986.
- PINO, Angel. *"L'Identité Psychosociale. Analyse du Concept et ses Implications Psychopathologiques"*. These.U.C. Louvain. 1970.
- _____. *"O Desenvolvimento Psíquico"*. Apostila. Unicamp. 1988.
- _____. *"Fatores do Desenvolvimento Psíquico"*. Apostila. Unicamp. 1988.
- _____. *"Desenvolvimento Afetivo e Vida de Relação"*. Apostila. UNICAMP. 1988.
- PUENTE, Miquel de La (org.) *"Tendências Contemporâneas da Psicologia da Motivação"*. S.P. Cortez. 1982.
- RAPPAPORT, Clara et alii. *"Psicologia do Desenvolvimento"*. S.P. EPU. 1981.

- RATTNER, Henrique. *"Política Industrial-Projeto Social"*. S.P. Brasiliense. 1988.
- RIPPER, A.V. *"Análise do Sistema de Seleção em 2 fases introduzidas no vestibular da Fuvest"*. Tese. UNICAMP. 1977.
- RODRIGUES, J.A. organ. *"Durkheim."* S.P. Ática. 1984.
- ROGERS, C.R. *"Sobre o Poder Pessoal"*. S.P. Martins Fontes. 1989.
- ROSENBERG, Morris. *"La Autoimagem del Adolescente y la Sociedad"*. Buenos Aires. Paidós. 1973.
- SAMLER, Joseph. *"The Vocational Counselor and Social Action."* In: Special Suplement. N.G.V.A. USA. 1968.
- SANTOS, L.G. *"Desregulagens"* S.P. Brasiliense-Funcamp. 1981.
- SANTOS, W. dos. *"A Verdade sobre o Vestibular"*. S.P. Ática. 1988.
- SAVIANI, Dermeval. *"Ensino Público e Algumas Falas sobre a Universidade"*. S.P. Cortez. 1984.
- _____. *"Educação-do Senso Comum à Consciência Filosófica"*. S.P. Cortez. 1983.
- _____. *"Escola e Democracia"*. S.P. Cortez. 1988.
- SCHAFF, Adam. *"A Sociedade Informática."* S.P. Editora UNESP. Brasiliense. 1990.
- SELLTIZ et alii. *"Métodos de Pesquisa Nas Relações Sociais."* S.P. E.P.U. 1975.
- SEGNINI, Liliana. *"A Liturgia do Poder-Trabalho e Disciplina"* S.P. EDUC. 1988.
- SILVA, L.B.C. *"A Escolha de Profissão: Uma Abordagem Psicossocial."* Tese de Mestrado. F.E.

USP. 1990.

SILVA, M.M.V.G. *"Características dos estudantes, exame vestibular e desempenho na Universidade."* Dissertação de Mestrado. PUCRJ. 1977.

SKINNER, B.F. *"Ciência do Comportamento Humano."* S.P. Martins Fontes. 1989.

_____. *"O Mito da Liberdade"* S.P. SUMMUS Editorial. 1971.

STEINER, G. *"No Castelo do Barba Azul"*. S.P. Companhia das Letras. 1990.

SUTHERLAND, Peter. *"1 de Janeiro de 1993. O que vai mudar na Europa."* Lisboa. Edições 70. 1988.

TARKOVSKI, Andrei. *"Esculpir o Tempo."* S.P. Martins Fontes. 1990.

THIOLLENT, Michel. *"Metodologia da Pesquisa-Ação."* S.P. Cortez. 1986.

TIRADOS, R.M.G. *"El Fracasso Escolar em Jovenes Universitários. Um Método para su analisis."* Universidade de Salamanca. In: "Studia Pedagógica" - Revista de Ciências de La Educacion no. 15/16. 1985

TOLEDO, L.M.M. *"Estudo do Conceito do Significado de Trabalho percebido pelo estudante."* Dissertação de Mestrado. Unicamp.

URT, S.C. *"Uma Análise Psicossocial do Significado do Trabalho para os Jovens"* Tese de Doutorado. FE. UNICAMP. 1992.

VICENTINI, M.I. Fini. *"Análise de Auto Percepção e da Percepção Interpessoal do Universitário."* Tese. UNICAMP. 1976.

VYGOTSKY, L.S. *"A Formação Social da Mente."* S.P. Martins Fontes. 1989

WEBER, Max. *"Sobre a Universidade."* S.P. Cortez. 1989.

_____. *"Sobre a Teoria das Ciências Sociais."* Lisboa. Editorial Presença. 1974

WHITAKER, Dulce. *"A Escolha de Carreira"*, S.P. Moderna. 1985.

ZASLASKI, I. *et alii.* *"Orientação Vocacional: Uma experiência em Processo."* R.J. Eldorado.

ZITOWSKY, Donald. G. *"Vocational Behavior: readings in theory and research"*. New York. Holt, Rinehart and Winston. 1968.

ANEXO I

Questionário

1-Idade : _____ anos

2-Sexo () masc () fem

3-Você está cursando: () só o 3o. colegial
() o 3o. colegial e cursinho
() só o cursinho

4-Você vai prestar vestibular este ano?
() sim () não

5- Em caso negativo, qual foi o motivo para você não se inscrever?

- () não acho importante fazer faculdade
- () o curso colegial já é suficiente
- () a faculdade não vai melhorar minha vida
- () não posso estudar porque preciso trabalhar
- () não tenho condições financeiras de fazer faculdade
- () não tenho condições de passar no vestibular
- () outro motivo _____

6-Em caso afirmativo, quais são as suas opções para o vestibular?

Opção			
Vestibular	1a. opção	2a. opção	3a. opção
PUCCAMP			
Unicamp			
FUVEST			
OUTRA			

7-Dentre as Universidades que você se inscreveu, você tem alguma de sua preferência?

() sim () não

Qual? _____

8-Assinale as razões que determinam a escolha desta Universidade, marcando com o número 1 a mais importante..

- () orientação de meus pais
- () orientação de meus professores
- () ela tem prestígio entre meus amigos
- () ela tem prestígio no mercado de trabalho
- () ela oferece ensino gratuito
- () ela oferece cursos de bom nível
- () é a única que oferece o curso que escolhi
- () ela oferece a possibilidade de mudança de um curso para o outro a partir do 2o. ano.
- () outro motivo. Especifique _____

9- Se ao sair do 3o. colegial você tivesse vaga garantida, no curso e na universidade que quizesse, sem prestar vestibular, e todas as condições financeiras para cursá-la, o que você escolheria?

curso _____ Universidade _____
Justifique _____

10-Pensando na 1a. opção da Universidade de sua preferência, responda quais os motivos que o levaram a fazê-la, e assinale com o número 1 a mais importante.

- ☐ orientação dos meus pais
- ☐ orientação dos meus professores
- ☐ prestígio do curso entre meus amigos
- ☐ mercado de trabalho
- ☐ meus interesses e tendências pessoais
- ☐ porque me permitirá ser útil à sociedade
- ☐ porque me permitirá ter uma profissão bem remunerada.
- ☐ porque dá "status"
- ☐ porque é atual.
- ☐ há poucos candidatos por vaga
- ☐ outro motivo Especifique _____

11-Considerando agora a 2a. opção feita na Universidade de sua preferência e assinale os motivos que influenciaram essa escolha assinalando com o número 1 a mais importante.

- ☐ porque este curso é tão importante para mim quanto o que escolhi em 1a. opção
- ☐ porque é o que mais se assemelha a minha 1a. opção.
- ☐ porque acredito que a partir do 2o. ano, eu poderei mudar para o curso de minha opção
- ☐ porque há poucos candidatos por vaga
- ☐ porque não sabia o que escolher
- ☐ Outro motivo _____

12-Considere agora a 3a. opção que você fez na Universidade de sua preferência e assinale os motivos que o levaram a fazê-la marcando com o número 1 a mais importante.

- ☐ porque é a que mais se aproxima da minha 1a. opção
- ☐ porque caso eu consiga transferência de curso, haverá maior aproveitamento de disciplinas.
- ☐ porque é melhor entrar nesse curso do que ficar fora da universidade.
- ☐ porque há poucos candidatos por vaga.
- ☐ outro motivo _____

13- Você já foi aprovado em algum vestibular?

- ☐ sim
- ☐ não

14- Em caso afirmativo assinale os motivos que o levaram a inscrever-se este ano.

- ☐ não ingressei na 1a. opção
- ☐ não ingressei na Universidade que eu queria
- ☐ entrei na 1a. opção, na Universidade escolhida, mas descobri que não era isto que eu queria.
- ☐ entrei em uma Universidade, que por problemas financeiros, não dava para cursar
- ☐ entrei em uma Universidade que não ofereceu a possibilidade de mudança de curso, a partir do 2o. ano, como eu queria.
- ☐ outro. Especifique _____

15- Você já foi reprovado em algum vestibular?

- ☐ sim
- ☐ não

16- Em caso afirmativo, essa experiência afetou a sua decisão para o vestibular deste ano? Atenção, assinale apenas uma alternativa.

- ☐ não afetou porque estou mantendo as mesmas opções.
- ☐ escolhi cursos com menos candidatos por vaga
- ☐ percebi que não dominava as matérias exigidas para a área e os cursos que havia escolhido anteriormente
- ☐ percebi que não era bem aquilo que eu queria.
- ☐ outro motivo Especifique _____